



Milena do Socorro Oliveira Albuquerque

**Novas tendências no lidar com a morte:
festas/velórios, mídia digitais, espetáculo e personalização**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Comunicação.

Orientador: Prof. José Carlos Souza Rodrigues

Rio de Janeiro
Julho de 2017



Milena do Socorro Oliveira Albuquerque

Novas tendências no lidar com a morte: festas/velórios, mídia digitais, espetáculo e personalização

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. José Carlos Souza Rodrigues

Orientador

Departamento de Comunicação Social – PUC-Rio

Prof. Tatiana Oliveira Siciliano

Departamento de Comunicação Social – PUC-Rio

Prof. José Eudes Araújo Alencar

Departamento de Comunicação Social – PUC-Rio

Prof. Leandro de Paula Santos

UFBA

Profª Rosane Feijão de Toledo Camargo

UERJ

Prof. Augusto César Pinheiro da Silva

Vice-Decano Setorial de Pós-Graduação do
Centro de Ciências Sociais - PUC-Rio

Rio de Janeiro, 30 de julho de 2017

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Milena do Socorro Oliveira Albuquerque

Graduou-se em Comunicação Social: Relações Públicas, na Universidade da Amazônia (Unama), em 1998. Especialista em Assessoria de Imprensa, na Universidade Estácio de Sá (Unesa), em 2000. Mestre em Letras, na Universidade Federal do Pará (UFPA), em 2005. Participou de diversos congressos na área de Comunicação. É atualmente coordenadora do curso de Comunicação Social: Multimídia e do curso de Design de Produtos, da Faculdade Estácio Belém.

Ficha Catalográfica

Albuquerque, Milena do Socorro Oliveira

Novas tendências no lidar com a morte: festas/velórios, mídia digitais, espetáculo e personalização / Milena do Socorro Oliveira Albuquerque; orientador: José Carlos Souza Rodrigues. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Comunicação, 2017.

v., 158 f.: il. ; 29,7 cm

1. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação.

Inclui referências bibliográficas

1. Comunicação Social – Teses. 2. Mediadores. 3. Bibliotecas digitais. 4. Banco de dados. 5. Formatos MARC. 6. Sistemas de recuperação da informação. I. Melo, Rubens N. (Rubens Nascimento). II Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Comunicação. III. Título.

CDD: 302.23

João Davi Albuquerque de Miranda (*in memória*)

Agradecimentos

A concretização desta Tese de Doutorado contou com importantes apoios e incentivos sem os quais não se teria tornado uma realidade. Eu serei eternamente grata.

A Deus, pelo dom da vida e o entendimento da morte.

Aos meus pais, Raimundo Nonato Lima Albuquerque e Maria de Nazaré Oliveira Albuquerque, por todo o apoio, proteção e carinho na concretização dos meus sonhos. Uma palavra de reconhecimento muito especial para eles, pelo amor incondicional e pela forma como ao longo de todos estes anos, tão bem, souberam me ajudar.

Às minhas irmãs, agradeço pelo companheirismo. Em especial a Luana, que nas minhas ausências cuidava dos meus 17 cachorros incansavelmente. Ao Carlos pelo seu carinho e cuidado comigo. Obrigada também por terem me dado os melhores sobrinhos (João, Joaquim e Maria).

Ao meu orientador José Carlos Rodrigues, que teve paciência para me orientar, mesmo à distância, mas sempre presente quando eu mais precisei. Muito obrigada, pelo estímulo, seriedade e parceria na realização deste trabalho.

Aos professores do programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio), pelas contribuições em sala de aula e fora dela; aos funcionários do Departamento de Comunicação, em destaque a Marise Lira de Sousa pela sua intensa dedicação comigo.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Ao casal de amigos, Neida Freitas e Jorge Aboud, que me acolheu em sua residência durante as minhas idas semanais ao Rio de Janeiro, durante um ano e meio, no intuito de cursar as disciplinas do doutorado. Vocês me acolheram com todo o afeto e fizeram de vossa família a minha também. Serei eternamente grata.

Ao Instituto de Estudos Superiores da Amazônia (IESAM), que financiou minhas passagens aéreas ao Rio de Janeiro, no ano de 2013.

Ao Professor Dr. João Batista Sena Costa pelo apoio, minha eterna gratidão por todos os ensinamentos profissionais.

Ao meu orientador do mestrado professor Dr. Gunter Presler que continuou me incentivando a prosseguir na pesquisa e me orientou no período de seleção do Doutorado.

O meu reconhecimento sincero aos meus alunos que colaboraram de forma entusiasta, compartilhando comigo ideias, links e informações relevantes para minha pesquisa.

À minha amiga Marcia Mendes por dividir momentos alegres e tristes de nossa amizade. Aos amigos Otoniel Oliveira, Edilson Pantoja e Rossycléia Nascimento que me ajudaram com indicações de leituras e sugestões para esta pesquisa. Às minhas amigas corredoras e estudantes de mestrado e doutorado, Vinólia Vieira e Jorgete Lago, pelas altas conversas sobre pesquisas e o apoio incondicional recebido por cada uma de vocês.

Ao meu namorado, José Guilherme do Nascimento Silva, ouvinte atento das dúvidas, inquietações, desânimos e sucessos, pelo apoio, pela confiança e pela valorização sempre tão entusiasta do meu trabalho.

Aos meus animais, por me ensinarem a conviver com um amor incondicional.

Resumo

Albuquerque, Milena do Socorro Oliveira; Rodrigues, José Carlos Souza. **Novas tendências no lidar com a morte: festas/velórios, mídia digitais, espetáculo e personalização**. Rio de Janeiro, 2017. 158p. Tese de Doutorado - Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Novas tendências no lidar com a morte: festas/velórios, mídia digitais, espetáculo e personalização” é o tema desta tese que tem o objetivo de examinar as novas tendências no lidar com a perda e de como as pessoas usam a internet para reconfigurar suas manifestações de afeto, tristeza, lembranças, homenagens, especialmente nas áreas mais sensíveis da vida. Formas de fazer com que o fim, a despedida dos seres humanos, seja tão mais fácil e menos desagradável quanto possível. A pesquisa também aborda as novas configurações dos funerais e novas atitudes do homem diante da morte e os novos avanços da ciência e tecnologia. O poder investe a vida, não mais a morte. Nunca se falou tanto na vida, nas interferências da medicina e da tecnologia, daí o desinvestimento da morte, que passa a ser insignificante diante de uma sociedade insaciável por se manter jovem e energizada. Com base nessa observação, a tese faz uma reflexão, através de exemplos de pessoas que se alimentam pela relevância da valorização da vida humana, especificamente no Ocidente e quais as ideias sobre imortalidade, o medo diante da morte e a vida que se recria, ou se deseja recriar após a morte com base no universo tecnológico. A partir desse questionamento, o percurso será baseado numa análise do mercado midiático das empresas funerárias, que têm investido e inovado seu aparato tecnológico, com a finalidade declarada de tornar a hora do adeus menos traumática. Além de se utilizarem das redes sociais, no caso o Facebook, sites especializados e os games, mostrando como esse “eu ausente” ou mesmo o “não pensante” se tornam “vivos”, pois, apesar de finados, têm suas identidades (re)criadas pela representação e reconhecimento dos outros, no intuito de preservação de uma herança digital.

Palavras-chaves

Morte; Mercado Fúnebre; Digital; Tecnologia; Redes Sociais; Personalização; Ressignificação.

Abstract

Albuquerque, Milena do Socorro Oliveira; Rodrigues, José Carlos Souza (Advisor). **New trends in dealing with Death: parties / funeral, digital media, spectacle and personalization.** Rio de Janeiro, 2017. 158p. Tese de Doutorado - Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

New trends in dealing with death: parties/funerals, digital medias, spectacle and personalization" is the theme of this thesis which aims to examine the new trends in dealing with the loss and how people use the internet to reconfigure their expressions of affection, sadness, memories, tributes, especially in the most sensitive areas of life. Ways of making the end, the farewell of human beings, so much easier and less unpleasant as possible. The research also addresses the new configurations of funeral and new attitudes of man in front of death. The power investing in life, no more in death. Never talked so much in life about the interference of medicine and technology, so the disinvestment of death that becomes insignificant before an insatiable society for staying young and energized. Based on this observation, this thesis makes a reflection by examples of people who feed themselves by the relevance of human beings appreciation specially in the West and whose ideas about immortality, the fear before death and the life which recreates itself, or wants to recreate after death based on the technological universe. From this questioning this work will be based on an analysis of the media market of funeral companies that has invested and innovated its technological apparatus with the purpose of making the death hour less traumatic. In addition to using social networks, in this case Facebook, specialized sites and games, showing how this "me absent" or even the "non-thinking" become "alive" because, despite being deceased, has his identity (re) created by the representation and recognition of others, in order to preserve a digital heritage.

Keywords

Death; Market; Funeral; Digital; Technology; Social Networks; Personalization; Redetermination.

Sumário

Introdução	12
PARTE I - Morte	22
1 A morte e seu significado na sociedade ocidental	22
1.1 A Morte Domada	24
1.2 Morte de si mesmo	28
1.3 A morte do outro	32
1.4 A intervenção médica	36
2 A Pesquisa	42
2.1 Da curiosidade à formalização do objeto	42
2.2 Objetivo	45
2.3 Caminhos da pesquisa: cavando informações	46
2.4 A quem a pesquisa foi direcionada e quais os critérios adotados?	53
2.4.1 Como cheguei aos entrevistados	54
2.5 Seleção dos produtos e serviços ofertados no mercado fúnebre	55
2.6 Coleta dos dados	56
2.6.1 Análise dos dados	57
3 Morte Online	62
3.1 Morrer na Era Digital	65
3.1.1 Facebook	81
3.1.2 Games	82
3.1.3 Eter9	83
3.3 A vida que se (re)cria na rede	83
3.4 A difícil tarefa de falar da morte	86
3.4.1 Ressignificação em <i>Morte sem Tabu</i>	86
PARTE II – Tecnologia Digital	96
4 Sobrevida Digital	96
4.1 Os usos de tecnologias para manter o morto “vivo”	96
4.2 Mercado Funerário <i>Online</i>	103
5 Pixels apagados, backup vital	121
5.1 Os caminhos para imortalidade virtual	121
5.1.1 Delírio da transcendência do homem através da tecnologia: o transumanismo	126
5.1.2 O homem “imortal”: a era dos Ciborgues	136
6 Conclusão	144
7 Referências bibliográficas	148

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: depoimento de E. S	58
Figura 3: depoimento de E. M	58
Figura 4: depoimento de P. S	59
Figura 5: depoimento de T. G	59
Figura 6: depoimento de J. C	60
Figura 7: <i>site</i> do Grupo Vila	105
Figura 8: <i>site</i> do Grupo Bom Pastor	106
Figura 9: <i>site</i> Coroas para Velório	107
Figura 10: <i>site</i> da empresa funerária, Recanto da Saudade	108
Figura 11: <i>site</i> Capelas Funerárias Caravaggio	109
Figura 12: <i>site</i> do <i>Le Cimetière Virtuel</i>	110
Figura 13: Planos fúnebres oferecidos pelo <i>site Morte Digital</i> .	111
Figura 14: <i>site</i> da Eterni.me	112
Figura 15: Cemitério Virtual	113
Figura 17: Fogos de Artíficos	117
Figura 18: matéria publicada no G1	117
Figura 19: O Pingente	118
Figura 20: A Convergência Tecnológica	128
Figura 21: Bionic Lens	140

A internet cria uma oportunidade de elaborar o luto, compartilhar sentimentos e prestar homenagens. É altamente necessário um equivalente no ambiente offline. O enlutado deveria ter autorização para sofrer e lamentar enquanto precisasse.

Elaine Alves (psicóloga do Laboratório de Estudos sobre a Morte da universidade de São Paulo)

Introdução

Viver é tão natural quanto morrer, ambos fazem parte do processo da vida humana. Mas a morte não é festejada, em nossa sociedade ocidental, como a vida é. Morrer é desgaste, sofrimento e dor. Uma angústia que o tempo demora para cicatrizar. Por morte, entendemos que é um acontecimento natural, presente na vida dos indivíduos, mas também na maioria das vezes é temida e evitada no convívio social.

Conforme a *Carta sobre a felicidade*, de Epicuro (2002, p. 14), a morte se apresenta como o mais aterrador dos males e é um dever do homem tornar a vida presente a melhor possível. A sociedade ocidental atual busca meios e caminhos para manter a morte distante. Por isso evita falar sobre o assunto. Um tabu que ainda vigora em pleno século XXI, como uma crise que ameaça a estabilidade emocional dos indivíduos.

Com base a uma nova ambiência interacional emergente a partir das mídias digitais, buscamos uma análise focada na interatividade tecnológica e midiática das novas tendências no lidar com a morte. Esta por muito tempo tem sido explicada através da mitologia pela ideia de outra vida no Inferno ou no Paraíso. Esta ideia é talvez uma das formas mais antigas e comuns de enfrentar a finitude da vida, com mais naturalidade e menos sofrimento.

Como suportar a morte ou ao menos lidar com a perda? Em uma época em que se priorizam a existência, a beleza, a juventude e o rejuvenescimento presenciamos a supervalorização da vida. A grande preocupação está em preservar o corpo jovem, os cuidados com a saúde. Assim há pouco lugar para o final da existência. Mas o temor à morte é natural nesta sociedade e está presente em todos os indivíduos. Daí buscar-se a imortalidade, mesmo que apenas numa sobrevida?

A difícil tarefa de aceitá-la como um fato de nossa existência não é o mais complexo, mas aceitar a finitude de todas as vidas, incluindo a nossa e as das pessoas que amamos, causa angústia e desespero. O afastamento é inevitável. Como observou Rodrigues, “para um ser pensante, não é a morte, categoria geral e indefinida, que coloca um problema, mas o fato de que ele, sujeito pensante, morre – o fato de que ‘eu’ morro” (2006, p. 17).

Saber conviver com esse fardo, na sociedade contemporânea, tem sido um grande desafio para o indivíduo que, desde o fim da Idade Média, adquiriu uma forte ligação com a materialidade da vida. Seu interesse está na manutenção e supervalorização da vida. Daí os altos investimentos feitos na ciência médica e no desenvolvimento de formas mais sofisticadas de inteligência artificial. “Não se trata somente de esquecer o morto e de obturar a lacuna que ele deixou. Trata-se também de mobilizar a comunidade para suas relações com o novo parceiro – alma, espírito, ancestral etc. – que a morte criou” (Rodrigues, 2006, p. 75).

Apesar (ou por causa) de todo desenvolvimento da sociedade ocidental, no século XXI, a morte ainda é considerada um tabu. O medo que inspira é grande, de difícil aceitação. Por isso, a sociedade contemporânea do Ocidente ainda trata de “matar” o morto o mais rapidamente possível, agilizando sua passagem por meio de ritos expeditivos, esquecimento rápido, silenciamento da morte, etc. Na análise de alguns teóricos como Rodrigues (2006), DaMatta (1985), Elias (2001), Morin (1997), e Ariès (2012), a morte é um problema filosófico e existencial moderno ligado ao individualismo como ética do nosso tempo e das nossas instituições.

Em algumas culturas, seu significado é de renascimento, um momento de grande alegria e renovação. Em outras, é vista de forma aterrorizante, estranha e distante (Ariès, 1981). Nesta mesma opinião, Rodrigues (2006), ao referir-se à morte na Idade Média, afirma que ela não tinha apenas o lado fúnebre que se conhece hoje; também tinha algo alegre, irreverente, aceitável e democrático. O fato é que não existem sociedades que não se preocupem com seus mortos e com a própria morte.

Apesar de estudos realizados sobre o tema morte, o assunto continua sendo discutido, no intuito de entendê-la ou mesmo desmistificá-la. A morte assusta porque é percebida justamente como uma mudança de estado, um “algo” que modifica a ordem normal da vida (Morin, 1997, p. 26). É o vazio que fica com a perda e a separação: o morto deixa de interagir e, até que esse espaço seja ocupado, leva-se um tempo para restituir o equilíbrio social dos grupos a que o falecido pertencia.

As atitudes em relação à morte e à própria maneira de morrer sofreram mudanças significativas, principalmente pelo reconhecimento da consciência da morte. Rodrigues considera esta consciência como uma marca da humanidade:

(...) sem dúvida uma das conquistas maiores constitutivas do homem e, é com a “(...) consciência de si que aparece um enrijecimento da individualidade, capaz de enfrentar a tirania da espécie”, “(...) o indivíduo, agora consciente de si, chamará morte: a perda de sua individualidade (Rodrigues, 2006, p. 19).

*

Tendo isso em mente e em paralelo a uma nova tendência de funerais e produtos personalizados proporcionados pelas novas tecnologias midiáticas, o mercado funerário tem oferecido a um número crescente de consumidores uma diversidade de produtos e serviços fúnebres. Trata-se com frequência de formas de manter viva a lembrança, prolongando o tempo do morto. O segmento de serviços fúnebres no Brasil cresceu 15% nos últimos anos e é um mercado que movimentava cerca de R\$ 1,5 bilhão anualmente¹.

A partir desse ângulo, ressaltamos o objetivo de analisar essas novas tendências do lidar com a morte: festas/velórios, mídias digitais, espetáculos, personalização... A partir dessas análises buscamos compreender as manifestações de luto, os rituais fúnebres nos ambientes *online* e os avanços tecnológicos e digitais como novas formas de reforçar, reafirmar o tabu da morte, analisado por José Carlos Rodrigues (2006).

Com isso, pretendemos cumprir quatro objetivos específicos. O primeiro é analisar o processo de possível resignificação dos rituais fúnebres, se existentes. O segundo é apresentar o modelo de publicização da morte no campo virtual, para que o leitor entenda o processo de divulgação da(s) morte(s) desde quando discutida abertamente até se tornar censurada no século XX. O terceiro, refletir sobre a questão da morte e de seus rituais a partir das tecnologias digitais: qual a motivação para se realizar o último desejo do falecido? O que leva as famílias a pagar por um "serviço personalizado"? Como as famílias se sentem quando se tornam conscientes de que estranhos estão assistindo aos ritos, compartilhando e opinando sobre/no funeral personalizado? E o que este fenômeno diz sobre: novos panoramas sociais

¹ Disponível em: <http://a8se.com/sergipe/noticia/2014/04/34894-mercado-funebre-empresendedores-investem-em-novidades-no-setor.html>. Acesso em 16 jan. 2016.

da morte? Novos tipos de "lugar" entre público e privado, físico e virtual, proporcionados pela tecnologia da internet e criados por seus usuários? E o quarto, analisar os proclamados avanços da ciência no controle da morte e os possíveis caminhos para imortalidade virtual, oferecidos pelo progresso tecnológico e digital.

*

Desde o surgimento da internet, diversos paradigmas passaram a ser modificados. Para alguns, a sociedade ocidental se deparou com uma nova era, a da revolução científica, técnica e informática. “Estamos obrigados a mudar nosso olhar e buscar novas ferramentas para compreender o fenômeno técnico científico contemporâneo” (Lemos, 2015, p. 25). O início do século XX foi de intensa transformação com o advento tecnológico, considerado por vários autores, como a Terceira Revolução Tecnológica, por introduzir diversas e cruciais invenções técnicas.

Para estes, no século XXI, essas tecnologias, juntamente com a sociedade, não podem ser reduzidas às análises unilaterais que se desenvolveram durante os séculos da modernidade industrial. Acreditam que seja preciso quebrar os paradigmas científicos e os impasses de seus métodos. Segundo Lemos (2015, p. 25):

(...) das primeiras sociedades até as complexas cidades pós-industriais, o homem inventou o fogo, cultivou a terra, domesticou os animais, construiu cidades, dominou a energia, implementou indústrias, conquistou o espaço cósmico, viajou aos confins da matéria e do espaço-tempo. Durante essa trajetória, a tecnologia ganhou significações e representações diversas, em um movimento de vaivém com a vida social.

E essa transformação não foi só na maneira de se comunicar, de interagir, compartilhar e de fazer outras coisas, mas de como ver e de como lidar com situações diversas, principalmente nos procedimentos perante fatos efetivos, emotivos ao encarar as aflições e o medo diante da morte.

A tecnologia midiática vem proporcionando novas formas de discutir a morte livremente. A internet tem um papel fundamental nesse processo, pois se encarrega de facilitar o que já foi normal e até mesmo exigido pela sociedade ocidental, mas que os tempos recentes tornaram mais difícil: o acompanhamento dos mortos até o

sepultamento e a permanência dos mesmos na memória, ao menos por algum tempo.

*

A internet surge, em 1969, com a intenção de atender os interesses militares, uma encomenda do Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América a uma equipe de pesquisa de universidades americanas para que projetasse um sistema de comunicação invulnerável a um eventual ataque nuclear (Castells, 2000). Esse sistema de comunicação foi comercializado na segunda metade da década de 1990. A internet foi privatizada e se tornou tecnologia comercial. No Brasil, em maio de 1995, a Embratel lançou o serviço definitivo de acesso comercial à internet (Abranet, 2005). Atualmente, estão disponíveis às comunidades de pesquisa e aos setores comerciais grandes diversidades de serviços e produtos oferecidos via rede.

No campo midiático, percebemos que o crescimento na veiculação de matérias *online*, que tratam da morte de pessoas que o público não conhece diretamente, tem aumentado e oferecido imensas possibilidades de discussão sobre o assunto. Também tem produzido uma solidariedade mais imaginada do que face-a-face.

Como analisar a internet, ferramenta capaz de construir, estreitar e interagir laços em uma mesma sintonia, mas também capaz de afastá-los e destruí-los? As novas tendências nos ritos fúnebres - festas/velórios virtuais, *streaming* de vídeo, espetacularização na mídia, exposição de mensagens nas redes sociais e a comunidade na rede “Perfil de Gente Morta” (criada para listar os perfis de usuários que já morreram - podem ser consideradas como novas formas de prolongar a vida? De não precipitar o esquecimento?

Em geral a internet tem exercido grande influência na vida das pessoas, que dedicam considerável tempo a este novo espaço. Lévy (1999) afirma que o virtual é a característica essencial do ciberespaço. Para ele, ciberespaço:

[...] É o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de

valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (Lévy, 1999, p. 17).

Daí o desafio de entendermos o fascínio contemporâneo pela manutenção e permanência da imagem do morto, a vocação para a personalização do funeral e a espetacularização da subjetividade potencializada pelas redes sociais do ciberespaço.

*

O interesse acadêmico pelo tema da morte surgiu associado ao de participar do programa em comunicação da PUC-Rio. Durante a entrevista me deparei com a condição da mudança do tema, que aceitei sem restrição ao meu projeto inicial. Não tive dúvida em aceitar, mas não imaginava seguir um caminho que me levasse a descobrir e a aprender novas formas de ver e lidar com o fim da vida.

No início foi temeroso e muito difícil encarar leituras e discussões que até então não conhecia. Para tentar diminuir esse afastamento, busquei uma disciplina na graduação de antropologia e por um semestre, como aluna ouvinte, assisti às aulas da disciplina de Antropologia da Morte, que me ajudaram com a bibliografia para desenvolver um novo projeto.

No decorrer do semestre de 2012, exatamente no dia 04 de novembro, minha família e eu passamos pela maior dor da perda de um parente que não imaginávamos sentir. Era um domingo e eu estava no aeroporto de Belém, indo para mais uma semana de aula na PUC-Rio, pois viajava semanalmente para assistir às aulas, quando recebi uma ligação de casa informando que o meu sobrinho João Davi, de 15 anos, tinha cometido suicídio. Perdi completamente a noção das coisas e segui para casa em busca de informações.

Foi um momento muito difícil, porque sentimos a morte tão próxima de nós e o sentimento de incapacidade tão violento ao ponto de nos desestruturar. Foram meses de sofrimento, mas ao mesmo tempo momentos de muitas reflexões a respeito da morte e do morrer. Em casa, nunca tínhamos conversado tão profundamente sobre o assunto e as leituras me ajudaram intensamente a ver de forma mais simples e a passar a conviver com aquela perda, com o vazio que ficou em nossa casa.

A pesquisa *in loco* realizada, inicialmente, com minha família fez despertar o interesse em iniciar uma análise sobre as novas tendências gerais no lidar com a morte. A busca por mais informações me levou a descobrir o movimento mercadológico das empresas funerárias que organizam festas/velórios, os próprios avanços na ciência no controle da morte e as tecnologias digitais. A possível relação contínua da vida após a morte: trocar lembranças, conversar sobre seus sonhos e esperanças e compartilhar os prazeres que constituem a vida humana por muito tempo depois de nossa carne e ossos terem se transformado em pó.

A espetacularização na mídia, redes sociais e personalização surgiram a partir das percepções manifestadas na própria rede, que, por meio dos recentes recursos tecnológicos de informação, passaram a incentivar e oferecer produtos e serviços fúnebres, cada vez mais, interessantes, inusitados e curiosos, como novas maneiras de enfrentar a perda de um ente querido e mesmo de cultivar a ilusão de eternizá-lo. Além disso, têm-se verificado nas redes sociais “comunidades” (no Facebook, por exemplo) criadas com o intuito de compartilhar também os momentos tristes e de saudade: *blogs* que se tornaram espaços informativos, explicativos e de debates sobre a morte, luto, perda ou curiosidades fúnebres.

Apesar de não ser um tema corriqueiro nas rodas de conversa, a morte tem se mostrado mais presente no ciberespaço como assunto discutido e compartilhado. Percebe-se nas redes sociais que uma quantidade crescente de pessoas aparenta ter uma necessidade muito grande de expor seus sentimentos, nos sites de relacionamentos, nos grupos em que participam, para dividir, com os “amigos”, informações sobre sua vida, seus momentos de alegria e tristeza.

As pesquisas que desenvolvi na internet e com empresas funerárias me revelaram que em sites e redes sociais existem inúmeros aparatos e novidades, fornecidos pelo mercado de bens materiais, referentes aos ritos funerários contemporâneos. Entre as múltiplas opções, caixões personalizados de times de futebol, ataúdes com formato de instrumentos musicais, de carros, de bebidas, de mesa de bilhar... são alguns dos modelos oferecidos. O mercado funerário passou a oferecer até mesmo variadas formas de conviver com as cinzas do morto: transformá-las, por exemplo, em cristal, em diamantes, em perfume, em disco de vinil, em vibrador...

*

A metodologia escolhida foi inspirada nos métodos etnográfico e pela pesquisa na Internet. O primeiro, por envolver uma pesquisa de campo, destaca a importância da presença pessoal do pesquisador que pretende aprender “com os nativos”. O segundo, pela interação interpessoal específica que ocorre na internet, utilizada para analisar temas de interesse ou atividades exercidas pelos participantes nos sites de redes sociais. O trabalho envolveu também pesquisa bibliográfica, em busca de referenciais teóricos e conceituais, analisando e discutindo as várias contribuições científicas pertinentes.

A relevância da revisão bibliográfica é em função de contornar em parte problemas relacionados a tempo e a recursos financeiros, uma vez que um estudo dessa natureza necessariamente envolveria pesquisa de campo mais ampla e mais tempo para a coleta e análise de dados. Mas a pesquisa, mesmo limitada, registrou algumas mudanças simples com relação ao comportamento de alguns dos usuários de internet no lidar com a morte e com o morto.

A relevância do universo tecnológico para entender como as pessoas usam a internet para reconfigurar suas manifestações de afeto, tristeza, lembranças, homenagens, especialmente nas áreas mais sensíveis da vida, estimulou nossa análise no aprofundamento desses questionamentos.

A pesquisa se dividiu em três fases:

Fase 1: a visualização das novas tendências dos ritos fúnebres que empresas do ramo funerários estão adotando, para coletar informações mais detalhadas sobre seu funcionamento. Também selecionamos e analisamos mensagens e imagens postadas na página dos perfis no Facebook, nas quais os usuários emitem comentários durante e depois de receberem informações ou de assistir a velórios virtuais. Nesta fase, também fizemos entrevistas via Facebook com internautas que costumam frequentar velórios virtuais e postar informações e opiniões sobre o evento. Também realizamos entrevistas com familiares e amigos do falecido.

Fase 2: entrevistamos empresários e diretores de funerárias. Essas entrevistas foram realizadas pela internet ou pessoalmente, com o objetivo de avaliar os motivos que levam à disponibilização de novos serviços e de saber como as famílias reagem ao serem informadas de que as imagens do velório estarão disponíveis

também para estranhos. Respeitar a privacidade familiar, o contato em tempo real direto com as famílias, foi um cuidado necessário. Foi bastante útil nesta fase o acesso a algumas dessas pessoas que contrataram o velório virtual, que os diretores das funerárias puderam fornecer, alguns meses após sua realização.

Fase 3: diálogo entre os dados levantados durante a observação/ etnografia e as literaturas relevantes sobre estudos de ritos fúnebres e de internet. O processo analítico não se baseou fundamentalmente em dados estatísticos, mas na tentativa de compreensão da complexidade do assunto. Busquei um resultado qualitativo e interdisciplinar, explorando as características, significados e práticas representadas nessas novas tendências dos ritos fúnebres.

*

O título deste estudo, *Novas tendências no lidar com a morte: festas/velórios, mídias digitais, espetáculo e personalização*, concerne a alguns aspectos da interação estabelecida por pessoas que tentam lidar ou enfrentar a morte através do universo tecnológico e do avanço da ciência na busca da imortalidade do homem.

A estrutura do texto se compõe de duas partes. A primeira parte dividimos em três capítulos. No primeiro, fizemos uma apresentação da morte e de seu significado na sociedade ocidental, que se subdividiu em “A Morte Domada”, “A Morte de Si Mesmo”; “A Morte do Outro e a Intervenção Médica”. Segundo Ariès (2012) e Rodrigues (2006), a morte é partilhada entre os indivíduos, a partir de modos de interação que são vivenciados cotidianamente. Ambos apresentam a preocupação das pessoas em buscar uma forma de “bem morrer”. O conhecimento da morte corresponde, então, ao entendimento de como os indivíduos interpretam a realidade em que estão inseridos e conferem sentido à existência. Com base nessa reflexão, procuramos perceber como as pessoas organizam suas vidas diante da perda de um ente querido, com destaque para a maneira como a cultura influencia na separação das relações afetivas. Partimos, para isso, da perspectiva socioantropológica para captar os significados presentes no fazer cotidiano da nossa sociedade.

No segundo capítulo, apresentamos a forma que nos levou aos dados da pesquisa, citando alguns dos trabalhos que nos proporcionaram inspiração no desenvolvimento do tema. Para essa fase fizemos leituras de teses e dissertações sobre o tema “morte” e suas ramificações. Nesta etapa, também realizamos

entrevistas com o público-alvo da pesquisa (usuários da rede, empresários, famílias de mortos, familiares e amigos do falecido).

No terceiro capítulo exploramos os dados levantados na pesquisa. Mostramos alguns casos de usuários falecidos que tiveram suas *timelines* tomadas por mensagens de pesar, saudades e lamentos. Neste capítulo destacamos e refletimos sobre a Morte Online, subdividido em três seções: 1) morrer na era digital; 2) a vida que se (re)cria na rede e a 3) difícil tarefa de falar da morte, com uma particularidade na discussão sobre o *Blog Morte sem Tabu*, fundado em 2014 pela dramaturga Camila Appel e hospedado no site do jornal *Folha de São Paulo*.

O quarto capítulo compõe a segunda parte da tese, com destaque ao campo tecnológico. Neste capítulo prosseguimos com os resultados da pesquisa, abordando o tema “Sobrevida Digital”, uma “vida” estabelecida pelas pessoas e por suas interligações através de suas “comunidades” digitais. Para melhor discussão do tema, dividimos em dois subcapítulos: “O uso da tecnologia para manter o morto vivo” e “O mercado funerário *Online*”.

Ao último capítulo denominamos “Pixels apagados, backup vital”, uma metáfora sobre o backup que pretende atualizar e manter viva imagem do morto no ciberespaço. Uma forma de discutir sobre os proclamados avanços da ciência no controle da morte e conjecturas a respeito de possíveis caminhos para a virtual imortalidade que a rede tem proporcionado aos falecidos.

PARTE I - Morte

1

A morte e seu significado na sociedade ocidental

A morte é a única certeza absoluta no domínio da vida: evento derradeiro, cujo peso de acontecimento não pode ser negado, mesmo que se lhe negue o valor do aniquilamento.

José Carlos Rodrigues

A existência humana sempre foi assunto marcado por indagações e acontecimentos acerca de sua finitude, o que reflete na maneira pela qual as civilizações foram construindo suas representações sociais. No Ocidente, as mudanças na forma de vivenciar e de enfrentar a morte ocorreram de forma lenta e esse período de transformações quase imperceptíveis foi nomeado de sincrônico por Philippe Ariès (2012, p. 32).

Na história da sociedade ocidental, o significado da morte foi mascarado através das filosofias, mitologias e rituais (Rodrigues, 2006, p. 17), como forma de solucionar as inquietações lógicas e afetivas que a morte suscitava. A difícil tarefa de aceitá-la como um fato de nossa existência não é o mais complexo, mas admitir o fim de todas as vidas, incluindo a nossa e as das pessoas que amamos, causa angústia, desespero e o desejo de mantê-la distante. Como afirma Rodrigues (2006, p. 17) “uma coisa é encarar como algo inscrito necessariamente no destino dos homens em geral, enquanto membros da classe dos seres vivos. Outra coisa é pensar a realidade de cada morte individual”.

Nessa linha de pensamento, Rodrigues, destaca a definição de Jankélévitch²:

[...] morrer não é tornar-se outro, mas vir a ser nada ou, o que quer dizer o mesmo, transformar-se em absolutamente outro, porque, se o relativamente outro é o contraditório do mesmo, se comporta em relação a este como o não-ser em relação ao ser (Rodrigues, 2006, p. 17).

² JANKÉLÉVITCH, V. Philosophie Première, Paris: UF, 1954.

A morte nos desorganiza, muda o andamento normal da vida, nos deprime e o luto se torna uma passagem necessária e uma condição indispensável para que a pessoa, aos poucos, possa retornar às suas atividades, reorganizar-se física e emocionalmente, reaprendendo a viver e a conviver com todas as mudanças que a morte provocou em sua vida. Fatos que fazem parte da vida e devemos, em algum momento, nos deparar com a morte de alguém próximo do nosso ciclo social, estando nós conscientes ou não.

Essa consciência da finitude tem acompanhado todo o processo de transformação que afeta o comportamento sociocultural. Conforme Rodrigues (2006, p. 18), “o homem é o único a ter verdadeiramente consciência da morte, o único a saber que sua estada na Terra é precária, efêmera. [...] A consciência da morte é uma marca da humanidade”. Mas, apesar de ter consciência do fim da vida, a sociedade ocidental nega a morte e evita falar sobre o assunto.

Neste capítulo, a intenção é verificar as mudanças nas atitudes diante da morte mais significativas em termos de conhecimento das construções históricas, realizadas até o XX. A morte sempre esteve cercada de certo sofrimento e consternação. Contudo, esses sentimentos foram vivenciados, de forma diferente, conformes as transformações que os ocidentais assistiram ao longo dos tempos. Iniciamos pela primeira fase da Idade Média (século V até o XII, datação variável conforme os lugares geográficos e as posições sociais), que a morte era aceita de forma mais natural e menos oculta. O morrer em geral era uma cerimônia pública, organizada pelo próprio moribundo, que reunia seus familiares e amigos na simplicidade com que o rito era realizado. Sua familiaridade proporcionava ser mais frequente e acessível nas conversas entre as pessoas do que hoje. Jovens e velhos lidavam com mais naturalidade o fim da vida e por isso a morte era bem menos dissimulada.

Na segunda fase da Idade Média, a partir dos séculos XI e XII, Ariès (2012, p. 49) relata que a atitude diante da morte permanece a mesma da primeira fase, mas já mostra algumas modificações sutis que pouco a pouco darão um sentido dramático e pessoal à família, o que já estará quase plenamente delineado no século XVIII, quando se poderá perceber um novo sentido atribuído à finitude da vida. Nele o indivíduo passou a dramatizar os rituais de separação, a despedida tornou-

se momento de angústia e desespero. A morte começa lentamente a ser ocultada, evita-se crescentemente o assunto para esquivar-se do transtorno da dor.

1.1.

A Morte Domada

É no leito que se morre como é no leito que se dorme. Mas o sono desta noite tem caráter ritual. À espera da morte, o indivíduo se deita com o olhar voltado para o céu, corpo na direção do Oriente, mãos cruzadas sobre o peito, numa posição que a estatuária fúnebre fixará até os nossos olhares.

José Carlos Rodrigues

Vivenciada no ambiente familiar e de forma tranquila, natural, a morte foi nomeada por Philippe Ariès (2012, p. 32) como “Morte Domada”, uma fase vivida com certa intimidade sem ser considerada um tabu. O funeral era cercado por cerimônias públicas e rituais compartilhados por toda a família, amigos, vizinhos e crianças. Por isso, por muito tempo a morte foi considerada um fenômeno comum, costumeiro, que causava uma dor tolerável, uma vez que ainda não era vista como uma ruptura entre o aqui e o além (Rodrigues, 2006, p. 154).

Morte Domada foi um período em que o morrer era público e o moribundo advertido. “Não se morre sem se ter tido tempo de saber que se vai morrer” (Ariès, 2012, p. 31). Essa advertência era comunicada por signos naturais ou ainda, com maior frequência, por uma convicção íntima, mais do que por uma premonição sobrenatural ou mágica (Ariès, 2012, p. 33). O homem a reconhecia de forma espontânea, pois era avisado e, nesse momento histórico, a morte não era algo temível, receava-se não ser comunicado a tempo de sua morte e morrer isolado, sem as devidas cerimônias. “O detestável é morrer em segredo, longe, inesperadamente, sem testemunha, sem cerimonial” (Rodrigues, 2006, p. 104). Isso sim era considerado trágico e aterrorizante.

O moribundo presidia a cerimônia, que era compartilhada por todos os presentes. O cômodo em que se morria era um ambiente público e de livre acesso. As crianças, desde cedo, habitavam esses espaços como forma de se familiarizar com o cenário fúnebre, composto por uma dor controlável e que permanecia num

estágio de normalidade, longe de qualquer situação de desespero exacerbado. “O moribundo desempenha um papel que já lhe é conhecido e por isso pode encená-lo” (Rodrigues, 2006, p. 103): “[...] sabendo do seu fim próximo tomava suas providências e tudo ia sendo feito muito simplesmente” (Ariès, 2012, p. 36).

Destacamos três características do morrer que foram importantes neste período medieval. A primeira: a morte era esperada no leito e o moribundo se deitava de costas a fim de que seu rosto olhasse sempre para o Céu, um ritual prescrito pelos liturgistas do século XIII. Como partes deste ritual estão as lamentações da vida, o perdão aos companheiros e assistentes. A segunda: a morte é uma cerimônia pública e organizada pelo próprio moribundo e morrer era um ritual do qual o personagem principal, por ter já participado dele muitas vezes, conhecia muito bem o protocolo. A terceira, mais importante: a simplicidade com que os ritos da morte eram aceitos e cumpridos, sem caráter dramático e gestos excessivos de emoção. Assim, segundo Ariès (2012, p. 40), morreu-se durante séculos ou milênios.

A antiga atitude segundo a qual a morte é ao mesmo tempo familiar e próxima, por um lado, e atenuada e indiferente, por outro, opõe-se acentuadamente à nossa, segundo a qual a morte amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer seu nome (Ariès, 2012, p. 40).

Outro aspecto dessa familiaridade com a morte foi a coexistência dos vivos e com os mortos, considerado como um fenômeno novo e surpreendente (Ariès, 2012, p. 41), pois desconhecido da Antiguidade pagã e mesmo cristã. Nos tempos medievais não se concebia uma ruptura radical entre a vida e a morte: a concepção geral era de que a morte consistisse em um sono. Imaginava-se também que os falecidos iriam acordar no paraíso: no dia do Grande Despertar, homens e mulheres acordariam todos ao mesmo tempo do sono que a morte constituía, todas as gerações se levantando para doravante viver como contemporâneos.

Enquanto aguardam o momento glorioso do fim dos tempos, os homens dormem. Repousam, esperando o reencontro com Cristo, sentado em seu trono sob um arco-íris, receptivo, envolvido por anjos, evangelistas e patriarcas. Aqui embaixo, os vivos rezam pelo repouso dos mortos, configurando um quadro que se estenderá, penetrando profundamente as concepções populares sobre o além, até os nossos dias: se os mortos dormem, permanecem de certa forma vivos (Rodrigues, 2006, p. 102).

Os antigos temiam a proximidade com os mortos e por isso os mantinham a distância. “Honravam as sepulturas e um dos objetivos dos cultos funerários era impedir que os defuntos voltassem para perturbar os vivos” (Ariès, 2012, p. 41). Daí vêm as práticas de gregos e romanos que visavam a realizar a separação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Rodrigues (2006, p. 106) explica que a prática dos ritos ao pé das sepulturas era, sobretudo, voltada à manutenção dos mortos em seus devidos lugares, a fim de impedir que eles voltassem para ameaçar os vivos.

“A socialização não separava o homem da natureza, na qual só podia intervir por milagre” (Ariès, 2012, p. 49).

Com a morte, o homem se sujeitava a uma das grandes leis da espécie e não cogitava em evitá-la, nem em exaltá-la. Simplesmente a aceitava, apenas como a solenidade necessária para marcar a importância das grandes etapas que cada vida devia sempre transpor (Ariès, 2012, p. 50).

Os mortos passaram a ser considerados impuros, com risco de poluição. Conseqüentemente, os sepultamentos foram proibidos nas cidades e direcionados à beira de estradas, como na Via Appia, em Roma. “Por essa razão, o mundo dos vivos e o mundo dos mortos deveriam ser mantidos radicalmente separados e os contatos submetidos a minuciosos cuidados rituais” (Rodrigues, 2006, 107). Essa atitude das antigas civilizações permitiu a construção dos cemitérios relativamente distantes do convívio social e consentiu o surgimento de túmulos individuais e familiares. As tumbas eram as “casas”, a morada eterna.

Nos tempos medievais, os corpos que antes deveriam ser enterrados fora da cidade passaram a ser sepultados dentro das igrejas, consideradas lugares santos. “Os mortos entrarão nas cidades, de onde estiveram afastados durante milênios” (Ariès, 2012, 41). O aumento do poder do cristianismo na Europa e a afirmação da Igreja Católica como detentora das verdades advindas dos ensinamentos de Cristo fizeram com que suas condutas passassem a ser aceitas por aqueles que queriam estar próximos de Deus. Assim, as práticas antigas foram substituídas por novas. O importante, e imprescindível, era estar próximo dos mártires. Por isso, os defuntos eram enterrados perto do local onde estes mártires eram reconhecidos. Aos poucos, a prática de enterramento dentro das Igrejas ou nas suas imediações passou a ser geral.

Os cemitérios ficavam no entorno das igrejas, que eram geralmente o centro da vida comunitária. De acordo com a proximidade ao qual o falecido era enterrado em relação à igreja, ficava explícita sua colocação social, visto que quanto mais próximo do altar a pessoa fosse enterrada maior o seu prestígio. “Os ‘grandes’ eram enterrados no interior da mesma, entretanto, os desfavorecidos socialmente eram enterrados no pátio em fossas abertas” (Ariès, 2012, p. 41).

A separação entre a abadia cemiterial e a igreja catedral foi então apagada. Os mortos já misturados com os habitantes dos bairros populares da periferia, que se haviam desenvolvido em torno das abadias, penetravam também no coração histórico das cidades. A partir de então não houve mais diferença entre a igreja e o cemitério (Ariès, 2012, p. 43).

Segundo Ariès (2012, p. 43), a igreja e o cemitério não deixavam de ser um ambiente de frequência pública, um lugar de encontro e de divertimento.

[...] O cemitério servia de fórum, de grande praça e de passeio público, onde todos os habitantes da comuna podiam encontrar-se, reunir-se, passear, para os seus assuntos espirituais e temporais, para os seus jogos e amores. Os autores medievais tinham consciência do caráter público do cemitério: opunham o *locus publicus* do seu tempo aos *loci solitarii* dos túmulos pagãos (Ariès, 2012, p. 43).

Estes cemitérios, embora contra as leis municipais e da Igreja (regulamentos cujas numerosas reedições revelam a ineficácia), também serviam como depósitos de dejetos, sanitário público, namoros clandestinos, feiras, bailes e morada de mendigos. As igrejas e os cemitérios eram associados a locais de integração entre o sagrado e o profano, espaços onde aconteciam festas populares e carnalizadas. Considerados como uma grande praça pública, um local de entretenimento e visitação.

O lugar dos mortos era aquele em que se vivia. O cemitério, o centro da vida social. Com a igreja, ele não constituía só ou principalmente o lugar onde se enterravam os mortos: até o século XVII, é uma praça pública, um sítio onde se comercia, em que as proclamações e todos os modos de informação coletiva têm lugar. Aí se passeia, brinca-se e diverte-se. Em suma, é o lugar mais barulhento, movimentado e confuso da cidade (Rodrigues, 2006, p. 110).

O cemitério da Idade Média era o mesmo nos séculos XVI e XVII, constituído pelo pátio retangular da igreja, cuja parede ocupa, geralmente, um de seus quatros lados. Os outros três são frequentemente guarnecidos de arcadas ou de carneiros (ARIÈS, 2012, p. 45-46). Conforme o relato de Ariès (2012, p. 46), os defuntos mais ricos eram enterrados no interior da igreja, não em jazigos abobadados, mas

diretamente na terra, sob as lajes do chão e seus despojos um dia tomavam também o caminho dos ossuários. Ainda não se tinha a ideia moderna de que o morto devia ter uma casa só para si, da qual seria o proprietário perpétuo – ou pelo menos o locatário por muito tempo – de que ali estaria em sua casa, não podendo ser despejado (Ariès, 2012, p. 46).

A preocupação com a destinação dos ossos era inexistente, o que importava era a permanência perto dos santos ou na igreja, perto do altar da Virgem ou do Santo Sacramento. Às igrejas se confiavam os corpos, devendo estas recebê-los para que os conservassem dentro de seus limites sagrados. O fato de que os mortos tenham entrado na igreja e em seu pátio não impediu nem um nem outro de se conservarem locais públicos (Ariès, 2012, p. 46). Esse espaço tinha também a função de asilo e de refúgio.

1.2

Morte de si mesmo

“A consciência de si e a sua biografia se confundiram com o amor a vida”.

José Carlos Rodrigues

A segunda fase da Idade Média (séculos XI e XII) não apresenta uma nova atitude diante da morte, mas sinaliza mudanças sutis, que indicam um sentido mais dramático e pessoal perante a morte. Uma época em que a socialização era presente nas relações: assim como a família não protelava a convivência das crianças com relação à perda de alguém e a presença do morto, também não separava o homem da natureza, na qual se só podia intervir por um milagre. “A familiaridade com a morte era uma forma de aceitação da ordem da natureza, aceitação ao mesmo tempo ingênua na vida cotidiana e sábia nas especulações astrológicas” (Ariès, 2012, p. 49).

Embora a velha ideia do destino coletivo da espécie prevalecesse, alguns fenômenos foram introduzidos em função da preocupação com a particularidade de cada indivíduo. “A representação do Juízo Final; o deslocamento do Juízo para o fim de cada vida; os temas macabros e o interesse dedicado às imagens da

decomposição física; e a volta a epígrafe funerária e a um começo de personalização da sepultura” (Ariès, 2012, p. 50). Esses fenômenos, de alguma forma, representaram a negação da morte, pois o homem ocidental já dava sinal de sua mortalidade, da fragilidade de sua vida, presentes em seu âmago. As preocupações se voltavam para questões individuais e terrenas, levando alguns à procura de racionalização e de ordenação de coisas de seu mundo. Ariès (2012, p. 50) denomina essa fase como “Morte de si mesmo”.

Neste processo o homem gradualmente vai se tornando dono de si, proprietário de seu corpo, de sua própria vida. Passa a se ver e a ser visto como livre, dono de uma biografia individual, com interesses estritamente particulares. Começa a ser entendido como responsável único e solitário por si mesmo e por seu destino. Neste ponto afloram as incertezas sobre a salvação e as dúvidas quanto à imortalidade.

[...] este momento derradeiro é considerado como ponto de passagem para o outro mundo, mas o peso de seu significado como fim da vida terrestre cresce continuamente e o fantasma de uma sepultura aberta começa a incomodar tanto quanto a incerteza sobre qual porta tomar, se a do Céu ou a do Inferno (Rodrigues, 2006, p. 118).

A partir do século XIII, as transformações econômicas ocorreram no mundo ocidental, adiantando o palco de uma luta para vencer a morte e preservar as identidades particulares e individuais. Conforme Rodrigues (2006, p. 123), a significação traumática que a morte passou a transmitir é da “destruição da individualidade e destruição do corpo”. Ao final desse processo, “a consciência de si e de sua biografia se confundem com o amor a vida” (Rodrigues, 2006, p. 124).

No período pré-capitalista, os poderosos foram os primeiros a se individualizar e individualizar suas sepulturas, tentando garantir para si um melhor quinhão de vida eterna: os nobres, os reis, os papas os imperadores (Rodrigues, 2006, p. 122-123).

A classe burguesa, ávida pela vida, conhecedora de sua biografia, passou a pensar na eternidade aqui, na sobrevivência e na tentativa de imobilizar o tempo e assim conseguir preservar os mortos e seus corpos. Atitudes que reafirmam a negação da morte e, ao mesmo tempo, a luta que se trava para alcançar a imortalidade. Apesar da presença ainda forte da familiaridade tradicional da morte, este homem burguês começa a gozar de uma vida. Não pode aceitar a morte,

“porque este homem pré-capitalista quer descer à sepultura carregando sua riqueza” (Rodrigues, 2006, p. 124).

O sentimento que marca essa luta, por um lado, é de uma abundante ganância pelos bens materiais adquiridos e, por outro, o medo da decomposição e a podridão dos corpos, pois “ele sabe que todo tesouro um dia deve ser despendido, mas ele vê nesse tesouro a síntese de uma vida e de uma identidade que não quer perder” (Rodrigues, 2006, p. 124).

De acordo com os lugares geográficos e sociais da Europa, por volta do século XV (com consolidação nos seguintes), a morte no leito se carrega de um sentido dramático que expressa transformações importantes nas concepções de morte e vida (Rodrigues, 2006, p. 121). Uma época em que se começa a deixar escritos e registrados os desejos póstumos, para que estes não sejam desprezados.

A convivência que antes se tinha em relação ao corpo do morto agora é substituída por um sentimento de repulsa. Os corpos passam a ser enterrados em caixas feitas de madeira, ficando escondidos do olhar dos vivos. A morte ganhou um enfoque na individualidade, cada um deveria buscar sua própria salvação. Como observou Rodrigues (2006, p. 111):

O movimento de valorização de individualidade: ressurgimento dos túmulos individuais, o reaparecimento das inscrições funerárias, a representação da figura do morto na estatuária fúnebre, as transformações sofridas pelos testamentos e pelas concepções relativas à passagem à vida eterna.

Jean Baudrillard (1979, citado por Rodrigues, 2006, p. 125) observa que a morte não é mais compartilhada. Os mortos começam a ser individualizados; a morte no leito passa a ter um sentido dramático que não existia antes e a concepção sobre vida no além começa a mudar. O finado passou a ser percebido como um fracassado diante da vida, derrotado na “última batalha”, digno de piedade.

Segundo Ariès (2012, p. 47), os rituais fúnebres indicavam essas mudanças de concepção, pois o rosto do morto passou a ser escondido:

[...] Antes, o morto era exposto e transportado do leito para a sepultura com o rosto descoberto. Depois, o rosto escondido, exceto nas regiões mediterrânicas, e nunca mais ficará exposto, mesmo se o seu espetáculo despertasse as emoções que justamente a arte macabra queria suscitar. A partir do século XIX, e sem que se arrependessem disso, mesmo na época macabra, recuou-se perante a vista do cadáver. Escondeu-se do olhar, não apenas envolvendo-o da cabeça aos pés dentro

de um sudário cosido, mas sem sequer mesmo permitindo adivinhar as suas formas humanas, encerrando-o dentro de uma caixa de madeira, e tapando esta caixa com um estrado atapetado (Ariès, 2012, p. 153).

A partir do século XIII, o grande passo dado foi na direção da representação individual e realista do morto sobre a sepultura individual e os funerais tornaram-se cada vez mais individuais. “O morto deixa de ser somente um indivíduo; passa a ser também uma pessoa”, “[...] a individualização é uma personificação” (Rodrigues, 2006, p. 113). É o começo da personalização das sepulturas e a representação do morto ganha traços realistas através das máscaras mortuárias que não tinham a intenção de representar uma imagem aterrorizante, mas uma reprodução pelo retrato instantâneo e realista do falecido.

A familiaridade tão presente na cultura tradicional passa a ser substituída pelo medo e a morte torna-se um evento temível. Conforme Rodrigues (2006, p. 117), “o medo do além conseqüentemente começa a se manifestar em uma sociedade que anteriormente não temia a morte e que vivia a familiaridade com ela”.

Dependendo dos contextos sociais e geográficos, nos séculos XIII-XIV, “os funerais passam a ser cada vez menos civis e cada vez mais religiosos” (Rodrigues, 2006, p. 115). Passa a ser papel de a Igreja intermediar a chegada da alma do falecido ao paraíso ou ao inferno e isso dependia da conduta da pessoa antes do falecimento. É o período em que o cadáver é integrado ao ritual religioso: celebração de missa, orações de purificação da alma, um hábito absorvido como ritual de despedida. A morte transita de natural a uma provação. O Cristo, de misericordioso a justo. Ariès (2012, p. 122) assinala que:

[...] o juízo do último dia e a separação dos justos e dos condenados. Esta iconografia reproduz essencialmente três operações: a ressurreição dos corpos, os atos do juízo e a separação dos justos, que vão para o céu, dos malditos, que são precipitados no fogo eterno.

A convivência entre a morte e os vivos acontecia na igreja, que era também cemitério. Um espaço que se tornou o ponto de referência e concentração de comerciantes, artistas, jogadores, que compartilham do mesmo objetivo: reunir para negociar e se divertir. Mas as manifestações culturais, como as danças, foram proibidas pelo concílio de Rouen sob pena de excomunhão. Ocorreram também mudanças nos sepultamentos, que deixaram de acontecer de forma anônima,

marcando assim um importante movimento na direção da individualização do ser. O túmulo próprio assinala esta noção de individualização, a preocupação de que seu corpo tenha sua “casa própria” e não se misture a outros corpos, como ocorria nas sepulturas coletivas e no enterro *ad sanctos*. As sepulturas passaram a indicar precisamente a localização do corpo de cada indivíduo falecido. Ariès (2012) denominou estas práticas de “*comemoração do ser, localização do corpo*”. No final do século XVII os sinais da intolerância se tornaram mais evidentes.

1.3

A morte do outro

A ritualização da morte corresponde a um imenso exagero no plano das manifestações públicas.

José Carlos Rodrigues

O homem ocidental, no século XVIII, deu um novo sentido à morte. A dramatização e o exagero predominaram nos rituais, apesar de manter a forma tradicional de morrer em público, especialmente nas classes mais baixas. Nas mais elevadas, ainda, “Todos podem participar: o quarto do doente constituía um lugar público até o final do século XVIII, quando os médicos começam a protestar contra esta invasão” (Rodrigues, 2006, p. 151).

A “morte do outro” se tornou fonte de inquietações. Passou a ser dramatizada e externada para a sociedade de maneira exagerada. O sentimento de saudade deu origem ao hábito de se homenagear os mortos, cuja memória passou a ser preservada. “Ao mesmo tempo, já se ocupa menos de sua própria morte, e assim, a morte romântica, é antes de tudo a morte do outro – o outro cuja saudade e lembrança inspiram, nos séculos XIX e XX, o novo culto dos túmulos e cemitérios” (Ariès, 2003, p. 64).

Era comum ver pessoas desmaiarem, chorarem demasiadamente durante o velório. Uma cena que se diferenciou do modelo tradicional, deixando de apresentar a serenidade das cerimônias medievais de despedida. Uma emoção quase incontrolável predominava nos espaços fúnebres: “(...) os últimos adeuses são agora

dilacerantes”; “(...) a perda do ente querido se transforma em algo intolerável e o luto começa a fazer fronteira com a loucura” (Rodrigues, 2006, p. 153).

Rodrigues (2006, p. 153) destaca três modificações que marcam essa época. A primeira é quanto à apropriação das coisas da morte pela família, pois a partir do século XV até o início do século XVII, o indivíduo tinha praticamente uma relação pessoal com a morte: resolvia suas coisas, redigia seu testamento, compunha o seu epitáfio. A segunda foi que a morte no leito se tornou menos pública que a anteriormente. O moribundo tem somente a família e amigos mais íntimos em torno de si. A terceira e última modificação está relacionada com a necessidade de exprimir, manifestar a dor à comunidade - o desespero da separação toma conta do homem na segunda metade do século XIX e na primeira do século XX.

Um fenômeno marcante, entre os séculos XVI–XVIII, foi o erotismo como tema da morte. Associavam a morte ao amor e o ato sexual era cada vez mais acentuado como uma transgressão que modifica o homem de sua vida cotidiana e o coloca em um mundo irracional, violento e cruel. A morte passa a ter um significado de ruptura. “Essa noção de ruptura nasceu e se desenvolveu no mundo das fantasias eróticas. Passará ao mundo dos fatos reais e ocorridos” (Ariès, 2012, p. 68).

Nesse momento de ruptura, a morte romântica, assim chamada não pelo sentido de ser indesejável, mas por se imaginar ter uma beleza admirável, marca o final do século XVIII. É a “exaltação da afetividade”. (...) “o morto passa a ser belo, a beleza do morto invade as conversas cotidianas”, (...) “a bela aparência do morto é também um signo de ausência de sofrimento físico, de uma morte que acontece sem morder o corpo”. “(...) o morto é dito belo, porque no fundo é pensado e sentido como temível e terrível” (Rodrigues, 2006, p. 155). Essa comparação com o belo, nada mais é que a dissimulação do medo, a tentativa de afastar a morte, de ocultá-la do convívio social. Cria-se no imaginário das pessoas a possibilidade do reencontro, de poder refazer as amizades desfeitas pela morte. A ideia que se propaga é que aquele que morre será levado ao paraíso, uma espécie de jardim onde mais tarde encontrará seus familiares e amigos.

Para Ariès, nesse período, muitos traços continuam a lembrar dos velhos costumes, mas mudanças consideráveis já se manifestam. “A morte no leito de outrora tinha a solenidade, mas também a banalidade das cerimônias sazonais.

Esperava-se por ela e todos se prestavam, então, aos ritos previstos pelo costume” (Ariès, 2012, p. 68). Outro ponto marcante, no século XVIII, foi à relação entre o moribundo e a família. Com o ideal de expressar os sentimentos e pensamentos, a Igreja estabeleceu a figura do testamento, que desde século XIII ao XVIII, tornou-se um instrumento que proporcionava a cada indivíduo declarar seus anseios, sua fé, aos seres que amava. “O testamento era, então, mais que um simples ato de direito privado para a transmissão de sua herança, um meio para cada um afirmar seus pensamentos profundos e suas convicções” (Ariès, 2012, p. 71).

Até o século XVIII, o luto possuía dois significados, conforme explica Ariès (2012, p. 73): o primeiro induzia a família do defunto a manifestar, pelo menos durante certo tempo, uma dor que nem sempre experimentava. O segundo era proteger o sobrevivente, submetido à provação contra os excessos da dor, com um limite estabelecido pela convenção.

Nessa mesma concordância, Rodrigues (2006, p. 156) relata que o luto romântico significa a dificuldade que os sobreviventes experimentam no que concerne à aceitação da morte do próximo. O medo tomava conta e não é mais apenas a morte de si que assusta. A morte do outro, também. Morrer é temível, apavorante e repugnante.

(...) o exagero do luto no século XIX tem um significado: os sobreviventes aceitam com mais dificuldade a morte do outro do que o faziam anteriormente. A morte temida não é mais a própria morte, mas a do outro. Esse sentimento é a origem do culto moderno dos túmulos e dos cemitérios (Ariès, 2012, p. 73-74).

O luto também adquiriu outro significado: deixou de ser uma festa coletiva e passou a ser constituído por um conjunto de gestos e expressões simbólicas, que diferenciavam as pessoas envolvidas com a morte. Tornou-se inaceitável a dramatização pública da dor coletiva, que passou a ser encenada no seio familiar.

Naturalmente, a expressão da dor dos sobreviventes é devida a uma intolerância nova com a separação. Mas não é somente diante da cabeceira dos agonizantes e da lembrança dos desaparecidos que se fica perturbado. A simples ideia da morte comove (Ariès, 2012, p. 69).

Na concepção de Rodrigues (2006, p. 156), “essas condutas tinham um sentido de restabelecer o calor da vida social”. Por isso, era comum vivenciar mudanças no comportamento dos ocidentais diante da separação.

Da tristeza transitava-se à alegria, do luto à festa, das lágrimas aos risos. No plano individual, o luto tinha também o efeito de proteger o sobrevivente contra os excessos eventuais de seu sofrimento: ele era obrigado a um certo tipo de vida social, a visitar e receber visitas de parentes, amigos e vizinhos.

Nesse novo cenário da morte, o luto que existia antes deixa de ser respeitado porque chega a um estágio de ostentação, com atitudes extremas de sofrimento. Os pobres estavam presentes nos funerais como contratados para chorar, gritar e até mesmo para se jogar diante do morto. Em troca recebiam esmolas. A presença dos pobres nas cerimônias simbolizava a comunidade total em sua realidade e expressava que a verdadeira dor está na vida terrena para quem não tem chance de mudanças. Uma presença que marcava a vida de um povo sofrido e oprimido.

O luto que se desdobra de modo ostentatório no século XIX tem ainda outra função. Ele não é mais a festa coletiva, mas um conjunto de gestos e expressões simbólicas que discriminam aqueles que têm algo a ver com a morte. Ele não é mais a dramatização da dor coletiva no teatro da coletividade, mas a *mise-en-scène* de um drama individual para uma plateia seleta, os íntimos e familiares (Rodrigues, 2006, p. 157).

No século XX, especialmente em sua segunda metade, o luto passou a ser mais restrito ao ambiente familiar, sem muitas expressões emotivas, como jejuns, abstinências, isolamento por meses ou até mesmo por toda a vida restante. “Do indivíduo enlutado, espera-se que seja capaz de exibir sempre um rosto sereno – e não demonstrar dor transforma-se em signo de equilíbrio emocional” (Rodrigues, 2006, p. 164).

A sepultura, considerada por muitos autores como inovação que se torna uma espécie de propriedade familiar. Chegou a hora de visitar o morto em sua ‘casa’, em sua ‘morada’ cheia de recordações que o levam à imortalidade. Um hábito que se tornou frequente nos cemitérios, presente no cotidiano da maior parte do século XX. Culturalmente, essas visitas evocam uma privatização dos cultos, as lembranças de uma vida cultivada pela família.

(...) sente-se, que a sociedade é composta ao mesmo tempo de mortos e vivos, e que os mortos são tão significativos e necessários quanto os vivos. A cidade dos mortos é o inverso da sociedade dos vivos ou, mais que o inverso, sua imagem, e sua imagem *intemporal*. Pois os mortos passaram pelo momento da mudança, e seus monumentos são os signos visíveis da perenidade da cidade (Ariès, 2012, p. 78).

A preocupação com a inumação vem desde o século XIV e toma força no universo funerário a partir dos séculos XVII e XVIII. Embora tenha mantido uma imagem de poluição no século XVIII e de um lugar impróprio para visitas, o cemitério passou a adotar uma sepultura para cada indivíduo e a obrigatoriedade em que os corpos fossem enterrados lado a lado.

A conjunção do desenvolvimento da individualização, das transformações da afetividade e do aparecimento da sepultura-signo oferece aos espíritos dos séculos XVIII e XIX as condições de recusa do desaparecimento do ente querido e da vontade de continuar em comunicação com ele, de poder reencontrá-lo em um lugar determinado (Rodrigues, 2006, p. 158).

O cemitério a partir do século XIX visa a uma organização inédita. Passa a ser inadmissível o indivíduo não possuir uma sepultura. Tornou-se obrigação de status a aquisição de uma “morada” eterna, que também era muitas vezes jazigo familiar, considerado uma nova forma de túmulo coletivo, inspirado em capelas e/ou na arquitetura residencial. O cemitério moderno é marcado pela propriedade. Mas, “(...) quem não tem propriedade não tem individualidade respeitável” (Rodrigues, 2006, p. 161).

1.4

A intervenção médica

A morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição.

Philippe Ariès

Vimos que o comportamento social diante da morte sofreu mudanças consideráveis ao longo dos tempos, apesar da lentidão dos acontecimentos. A partir dos séculos XIX e XX, principalmente no segundo, o homem ocidental mudou significativamente sua visão sobre a morte e o convívio que mantinha com esta. As execuções em público deixaram de ser constantes. Homens e mulheres passaram a evitar as expressões emotivas, não era mais de bom tom chorar em público e as famílias do doente se reservavam no silêncio da doença, como forma de poupá-lo da gravidade do seu estado.

A mudança significativa ocorreu a partir da segunda metade do século XX. A morte deixa de estar inserida no ambiente familiar e passa a ser um objeto de interdição, comandada por uma equipe médica que, além de suas tarefas específicas de combater e vencer a morte, tem a função de ocultá-la, dissimulá-la. Torna-se um problema falar a verdade sobre o estado de saúde do moribundo e essa responsabilidade é repassada ao corpo de profissionais que deve “solucionar” o problema.

Encontramos, na origem, um sentimento já expresso na segunda metade do século XIX: aqueles que cercam o moribundo tendem a poupá-lo e a ocultar-lhe a gravidade de seu estado. Admite-se, contudo, que a dissimulação não pode durar muito, o moribundo deve um dia saber, mas nesse momento os parentes não têm mais a coragem cruel de dizer eles próprios a verdade (Ariès, 2012, p. 85).

Chegou-se ao momento em que a verdade é problemática e que afastar a morte da sociedade era o mais importante a fazer. Por isso, morte passou a ser recusada, negada e o medo invadiu extensões inteiras da sociedade ocidental. O silêncio que a partir de então se estende sobre a morte significa que está rompu seus grilhões e se tornou uma força selvagem e incompreensível (Ariès, 2012, p. 152).

Conviver com esse fardo passou a ser um grande desafio para o homem moderno que, desde o fim da Idade Média, adquiriu forte ligação com a materialidade da vida. Nesse contexto, os ritos da morte continuam conservados, ao menos na aparência. Mas um sentimento característico da modernidade começa a se manifestar: evitar não mais o moribundo, mas para a sociedade, mesmo aos que o cercam, a perturbação e a emoção excessivamente fortes, insuportáveis, causadas pela fealdade da agonia e pela simples presença da morte em plena vida feliz, pois, a partir de então, admite-se que a vida é sempre feliz. Ou deve sempre aparentar sê-lo (Ariès, 2012, p. 85).

Ao fazer um paralelo com a visão de Ariès, Rodrigues (2006, p. 165) observamos que:

Não se fala mais em morte, embora se pague cada vez mais seguro de vida; não se pensa mais em morte, não se formulam mais conceitos para pensá-la, mas a ela se reage com sorrisos embaraçados, com silêncio reticentes, com desconversas que são signos do aparecimento de algo cuidadosamente reprimido.

Fazemos de tudo para esconder a morte. Evitamos falar sobre a doença que aflige os leigos e se a direciona aos especialistas de saúde, que têm a incumbência

de tratá-la. Segundo Ariès (2012, p. 85), já não se morre em casa, junto à família e amigos, as pessoas doentes que correm risco de falecer são transferidas do lar para o hospital. A morte do século XX foi denominada de “morte interdita”. Os hospitais se tornaram espaços que prestam serviços e cuidados que já não podem ou devem ser prestados nas residências. O hospital tornou-se lugar privilegiado para morrer (Ariès, 2012, p. 86).

(...) a expulsão do doente e a invenção do hospital como lugar aonde se vai morrer são contemporâneas do desenvolvimento da ideologia da higiene e da decomposição da instituição familiar: o hospital se transforma em asilo a proteger a família da doença e da morte, a proteger o doente das pressões emocionais de sua família, a proteger a sociedade da publicidade da morte (Rodrigues, 2006, p. 167).

Alguns fatores contribuíram para esse afastamento da morte na vida cotidiana. Nesse novo espaço, o hospital, a cerimônia deixa o caráter ritualístico, presidida antes pelo moribundo em meio à assembleia de seus parentes e amigos. Nele a morte se torna um fenômeno técnico, causado pela suspensão dos cuidados, ou seja, de maneira mais ou menos declarada, por decisão médica e da equipe hospitalar. Nele, a cerimônia fúnebre deixa de ser representada em uma perspectiva religiosa e torna-se pautada pela ciência que separou a morte de qualquer apelo sobrenatural.

No hospital, o indivíduo perde a sua individualidade e torna-se número. Descobre coisas incompreensíveis, desconhecidas do seu ambiente social. “Passa a ser gerido por máquinas que não conhece e que não pode controlar: tubos que penetram pelas narinas, pelos braços, pelos orifícios intestinais, pela boca”. “(...) Nesse novo palco a morte se transforma em fenômeno técnico que o médico decreta quando resolve desligar os instrumentos” (Rodrigues, 2006, p. 167). A morte deixou de ser pública e passou a ser solitária.

Em virtude dos avanços científicos e tecnológicos, o homem contemporâneo iludiu-se com o poder de controlar as pessoas, os objetos, a natureza - inclusive a morte. “É preciso exorcizar a morte: transformá-la urgentemente em algo natural, porque é a natureza que os homens agora sabem poder controlar” (Rodrigues, 2006, p. 138). Essa ilusão se fundamenta no fato de que se for capaz de afastar a morte, poderá controlar e afastar todas as fragilidades, as dores e os limites que a vida oferece. Por isso era importante que a cerimônia fosse discreta e que se evitasse a

emoção, pois uma dor demasiado visível não inspirava pena, mas repugnância (Ariès, 2012, p. 87).

A industrialização e o desenvolvimento técnico-científico da medicina também foram acontecimentos de extrema relevância. Conforme Rodrigues (2006, p. 194), a medicalização penetrou fundo em nossas vidas e constituiu um dos domínios em que o poder da técnica foi mais bem acolhido e menos contestado: cada habitante das sociedades desenvolvidas é um hóspede potencial dos hospitais, um paciente quase certo de operações cirúrgicas, um frequentador assíduo de consultórios e ambulatórios. (...). As instituições médicas se transformaram em instrumentos de controle social, apropriando-se da tarefa de administrar a saúde e a vida dos indivíduos (Rodrigues, 2006, p. 194).

Hoje, como bem explica Ariès (2012, p. 219), não há mais resquícios, nem da noção que cada um tem ou deve ter de que seu fim está próximo, nem do caráter de solenidade pública que tinha o momento da morte. É preciso esconder o que um dia foi solene e dissimular o que devia ser conhecido. O doente não precisa saber da gravidade de seu estado. O novo costume exige que ele morra na ignorância de sua morte (Ariès, 2012, p. 219).

Com o advento tecnológico, presenciamos técnicas, cada vez mais avançadas para manter viva a vida, ou melhor, para nutrir o sonho de imortalidade, mesmo que está se resume aos processos químicos de conservação, como no caso do congelamento, que segundo Rodrigues (2006, p. 170) significa:

Uma técnica de conservação que consiste em substituir o sangue do indivíduo, alguns segundos após ter sido considerado morto, por uma solução capaz de preservar os tecidos contra a decomposição e, em seguida, em reduzir a temperatura corporal a um ponto extremamente baixo, introduzindo-o em um cilindro isotérmico que, por sua vez, está colocado em uma espécie de central que cuida da manutenção de seu funcionamento. Aí o corpo aguardará até que o desenvolvimento da ciência permita a descoberta de meios de superação da(s) doença(s) de que o indivíduo teria morrido.

Então o lema é “Viver é o que importa, qualquer que seja a vida” (Rodrigues, 2006, p. 170). Para o homem ocidental o que importa crescentemente é a conservação da vida, mesmo que para isso ela seja mercantilizada e apropriada pelo poder, o tomar das decisões de quem vive e de quem morre. Conforme Pelbart (2007, p. 27), “somos escravos da sobrevivência, até no sentido hegeliano. Essa

cultura visa, sobretudo, a isso: a sobrevivência, pouco importando a que custo. É o Sobrevivencialismo, o *Homo Otarius*, imersos na estupidez dos prazeres diários”.

Não é mais a vida, não é mais a morte, é a produção de uma sobrevida modulável e virtualmente infinita que constitui a prestação decisiva do biopoder de nosso tempo. Trata-se, no homem, de separar a cada vez a vida orgânica da vida animal, o não homem do humano, o muçulmano da testemunha, a vida vegetativa, prolongada pelas técnicas de reanimação, da vida consciente, até um ponto limite que, como as fronteiras geopolíticas, permanece essencialmente móvel, recua segundo o progresso das tecnologias científicas ou políticas. A ambição suprema do biopoder é realizar no corpo humano a separação absoluta do vivente e do falante, de zoé e bios, do não homem e do homem: a sobrevida (Agamben, 2010, p. 16).

Na visão materialista do real, Sêneca (2006), considerava corporais todas as coisas, inclusive a alma e a divindade, ainda que se limitasse a um tênue sopro. E nessa visão do filósofo, a racionalidade viria das leis e da ordem, de modo que o destino fosse determinante, estabelecendo a relação entre causa e efeito. Sêneca (2006) destacou como um aspecto importante, a inutilidade da dor e das lágrimas prolongadas diante da morte de um ente querido. Ele considerava uma atitude irracional, insuficiente, causada em grande parte pelos padrões sociais de conduta, que dizem ser “bonito” ou “digno” sofrer por longos períodos. Para ele, a morte faz parte da vida, é natural e é a finitude de uma vida. “Não há uma sem a outra, e seria irracional esperar que um corpo frágil e corruptível como o do ser humano pudesse tornar-se imortal ou gerar filhos imortais” (Sêneca, 2006).

Para Rodrigues (2013, p. 16), o que as sociedades buscam nas práticas rituais relacionados à morte é encontrar algo que resista à morte. Para a coletividade é necessário apropriar-se desse processo natural ameaçador, pois ela continua a existir embora os seres individuais morram. É contra o vazio deixado pela morte que a sociedade precisa agir, estabelecendo relações entre os vivos e criando relações com o(s) morto(s). Esta reação se dá por meio dos ritos fúnebres, em que os grupos e os indivíduos se unem para enfrentar a ameaça comum. “O luto é abandonado às práticas individuais, com a finalidade de poupar a coletividade. É um luto privatizado” (Rodrigues, 2013, p. 17).

Os ritos da morte pretendem comunicar, assimilar e expulsar o espectro do aniquilamento. Pretendem ser a passagem do desespero e da angústia para o consolo e para a esperança. Nos ritos da morte a sociedade se reproduz simbolicamente, para que a(s) morte(s) do(s) indivíduo(s) não seja(m) também a sua morte. (Rodrigues, 2013, p. 17).

Com o avanço tecnológico, os ritos fúnebres têm não só passado por modificações como levantando discussões a respeito da ressignificação da morte. Rezende e Barbosa (2007, p. 03) retratam bem essa questão ao afirmarem que as novas tecnologias da informação contribuem para a ressignificação da morte nas sociedades ocidentais a partir da existência digital do “corpo morto”, que permite a manutenção de um laço de interatividade, presença e lembrança de um sujeito ausente.

Numa sociedade marcada pelo ritmo das imagens e pautada pelo discurso da busca da eternidade, acreditamos que a informacionalização seja uma nova via de construção e manutenção da vida. Na sociedade midiaticizada estabelecem-se novos parâmetros de produção e relação, definem-se novas espacialidades, produzem-se novos homens, constitui-se não apenas uma nova vida, mas uma “nova morte” (Rezende; Barbosa, 2007, p. 03).

As transformações com a chegada da internet têm nos mostrado uma maior exposição da morte nas mídias digitais, um diferencial que as empresas funerárias têm investido como forma de novos ritos e a transformação do mercado fúnebre. Nos próximos capítulos verificaremos até que ponto a tecnologia tem contribuído para o entendimento, quebra ou um reforçar desse tabu da morte ou mesmo sendo uma forma de amenizar a dor da saudade de quem perdeu um ente querido.

2

A Pesquisa

Este capítulo tem o propósito de apresentar os caminhos que nos ajudaram a formalizar a presente pesquisa. Nesta etapa, apresentaremos a metodologia de uma pesquisa em comunicação, dividida em: revisão bibliográfica, pesquisa de campo *in loco* e virtual. Além da justificativa do método selecionado, que apresentará o objeto do estudo e o motivo para sua escolha. Também irá expor o processo de coleta de dados, mostrando as fontes, entrevistadas e como os dados coletados foram registrados, analisados e organizados.

2.1.

Da curiosidade à formalização do objeto

"Pesquisa é curiosidade formalizada. Estar mexendo e estar procurando com um propósito."³

Zora Neale Hurston

A curiosidade foi o ponto de partida para despertar nosso interesse em estudar a morte. Apesar de ser um acontecimento natural da vida, ainda provoca desconforto no ser humano e não deixa de ser instigante, um mistério que a ciência e o espiritual buscam desvendar. A partir de algumas leituras iniciais sobre o tema da morte percebemos o seu grau de relevância para sociedade ocidental que, além de tentar evitá-la quase a qualquer custo, não deixa de investir, cada vez mais, em serviços e produtos inovadores, personalizados e tecnológicos em ambientes virtuais e atendimentos especializados. Vale ressaltar que as empresas funerárias estão incluindo nos seus serviços - que antes se resumiam a oferecer apenas a urna, uma coroa de flores e o enterro do corpo – uma tecnologia de ponta, com produtos avançados, como a transmissão online de cerimônia, composta por um aparato de câmeras, luzes,

³ Disponível em:

<http://www.mundodospensamentos.com.br/autor.php?id=Zora%20Neale%20Hurston>. Acesso em: 30 set 2016.

aparelhos de TV e uma conexão de Internet em banda larga. Nesse viés tecnológico, também encontramos empresas especializadas na Inteligência Artificial, com o objetivo da criação de organismo cibernético, o ciborgue.

A tecnologia digital não só proporciona ao morto novas formas de se manter “vivo” e conectado como possibilita aos vivos o momento de manifestar, em suas *timelines*, o que sentem e o que isso vai refletir na vida. Conforme um depoimento cedido por um internauta, “a sensação de escrever é como se eu estivesse conversando com ela e pudesse falar o que não disse enquanto estava entre nós”:

Aconteceu de uma forma tão inesperada, que susto eu levei! Eu não consigo definir o que sinto neste momento, em saber que nunca mais vou ouvir um "Yan, vem tomar teu leite". É uma dor muito grande e que a saudade vai ser ainda maior. Obrigado por ter sido a mulher, mãe e vó guerreira, lutando até os últimos segundos. Eu te amo!
♥#Luto⁴

A morte é um dos temas que vêm ganhando destaque nesse processo, seja pela relação com a materialidade, num mundo cada vez mais imaterial, seja pela relação com o tempo (finitude), numa sociedade que vive cada vez mais do instante, ou pela relação com a memória, num corpo cada vez mais do esquecimento (Rezende, 2009, p. 02).

Já relatamos que a morte não é um assunto dos mais agradáveis no nosso meio social, mas observamos que a partir das mídias digitais as pessoas, por um lado, têm expressado com mais facilidade seus sentimentos de dor: estão escrevendo mais sobre suas perdas, expressando seus sentimentos e encontram outras pessoas vivenciando as mesmas angústias. Por outro, através da máquina, encontram a distância para evitar o contato direto com a morte e, assim, mantem-se distante.

Consideramos, inclusive, que também seja um canal indireto para esclarecer aos “amigos” da rede o ocorrido e uma maneira de mobilizá-los a participar do evento e mesmo assim continuar distante. Também encontramos comunidades virtuais, conhecidas como espaços interativos, que buscam reacender uma vida que findou, vida que se recria no virtual, que materializa a imortalidade do ser humano. A isso, relacionamos com a criação dos avatas de pessoas mortas. Mas ainda é muito precoce qualquer afirmação, pois só com o tempo presenciaremos, com mais constância, o número de usuários hoje presentes na rede.

⁴ Texto extraído do perfil do Facebook de Y. C.

As comunidades virtuais operam essa temática na intenção, acreditamos, de estabelecer um “projeto de permanência” para os mortos que abriga, com objetivo de atualizar o “discurso comunitário” sobre morte na contemporaneidade midiática (Rezende, 2009, p. 02).

Nesse contexto de negação à morte, novos ambientes foram criados a partir da Internet, que passou a ser vista como um novo espaço do espírito, com sonhos contemporâneos de imortalidade (Ribeiro, 2015, p. 75). Presenciam-se nesses novos ambientes a interatividade que os internautas têm com o morto e a vontade dos vivos de preservar a memória dos seus entes queridos.

O seu valor como um tabu ainda está muito presente na vida do homem ocidental e apesar de toda rejeição, a perda de alguém próximo é um momento único e merece toda atenção antes e depois do momento da despedida. A morte é provavelmente a única coisa certa na existência humana. Não envolve só aspectos subjetivos – como os mistérios, o medo e a dor – mas também outros aspectos mais pragmáticos como os rituais fúnebres.

Se todos nós estamos programados para nascer, crescer e morrer, por que teimar em ver a morte como um evento inesperado e injusto? A imortalidade tão buscada pelo homem ocidental o impede de vê-la com naturalidade e como parte da vida. É considerada uma adversária que pode ser vencida pelos avanços científicos e tecnológicos do século XXI, com o aumento da eficiência dos diagnósticos, dos medicamentos, das técnicas cirúrgicas, do condicionamento físico, etc. Soa como um despropósito falar de morte a quem tem as descobertas da ciência a seu favor. Afinal, se existem meios de prolongar a vida do ser humano, de se manter jovem, por que pensar na finitude?

O desenvolvimento desta pesquisa visa a reconhecer as novas tendências do mercado fúnebre no lidar com a morte. Na tentativa de estender o tempo de “vida” do morto, o homem ocidental contemporâneo tem buscado alternativas na imortalidade virtual. O setor funerário e os campos tecnológico e digital foram fontes fundamentais na construção do objeto desta pesquisa.

Paralelo a essa nova tendência de funerais e produtos personalizados proporcionados pelas novas tecnologias midiáticas, o mercado funerário tem oferecido a um número crescente de consumidores uma diversidade de produtos e

serviços como forma de manter a lembrança viva, prolongando o tempo do morto no ambiente dos vivos.

O segmento de serviços fúnebres no Brasil cresceu 15% nos últimos anos e é um mercado que movimenta cerca de R\$ 1,5 bilhão anualmente⁵. Isso demonstra que é um dos poucos setores não impactados pelas crises. Pelo contrário, vem revelando tendências - como o crescimento dos crematórios, os produtos gerados a partir das cinzas do falecido, os serviços *on-line*, as novas opções de sepultamento, a inserção do mercado fúnebre no universo cibernético, etc.

O processo de formalização do objeto também foi baseado nos trabalhos, estudos e pesquisas (realizados e apresentados no cenário científico acadêmicos) tais como *Teclando com os mortos: um estudo sobre o uso do Orkut por pessoas em luto*, (Matos-Silva, 2011); *Finitude, tecnologias e ritos digitais: uma análise sobre a morte e o luto no Facebook* (Mello, 2016); “A multiplicação dos mortos: comemoração e constituição da memória nas comunidades virtuais” (Rezende, 2009); “Publicidade, silêncio, personalização, espetáculo: representações da morte no Ocidente” (Rodrigues, 2013); *Tabu da Morte* (Rodrigues, 2006); *A história da morte no Ocidente* (Ariès, 2012); *Morte Midiatizada* (Ribeiro, 2015), entre outros que serão mencionados no correr da tese.

Apesar de esses autores tratarem da morte nas redes sociais, não tratavam exatamente do encaminhamento que decidimos traçar: analisar as novas tendências do lidar com a morte e de como as pessoas usam a Internet para reconfigurar suas manifestações de afeto com relação à finitude da vida. Em função disso, alguns passos importantes foram traçados e é o que veremos a seguir.

2.2

Objetivo

Em termos mais específicos ao campo científico, as leituras realizadas sobre a morte nos proporcionaram uma reflexão significativa sobre o seu significado e seu grau de relevância na historiografia da sociedade ocidental, no seu mercado

⁵Disponível em: <http://a8se.com/sergipe/noticia/2014/04/34894-mercado-funebre-empresendedores-investem-em-novidades-no-setor.html>. Acesso em: 16 jan 2016.

funerário e o no seu universo mercadológico vigente no campo digital, universo que passamos a observar com mais frequência como uma nova modalidade que se estabelece no nosso meio social.

Para concretização desta experiência, o objetivo foi analisar as novas tendências do lidar com a morte: festas/velórios, mídias digitais, espetáculos e personalização. O que a partir de tais análises buscamos compreender as manifestações de luto e dos rituais fúnebres nos ambientes *on-line*, como uma forma de recusar, nuançar ou reafirmar o tabu da morte, analisado por José Carlos Rodrigues (2006).

Com isso, pretendemos cumprir quatro objetivos específicos. O primeiro deles é analisar o processo de possível ressignificação dos rituais fúnebres, se existente. O segundo é o de apresentar o modelo de publicização da morte no campo virtual, para que o leitor entenda o processo de divulgação da finitude desde quando foi discutida abertamente até se tornar proibida no século XX e as razões que levam uma sociedade a manter um morto presente na rede. Em seguida, refletir sobre a questão da morte e de seus rituais a partir das tecnologias digitais, no intuito de conhecer a motivação para se realizar o que se supõe ser o desejo do falecido. Por último, investigar os motivos que levam as famílias do morto a pagarem por um "serviço personalizado" e entender seus sentimentos quando se tornam conscientes de que pessoas estranhas ao círculo mais próximo estão assistindo aos ritos, compartilhando e opinando sobre/no funeral personalizado.

Tendo isso em mente, foi preciso ir a campo em busca daqueles (pessoas e instituições) que oferecem tais serviços e dos que os consomem, pois imaginamos que somente estes seriam a melhor fonte para esclarecer as recentes práticas que emergem na Internet. Paralelo aos que se manifestam nas redes sociais com postagens de pesar, de homenagens aos falecidos, têm-se as reações negativas de internautas, mediante a propagação da intolerância e do discurso do ódio difundidos na *timeline* do morto (assunto este, que será tratado no capítulo três deste trabalho).

2.3

Caminhos da pesquisa: cavando informações

O procedimento inicial para realização desta pesquisa, cuja natureza é analítico-descritiva, foi a coleta e análise do material bibliográfico, dividido em três áreas do conhecimento: comunicação/mídias digitais, tecnologia e morte. Para esta última, buscamos autores de áreas como antropologia, filosofia, sociologia, história e psicologia, entre outras.

A década de 80 foi o cenário considerável no aumento de publicações sobre o tema da morte e do morrer, principalmente na França. Nesse período, a morte parece ter sido revolvida no contexto atual da sociedade ocidental, o que fez desta pesquisa focar na historiografia da Morte no Ocidente, seguindo a visão e observação de Philippe Ariès (2012). Na análise de Ariès, a morte sob o ponto de vista histórico e sociológico, a partir de uma reflexão das atitudes diante da morte, passou de domada a romântica até chegar à interdição, como em nossos dias, com a ocultação da morte, isto é, o seu banimento como tema cotidiano. Agora a morte chega ao mundo digital, atravessando as mídias sociais como uma promessa de conservar e eternizar o ausente (Ribeiro, 2015). Uma oportunidade de superar o luto, reforçando o tabu já estabelecido no Ocidente e oferecer um novo significado à própria existência.

Para Rodrigues (2006, p. 21), a pesquisa sobre o tema procura compreender as representações sociais da morte fazendo um exame amplo das práticas e crenças funerárias realizadas por outras culturas. O autor também pontua os rituais da morte como canais de comunicação, assimilação e expulsão do impacto que provoca o fantasma do aniquilamento no imaginário coletivo.

Numa visão mais cibernética, Renata Ribeiro (2007), no livro *A morte midiaticizada*, examina como a morte sofreu mudança no meio social com o advento da Internet e como as apropriações de ferramentas digitais do mundo dos vivos interferem nas experiências em torno da morte, sobretudo quando compartilhadas nos espaços de sociabilidade virtual das redes sociais. Nesse novo espaço, a interatividade acontece entre os internautas vivos que alimentam a presença dos mortos, como forma de suportar o vazio deixado pela pessoa falecida.

As novas tecnologias que têm transformado os processos comunicacionais e influenciado o cotidiano das pessoas marcam as novas tendências no lidar com a morte. Segundo Ribeiro (2007), o fim da vida se modifica com as apropriações das

ferramentas digitais, problematizando questões sobre o “atual regime de existir”. Neste, os meios de comunicação e informação são praticamente onipresentes e não basta ter corpo de carne e osso. É preciso ocorrer como ‘persona midiática’⁶.

Outro trabalho que também nos serviu como fonte de pesquisa foi a dissertação de mestrado de Carlos Affonso dos Santos Mello (2016), com o tema *Finitudes, tecnologias e redes digitais: uma análise sobre a morte e o luto no Facebook*. O estudo trata da maneira como a maior rede social digital (Facebook) se tornou palco para o debate não só sobre a vida, mas também sobre a morte e o luto.

De Matos-Silva (2011) destacamos a tese de doutorado em que toma o extinto Orkut como objeto de pesquisa. Na tese *Teclando com os mortos*, a autora faz uma análise psicológica sobre as motivações dos usuários que deixavam mensagens de pesar para parentes e amigos falecidos. Segundo Matos-Silva, a morte é um acontecimento importante em qualquer sociedade. Sua importância se deve, entre outras razões, ao fato de ela tornar necessária à transmissão de costumes dentro de um grupo, já que o contato entre diferentes gerações é sempre limitado (Matos-Silva, 2011, p. 21).

Ernest Becker (2015) analisa, a partir de uma abordagem multidisciplinar fincada na psicanálise, o problema da morte na vida humana, a relação íntima e problemática que se configura entre o homem e esta realidade para o autor tão aterradora quanto inescapável, da qual o ser humano possui uma angustiada consciência. Suas observações se referem à ideia da morte e ao medo que esta suscita no ser humano como nenhuma outra coisa, representando “uma proposição universal da condição humana” (Becker, 2007, p. 11). Na perspectiva deste autor, então, a cultura ocidental constitui sistemas simbólicos complexos que têm por função negar a realidade da morte, permitindo que as pessoas vivam com a ilusão de estarem imunes ao inevitável, sem o fardo de sua constante e penosa consciência.

Hermínio Martins (2012) centra seus estudos nas relações entre tecnologia e sociedade. O choque das inovações tecnológicas sobre a própria natureza, ou condição humana é chamado de *Experimentum Humanum* - expressão creditada ao

⁶ Disponível em: <http://mortesentabu.blogfolha.uol.com.br/2016/05/25/a-morte-midiatizada-como-as-redes-sociais-atualizam-a-experiencia-do-fim-da-vida/>. Acesso em 22 jan 2017.

teólogo Karl Rahner – por significar o “experimento-sobre-o-homem, pelo próprio homem, sobre seu próprio ser ou natureza” (Martins, 2012, p. 345). Para o autor, os principais componentes do experimento são, de um lado, os avanços na genética, na genômica e nas tecnologias reprodutivas, que já no presente subvertem as bases biológicas das relações de parentesco e, para o futuro, acenam com a possibilidade de geração de bebês geneticamente programados e de clones; de outro lado, pelo desenvolvimento de próteses dos mais variados tipos, cada vez mais sofisticadas, que avançam no caminho da transmutação dos seres humanos em ciborgues.

Seguindo nessa linha de pensamento, Martine Rothblatt (2016) reúne ideias desafiadoras ao se referir à criação de arquivos mentais ou clones mentais. Segundo a autora, todos os dias a mídia social faz o *upload* de tudo que despejamos na Internet para criar um “arquivo mental” dos usuários. Com base nesse arquivo, milhares de engenheiros trabalham para criar a ciberconsciência, o que resultará em nossos “clones mentais”. Martine Rothblatt apresenta como estamos perto de obter uma simulação integral do cérebro humano. Ela mostra aquilo com o que iremos nos deparar à medida em que a relação com nosso eu digital evolui, aprofunda-se e nos oferece instrumentos filosóficos e tecnológicos para compreendermos as implicações do avanço da Inteligência Artificial.

Os trabalhos desses autores revelaram uma evolução do foco dos estudos sobre a experiência tecnológica vivida pela sociedade ocidental por adotar, nas últimas décadas, uma aproximação ou a sua comprovação quanto ao afastamento estabelecido diante da morte. Esses estudos contribuíram no sentido de que a tecnologia digital deve ser compreendida como um campo interativo, criativo e social, mas passível de interpretação e de transformações, resultado de uma série de restrições históricas, ideológicas e sociais.

Partindo desta fase da pesquisa bibliográfica, o próximo passo foi definir o método a ser aplicado.

Para realizar este trabalho estabelecemos uma relação de aproximação com os indivíduos estudados, no intuito de fomentar informantes no campo virtual e físico,

que se disponibilizassem a participar da pesquisa e assim coletar dados e poder analisar as transcrições de textos. Braga (2011, p. 05) reconhece que a realização do trabalho de compreensão do objeto empírico e a reflexão sobre “situações indeterminadas” (não esclarecidas) do ambiente social, na pesquisa qualitativa, correspondem igualmente a pesquisa empírica, ou seja, a coleta de dados a partir de fontes diretas (pessoas) que conhecem, vivenciaram ou têm conhecimento sobre o tema, fato ou situação e que, podem causar diferença na abordagem e entendimento dos mesmos.

Ao fazer pesquisa, estamos envolvidos com a especificidade de nossos objetos, com um problema que nós mesmos construímos a partir de nossa curiosidade sobre as coisas, acionando as teorias a que estamos mais habituados e táticas de abordagem solicitadas por nossos objetos e questões (Braga, 2011, p. 05).

Para Braga (2009) a sociedade contemporânea está envolvida com os processos midiáticos na construção dos relacionamentos humanos e sociais. Para o autor, essa relação ocorre através de uma “penetrabilidade” processual que faz do midiático um processo interacional crescentemente de referência, mesmo nas comunicações interpessoais.

Aqui meu objetivo é investigar como as novas tendências no lidar com a morte tem impactado o comportamento do homem ocidental, com foco principalmente na tecnologia digital. Nesse universo tecnológico de compartilhamento e difusão de informações, presenciei mensagens emotivas que expressam sentimento de perda e tristeza pelo falecimento de pessoas queridas e também homenagens fúnebres propagadas e compartilhadas no *Facebook*.

Nos estudos preliminares da pesquisa, algumas informações já registravam mudanças significativas com relação ao comportamento de internautas e sua forma de enfrentar a morte e o próprio morto na Internet. Uma inquietação que despertou ainda mais o meu interesse em investigar as novas tendências nos rituais fúnebres oferecidas pelo mercado funerário em crescente expansão no universo cibernético. Assim partimos de algumas hipóteses: o campo tecnológico e digital reforça o comportamento humano em se manter distante da morte e assim reafirmar o tabu estabelecido no seio social? A sociedade tem usado a tecnologia para superar suas perdas, e como tem feito? Ou, simplesmente, as empresas funerárias têm investido

mais em equipamentos tecnológicos e sofisticação em seus serviços, no intuito de ganhar novos clientes?

Dos métodos escolhidos para realização deste estudo, iniciamos pela pesquisa analítico-descritiva. Analítica, por envolver o estudo e avaliação aprofundados de informações disponíveis na tentativa de explicar o contexto de um fenômeno. Descritiva, por tentar realizar um estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico sem a interferência do pesquisador (Barros e Lehfeld, 2007). A morte é um fenômeno que intriga a maioria das pessoas. Muitos não querem falar nem pensar que um dia irão morrer, mas esse desconforto não impede a manifestação de entender o que vem depois da morte. As ferramentas tecnológicas vêm dando voz àqueles que querem, sim, falar sobre a ausência, homenagear e até mesmo interagir com seus mortos e discutir abertamente a dor da perda. Os recursos digitais têm propiciado essa comunicação. Por exemplo, o Facebook, que se tornou um espaço social, um memorial que expõe sentimentos e histórias de pessoas falecidas.

A busca pelo entendimento e clareza do assunto tratado levou-me a aplicar uma das formas utilizadas pela pesquisa qualitativa, a observação direta intensiva, subdividida em duas partes: observação e entrevistas. A primeira, é a obtenção de informações dos grupos pesquisados. Diante disto, a utilização da observação como método investigativo neste trabalho tem a finalidade de analisar a mudança de comportamento dos internautas. Este método se divide em três fases: na primeira, descritiva, com a função inicial de nos fornecer uma melhor orientação e identificação dos sujeitos envolvidos, partimos para seleção dos entrevistados. Por dois anos, observamos internautas enlutados, perfis de pessoas mortas no Facebook e empresas que atuam no mercado fúnebre digital. Observamos também os espaços em que se dava a interação com esses públicos (perfis de falecidos no Facebook e sites especializados das empresas funerárias), levando em conta sua estrutura no campo físico e virtual. Como esta fase foi basicamente na Internet, focamos a descrição da amostra analisada especificamente nas mensagens deixadas nas *timelines* dos mortos.

Na segunda fase, focalizada, concentrei-me na questão do tabu da morte ocidental e no impacto que as novas formas de lidar com a morte por meio da tecnologia digital têm provocado. Em um total de 100 entrevistas, 80% foram

realizadas por meio do *messenger* do Facebook e 20% foram direcionadas aos proprietários de 10 sites entre nacionais e internacionais que mantêm a empresa funerária no campo virtual. A interação com esses espaços foi baseada numa linguagem informal, em que foram abordados questionamentos referentes ao conteúdo publicado, tanto nos sites quanto na página do morto; tais como:

- Você conhece alguém que morreu e cujo perfil no Facebook ainda permanece ativo?
- O que leva você a publicar uma mensagem na timeline da pessoa falecida?
- Você costuma entrar sempre na página do seu parente ou amigo falecido?
- O que motiva você a fazer publicações no perfil de alguém que faleceu?
- Como você define essa nova forma de lidar com a perda?
- Existe muita procura pelos produtos e serviços da funerária?
- Quais são os produtos e serviços mais procurados pelo público?

Na seletiva, última fase, a análise debruçou-se sobre as postagens do Facebook. No decorrer da pesquisa de campo, percebemos que as mensagens publicadas na rede não eram direcionadas somente no momento da perda. Para os enlutados, trata-se de prestar homenagens neste espaço social, diante da escassez de rituais mais tradicionais. Em consonância com Mueller e Holthausen (2013, p.11) percebemos o grande número de compartilhamentos de vídeos, textos, fotos e músicas que reconstróem a identidade e a visibilidade da morte e do morto na rede.

O intuito de fazer o levantamento das postagens nos perfis de pessoas mortas no Facebook foi identificar a reação das pessoas ao receber a notícia sobre a morte de um parente ou amigo e, uma nova forma de uso da rede: espaço de manifestações de luto e emoções. Percebemos que as mensagens mais postadas se referiam a conteúdo nostálgico e de pêsames pelo fato ocorrido. E que o peso dessa informação no campo virtual é capaz de alcançar um número grandioso de usuários que se unem para contribuir na difusão do ocorrido. O que antes ocorria de boca a boca ou por meio do telefone, hoje se faz em tempo real e em poucos minutos (ou segundos). Pessoas de pontos distantes deslocam-se à casa do defunto para apresentarem as condolências e, em solidariedade, ajudavam a família a propagar a informação.

A segunda parte da pesquisa foi entrevistar. As entrevistas focaram nos familiares e amigos do morto, nos empresários do ramo funerário e nos internautas que visualizam produtos e serviços fúnebres. A definição por este método está relacionada com o levantamento de dados sobre as motivações desse público em

interpretar, compreender comportamentos, opiniões e as expectativas dos indivíduos envolvidos. Os participantes da pesquisa, ao nos concederem entrevistas, solicitaram o sigilo de seus nomes, por isso utilizamos somente as iniciais do primeiro e último nome.

2.4.

A quem a pesquisa foi direcionada e quais os critérios adotados?

Como já relatamos no item anterior, por dois anos acompanhei publicações deixadas por familiares e amigos nas páginas do Facebook, cujo conteúdo era direcionado aos falecidos, mas, ao mesmo tempo, quando outros usuários dessa plataforma curtiam ou comentavam as mensagens, estabelecia-se uma relação de proximidade com os vivos por meio do falecido. A partir daí determinamos alguns critérios de seleção dos entrevistados para a pesquisa.

O estudo selecionou quatro tipos de público-alvo. O primeiro e o segundo foram coletados através da rede Facebook, no período de 2014 a 2016, com um total de 80 usuários, divididos entre os perfis de pessoas que perderam familiares e amigos, e aqueles que se solidarizam nessa perda escrevendo mensagens nos perfis dos falecidos mesmo sem ter conhecido ou interagido com o mesmo enquanto vivo. No terceiro, concentramos as entrevistas em cinco administradores de duas comunidades que tratam de perfis mortos: Falecidos do Face (FF)⁷ e Profile de Gente Morta (PGM)⁸. O quarto e último grupo foi composto por 15 empresários do segmento funerário, que têm empresa no campo digital e oferecem produtos e serviços virtuais. Optou-se pela realização de entrevistas tanto *in loco* quanto virtuais.

A seleção não centrou somente nos usuários vivos que acabamos de apresentar. Foi necessário selecionar os perfis dos falecidos, num total de 06 pessoas, que morreram nos últimos dois anos e cujas contas permanecem ativas,

⁷Disponível em: <https://www.facebook.com/falecidosface/?fref=ts>. Acesso em: 22 jan /2017.

⁸Disponível em:

https://www.facebook.com/groups/pgmoriginal/?multi_permalink=1192585034160583%2C1192561590829594%2C1192084427543977¬if_t=group_activity¬if_id=1485040517388983.

Acesso em: 22 jan 2017.

com visualização pública liberada, nos quais as mensagens foram deixadas. A escolha se deu pela possibilidade de acessarmos as contas dos falecidos sem infringir as políticas de privacidade do Facebook.

A pessoa que morre permanece “viva” na rede por meio de fotos e textos que o(s) enlutado(s) da família ou mesmo amigos publicam. Daí o interesse em analisar as mensagens escritas por usuários, no Facebook, aos amigos e parentes que morreram e cuja conta permanece ativa; identificar de que forma os vivos podem interagir por meio dos mortos, considerando as possibilidades oferecidas pela rede social, como curtidas, comentários e compartilhamento.

2.4.1.

Como cheguei aos entrevistados

A aproximação com os entrevistados foi feita a partir de três abordagens. Na primeira, analisamos perfis ativos com mais de dois anos após o falecimento do titular, em que as pessoas continuam postando mensagens. Esses perfis foram selecionados através das comunidades PGM e FF e em perfis particulares dos usuários do Facebook, mediante o número de curtidas, comentários e compartilhamentos feitos no perfil do falecido. Na segunda, a escolha dos entrevistados ocorreu pelo número de postagens publicadas pela mesma pessoa no perfil do falecido. A terceira foi a forma utilizada na abordagem, realizada por meio do *messenger*, com as seguintes mensagens:

“Oi, tudo bem?”

Sou Milena Albuquerque, estudante do programa de doutorado em comunicação, pela PUC Rio. Minha pesquisa é sobre as novas tendências no lidar com a morte. Ao ler seu *post* sobre o falecimento de seu amigo, gostaria de conversar com você e lhe fazer algumas perguntas. Pode ser?”

A linguagem utilizada foi informal, como proposta de obter uma aproximação com os usuários escolhidos. Ao receber a resposta, positivamente, prosseguia na explanação da nossa pesquisa.

Olá, Fulano. Obrigada por me responder!

Como lhe expliquei, sou estudante de doutorado pela Puc Rio. Estou estudando as novas tendências no lidar com a morte, no intuito de entender o que leva as pessoas a postar mensagens para os falecidos próximos. Pesquisando alguns perfis de falecido, observei a quantidade de mensagens que você escreveu no *post* do morto.

Daí o meu interesse em lhe conectar e lhe fazer o convite a participar da minha pesquisa. Tudo bem?

Outra forma de abordagem, considerada por nós como a mais delicada, foi a realizada com os familiares mais próximos do morto, pai, mãe, filho ou irmão. Além de uma fragilidade pelo ocorrido, são pessoas que, talvez por estarem mais próximas da morte, evitam falar sobre o assunto. Pelo *messenger* do Facebook, a abordagem foi realizada conforme o texto abaixo:

Bom Dia!

Meu pesar para você e sua família.

Sei o quanto é difícil esse momento e muitas das vezes nem sabemos o dizer nessa hora de dor e sofrimento.

Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre as novas tendências no lidar com a morte. Essa pesquisa é voltada para internautas que perderam membros da família e amigos e costumam postar em suas *timelines* mensagens aos seus entes queridos.

Você aceita participar?

Em resposta:

- Negativa:

Oi Milena,

No momento não consigo participar da entrevista. Não me sinto bem, a dor é muito grande. Encontro na rede social um lugar para me sentir mais próximo de pessoas que estão longe de nós.

- Positiva:

Oi Milena,

É onde eu posso ficar mais leve com a dor da saudade. Postar a foto do meu irmão no Facebook vai ficar gravado e posso ver todas as vezes que a saudade bater. O Facebook tem uma ferramenta de nos mostrar lembranças de post antigos e isso é legal, porque nos faz lembrar e reviver os momentos felizes quando a gente menos espera.

2.5.

Seleção dos produtos e serviços ofertados no mercado fúnebre

Muito se fala e se pensa sobre as diversas formas de sepultamento que emergiram a partir das práticas tecnológicas. Tais práticas estão modificando bastante o mercado funerário e o campo midiático. O mercado funerário passou a oferecer novos produtos e serviços personalizados. Por exemplo, velórios virtuais, objetos confeccionados a partir das cinzas do morto, funerais personalizados,

vendas de coroas e velas digitais pela internet, inovação no design dos caixões variando de acordo com o gosto do usuário.

Alguns velórios são comparáveis a uma grande festa, com direito a brindes, doces e bebidas. Os participantes são parentes e amigos do morto, reunidos para celebrar uma última homenagem. Nesses eventos, morte é um assunto que se evita, pois toda a programação é focada na celebração da pessoa enquanto viva. Por isso, o defunto é tratado, por técnicas como a tanatopraxia, que fazem com que pareça vivo, é embalsamado para ficar parado fazendo algum gesto, lendo um jornal ou até mesmo em cima de um ringue ou em uma mesa de bar acompanhado de uma garrafa de cerveja e um copo. A ideia é proporcionar aos convidados uma visão de que se comemora a vida, o “vivo”, não um cadáver. Os serviços se profissionalizaram. Existem *drive-thru funerals*, estabelecimentos onde se pode passar e apenas assinar o livro de condolências, sem precisar sair do carro.

Na vertente das tecnologias digitais, esses velórios podem ser visualizados no universo *on-line* dos sites especializados e das redes sociais, como o Facebook. Esta rede é definida como uma “ferramenta apropriada simbolicamente para construir o espaço social no cotidiano dos atores, gerando práticas que ressignificam seus usos” (Recuero, 2014).

Os produtos selecionados para realização pesquisa foram escolhidos nos sites das empresas funerárias: objetos feitos das cinzas dos mortos (pingentes, fogos de artifício, discos de vinil, diamantes), velas virtuais, coroas virtuais, velórios virtuais, doces bem-velados, caixões personalizados, entre outros. Os bens digitais também foram produto analisado na coleta dos dados desta pesquisa. Neste caso, o grande dilema para algumas pessoas é decidir como ficam ou com quem devam ficar esses conteúdos após a morte do dono. Quais os procedimentos que uma pessoa deve tomar com o falecimento de um parente?

2.6.

Coleta dos dados

Nesta pesquisa a coleta do material foi realizada em duas partes. A primeira foi subdividida em cinco passos: iniciamos com a seleção de 50 mensagens e 50 imagens, ambas retiradas de perfis de usuários anônimos do Facebook que tiveram

algum parente ou amigo falecido; o segundo passo foi visitar duas empresas na cidade de Belém que oferecem serviços *on-line*: Recanto da Saudade e Max Domini. Essas visitas tiveram o objetivo de acompanhar as transmissões do velório virtual oferecido por ambas empresas; o terceiro passo foi acessar pela Internet um total de cinco velórios virtuais, transmitidos por essas empresas funerárias citadas.

Na empresa Recanto da Saudade conseguimos ter acesso a uma senha e acompanhar três velórios virtuais e pela empresa Max Domini acompanhamos os outros dois. Nas duas empresas, o processo de funcionamento de transmissão ocorre da seguinte maneira: ao contratar o serviço, a família do morto autoriza a exposição das imagens do velório, em tempo real, transmitidas pelo site da empresa. A transmissão ocorre mediante câmeras de alta resolução instaladas na sala velatória, possibilitando que o velório seja acompanhado a distância, através da internet. Para dar mais segurança ao cliente, o serviço tem acesso restrito a partir de uma senha que é fornecida aos familiares.

No quarto passo, decidimos por realizar entrevistas, que foram divididas em duas fases: a primeira aconteceu por meio do *messenger* do Facebook, com internautas que costumam visitar perfis de gente morta, frequentar velórios virtuais e postar informações e opiniões sobre o evento. Na segunda fase fiz entrevistas com os familiares e amigos do falecido presentes no velório físico e virtual. Para realização dessa etapa foi fundamental respeitar a privacidade familiar e o cuidado ao abordar um membro da família. Na segunda parte da coleta dos dados, direcionamos as entrevistas especificamente para os empresários e os diretores de funerárias.

2.6.1.

Análise dos dados

A partir das mensagens extraídas, iniciamos uma análise das mesmas, a começar pela figura 1, que mostra o depoimento do usuário E. S, que expressa seu sentimento, através de uma mensagem em homenagem a sua prima-irmã falecida

em função de um câncer. O texto destaca a luta contra a doença e a tentativa de sobreviver.



Figura 1: depoimento de E. S

Fonte: Facebook de E. S

Observamos que as mensagens expostas no Facebook não são manifestadas no período em que ocorre o falecimento, mas também atualizadas conforme as datas de aniversário de nascimento e de morte, tonando o espaço uma espécie de memorial online. As figuras 2 e 3 mostram depoimentos dos usuários E. M e P.S que também expressam a dor da saudade pelo falecimento de suas respectivas irmãs. Ambos relatam que a iniciativa de escrever em seus perfis foi no intuito de preencher a lacuna da ausência e do vazio, uma maneira de compartilhar com amigos e parentes os momentos de tristeza e aflição.

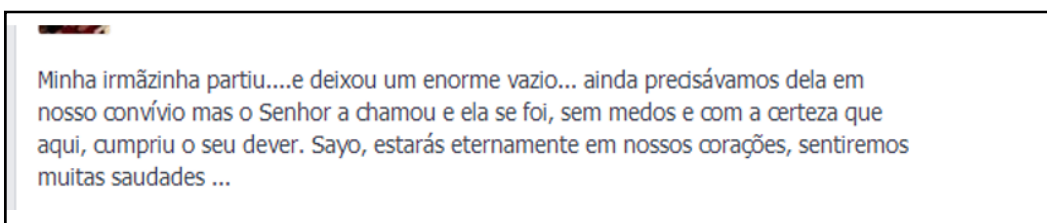


Figura 2: depoimento de E. M

Fonte: Facebook de E. M

Há quatro anos tudo mudou, foi para o céu a minha melhor amiga, a melhor irmã do mundo, melhor filha também... Só Deus sabe o quanto sentimos sua falta, e a cada dia que passa a dor e saudade só aumenta, é como se qualquer hora ou momento ela irá chegar com aquele sorriso lindo, dizendo Olá...E como eu gostaria que esse sonho se realizasse, não só por mim ,mas pelos meus familiares e amigos, que também sentem Saudades dela... Não existem palavras para descrever esse dia na minha vida, mas como ela me prometeu ,mesmo sem saber o que iria acontecer, que pediria a Deus para me dá forças e nessas horas eu sei que ela não me abandonou, jamais nada irá nos separar... Ester eu te amo hoje, sempre e eternamente♡♡♡♡

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

Figura 3: depoimento de P. S

Fonte: Facebook de P. S

As relações sociais estão mais virtuais, as mídias sociais acabam se tornando uma válvula de escape para reconhecer as próprias emoções e registrá-la de modo a compartilhar com um maior número de pessoas. Antes, a pessoa tinha que contar verbalmente para cada um. Hoje um simples *post* expõe seu estado de espírito, uma facilidade que a internet proporcionou, segundo o depoimento do usuário T. G. Segue na figura 4, a mensagem de despedida do neto para avó:

Sempre bem humorada, dona Bené era nota 1000. Os últimos anos não foram fáceis pra ela, mas lutou até o quanto sua força a permitiu! Sem sombra de dúvidas, uma mulher que me ensinou, a partir de um vocabulário rico e diversificado, a vencer as situações de forma positiva e sem reclamações. É assim que vivo agora essa saudade que ela deixou pra gente. Papai do Céu sabe o que faz e tem seus motivos. Estou longe, mas nem por isso ileso desse sofrimento. A tranquilidade vem da certeza que ela está bem melhor agora, intercedendo e sorrindo de uma linda e brilhante estrela, onde ela merece estar eternamente. Vovó, brigadão por tudo o que a senhora representa na minha vida! Sentiremos sua falta!

Figura 4: depoimento de T. G

Fonte: Facebook de T. G

Na opinião do usuário J. C, o *Facebook* é uma forma de registro e acima de tudo uma demonstração de sentimentos, sensações, pensamentos. Sua postagem na

figura 05 foi motivada pela grande admiração que tem pelo seu professor que faleceu, no dia 08/7/2015, em função de complicações no pós cirúrgico.

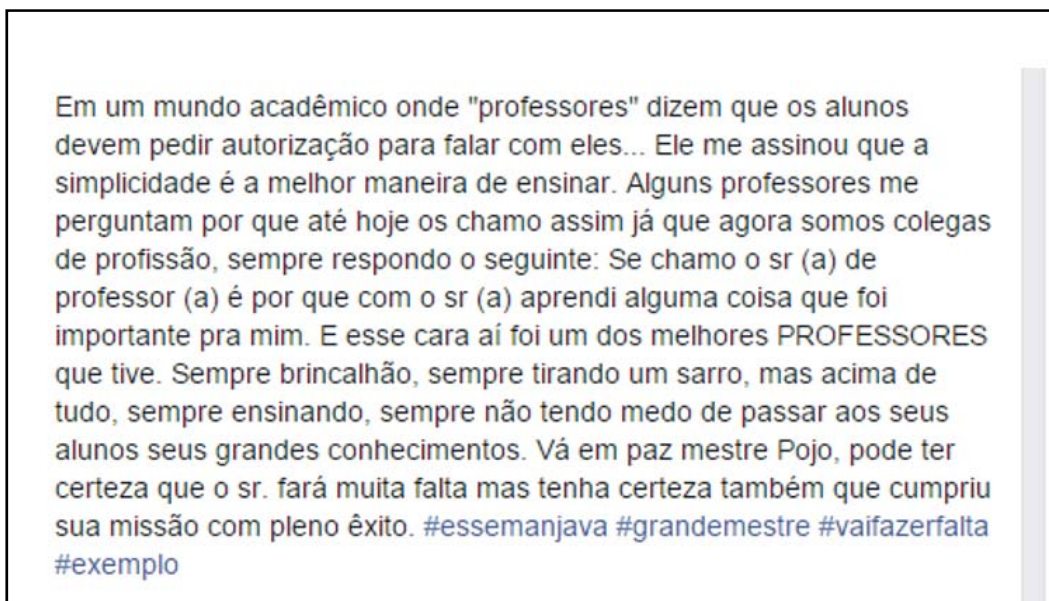


Figura 5: depoimento de J. C

Fonte: Facebook de J. C

Todas essas homenagens no Facebook têm transformado os “muais de recados” de seus perfis em verdadeiros “memoriais online”. Pela nova dinâmica do Facebook, o conteúdo publicado pela pessoa ficará visível de acordo com as definições de privacidade da conta antes da sua morte.

“Até então, o perfil “imortalizado”, que funciona como um memorial, sofria interferência do Facebook que só permitia que o conteúdo fosse visto por contatos listados como amigos. A nova política de privacidade já está em vigor e libera também o vídeo Look Back para família”.⁹

A partir dessa nova regra, o Facebook não faz mais interferências nas páginas dos seus usuários. Esse novo recurso permite ao usuário, em vida, definir as configurações de sua página, tornando-o ‘imortal’, após a sua morte. As mensagens deixaram de ser restritas e passaram a ser apresentadas a amigos de amigos ou publicamente, conforme as novas configurações.

Nas entrevistas com os empresários, duas foram *in loco* e as demais por meio da rede Facebook ou através do e-mail da empresa. As principais perguntas

⁹ <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/02/facebook-muda-politica-de-privacidade-de-usuarios-jamortos.html>. Acesso em: 02 jun. 2015.

feitas aos empresários que entrevistamos foram: Quais produtos ou serviços são mais requisitados pelos clientes? Existe muita procura pelos produtos e serviços da funerária?

3

Morte Online

Mas tenho muito medo do morrer. O morrer pode vir acompanhado de dores, humilhações, aparelhos e tubos enfiados no meu corpo, contra a minha vontade, sem que eu nada possa fazer, porque já não sou mais dono de mim mesmo; solidão, ninguém tem coragem ou palavras para, de mãos dadas comigo, falar sobre a minha morte, medo de que a passagem seja demorada. Bom seria se, depois de anunciada, ela acontecesse de forma mansa e sem dores, longe dos hospitais, em meio às pessoas que se ama, em meio a visões de beleza.

Rubem Alves¹⁰.

Início este capítulo com base nas palavras de Rubem Alves ao retratar a repugnância da sociedade ocidental ao lidar com a morte. O medo se encarrega de fazer afastar, desprezar, renegar e por isso ainda trata de ‘matar’ o morto o mais rápido possível, no intuito de acelerar a passagem por meio de ritos expeditivos, esquecimento rápido e, assim, silenciar a morte. Estudar estes ritos é sociologicamente importante, pois a morte de um indivíduo é a ocasião em que o grupo, no mais amplo sentido do termo, produz a sua reprodução, tanto nos planos cultural, simbólico e ideológico, como no plano das estruturas socioeconômicas (Rodrigues, 2006, p. 21).

As civilizações são mortais e isto não deixará de marcar essencialmente suas representações da morte. (...) evidenciam-se na morte, nos ritos e práticas funerários, ao mesmo tempo o seu caráter de extrema individualidade e sua constituição social: ela traça um confim último entre a subjetividade do eu e do outro (Rodrigues, 2006, p. 21).

Verificamos que a trajetória da morte pela sociedade ocidental nos revelou significativas mudanças de comportamento que chegam à atualidade e denunciam o fenômeno do “desaparecimento da morte”. No capítulo anterior, vimos que até o século XI, quando os primeiros signos de uma concepção individualista da morte começam a aparecer, a morte, e tudo o que lhe dissesse respeito, era vivida coletivamente e concebida como questão comunitária.

¹⁰ Disponível em: http://www.releituras.com/rubemalves_morte.asp. Acesso em: 10/09/2016.

Segundo Ariès (2012), até o começo do século XX, a função atribuída à morte e a atitude diante dela eram praticamente as mesmas em toda a extensão da civilização ocidental. Esta unidade foi rompida após a Primeira Guerra Mundial. As atitudes tradicionais foram abandonadas pelos Estados Unidos e pelo noroeste da Europa industrial, sendo substituídas por um novo modelo no qual a morte foi como que expulsa. Em contrapartida, os países predominantemente rurais, que, aliás, eram muitas vezes católicos, permaneceram-lhes fiéis.

Importante frisar de novo momentos que marcaram o tratamento da morte na sociedade contemporânea: o primeiro, a ocultação da morte, ou melhor, o seu banimento da sociedade e sua apropriação pela família, pois até o século XVII o homem ocidental mantinha uma relação pessoal com o fim da vida. O segundo, a transferência para o hospital: a morte no leito deixa de ser pública, passa a ser escondida. Terceiro momento, o eclipse do luto.

Em pleno século XXI, o avanço tecnológico e as facilidades da interligação entre as pessoas têm proporcionado, em ambientes virtuais, discussões sobre temas até então considerados tabus pela sociedade ocidental. Se, no passado, lidar com a morte e com o morto era comum, natural e público, porque não pensar numa nova esfera de interação e socialização por meio do ciberespaço?

Rodrigues (2006, p. 155) relata que a representação tradicional do Céu é a imaginação de uma espécie de jardim em que as pessoas separadas se reencontram, em que as amizades desfeitas pela morte poderão se reconstituir e em que a comunicação poderá ser restabelecida. Nessa visão do autor, não seria propício pensar que através do campo virtual a sociedade está mais a vontade em falar sobre suas perdas, seus medos e angústia quando enfrentam a perda de um ente querido? Então, paralelo a isso, vem à pergunta: como conviver com a morte na Era Digital? Como a sociedade midiática tem vivenciado a permanência do morto no ciberespaço?

Estudos recentes revelam que a internet está presente na vida cotidiana de boa parte da população mundial. As redes sociais possibilitam novas formas de interação e socialização quase instantânea entre as pessoas, inclusive entre aquelas que estão distantes física e socialmente. Ao mesmo tempo, as redes são ferramentas que contribuem para que novas maneiras de construir a subjetividade se tornem

possíveis, pois permitem que os diversos momentos da vida de seus usuários sejam divulgados e compartilhados.

Estamos diante de uma geração “C” (*Connected Collective*), composta por uma categoria de pessoas que cresce com a internet, com expectativa de participação e interação completamente distinta da de seus antecessores.

67% dos membros colocam suas fotos na internet; 85% veem o que seus amigos e colegas pensam antes de tomar uma decisão; 88% têm um perfil em uma rede social, 65% atualizam diariamente; e 91% dormem do lado do smartphone¹¹.

Tais dados revelam mudanças significativas nas atitudes em relação ao mundo de possibilidades presentes no ambiente *online*. Considerada “geração do *Youtube*”, uma nova e poderosa força na cultura do consumo não ligada à faixa etária, mas a atitudes e mentalidades. Como característica, essa geração esforça-se para se expressar, ditar tendências, definir redes sociais e buscar entretenimento e, por isso, está constantemente conectada. Ao defender a aplicação do conceito de “comunidade” a este fenômeno, Ribeiro (2015) se baseia na orientação da ação social fundada em qualquer tipo de ligação emocional, afetiva ou tradicional.

O desenvolvimento dos meios de comunicação e sua ação no cotidiano modificaram o sentido de espaço e de tempo e também as relações na sociedade, transformando a ideia de comunidade, fazendo emergir um sentimento de pertencimento, como uma espécie de comunhão que, em essência, existe apenas na sua virtualidade (Ribeiro, 2015, p. 42).

E com relação à comunidade virtual, Rheingold a define:

São agregados sociais que surgem da rede (Internet), quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético (Rheingold, 1996, p. 20).

De acordo com a definição de Rheingold, a comunidade virtual é composta por grupos humanos que atuam no ciberespaço, através da rede de computadores (Ribeiro, 2015, p. 42). O conceito de Ribeiro se baseia em elementos formadores das relações virtuais como as discussões públicas, os contatos consolidados, o tempo de contato e os sentimentos que se recriam e se renovam em alguns

¹¹ Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI339144-17770,00-A+VEZ+DA+GERACAO+C.html>. Acesso em: 20/05/2016.

compartilhamentos. Segundo Recuero (2005), alguns desses elementos, combinados através do ciberespaço, poderiam ser formadores de redes de relações sociais e constituírem comunidades.

Com o crescimento do ciberespaço e com sua utilização como um suporte para a realização de interações sociais, a morte tem sido amplamente discutida. No ciberespaço, encontram-se de forma fácil espaços para discussão e contemplação da morte - mesmo que esta não seja a intenção inicial (Negrini, 2010).

3.1.

Morrer na Era Digital

A internet passou a ser vista com um novo espaço do espírito, com sonhos contemporâneos de imortalidade e ressurreição, reemergindo algo parecido com o Além cristão medieval, onde a alma viveria em um espaço infinito, fora do tempo

Renata Rezende Ribeiro

Para melhor exemplificar esse cenário, analisamos quatro histórias reais que foram veiculadas pela internet, através das redes sociais (Facebook e Twitter), blogs e sites especializados.

Iniciamos com a história da jovem americana Brittany Maynard, de 29 anos, da cidade Portland (Oregon – EUA), que planejou a data de sua morte para primeiro de novembro de 2014, por meio de suicídio assistido. Essa decisão foi tomada em janeiro de 2014, logo após descobrir que seu câncer cerebral era irreversível. Precisou mudar da Califórnia para Oregon, um dos poucos estados americanos dispostos a ajudar pacientes em fases terminais a praticar suicídio, de modo a obter direito à Lei da Morte com Dignidade. "Eu tenho discutido com muitos especialistas como eu iria morrer com ele, e é uma terrível forma, terrível para morrer. Ser capaz de escolher ir com dignidade é menos aterrorizante"¹². Alguns países e estados já

¹² Depoimento de Brittany Maynard no site People.com: http://www.people.com/people/package/article/0,,20981907_21012023,00.html. Acesso em: 23 mai 2016.

aceitam e convivem com o suicídio assistido, como Holanda, Bélgica, Suíça, EUA (nos estados Washington, Oregon, Vermont, New México e Montana).

Brittany Maynard se tornou um símbolo pela defesa da legalização do suicídio assistido. Nas semanas que antecederam a sua morte, Maynard foi tema principal no debate sobre o direito de morrer. Atraiu atenção pública, com mais de 16 milhões de visitantes únicos lendo sua história no site People.com¹³. Antes de sua partida, a americana escreveu em sua conta do Facebook:

"Adeus a todos os meus queridos amigos e família que eu amo".

"Hoje é o dia que eu escolhi para morrer com dignidade por causa da minha doença terminal, esse terrível câncer no cérebro que tomou tanto de mim, mas que poderia ter tomado muito mais".

"Adeus mundo".

"O mundo é um lugar bonito, viajar tem sido a minha forma de aprendizado... Agora, enquanto escrevo, tenho uma corrente de apoio em volta da minha cama ... Adeus, mundo. Espalhem boas energias. retribuam!".

O suicídio assistido não é uma prática muito presente no meio social. Segundo Goldin¹⁴ ocorre quando uma pessoa, que não consegue concretizar sozinha sua intenção de morrer, solicita o auxílio de outro indivíduo. Também conhecida como morte assistida, sua definição consiste na promoção de meios para que o paciente terminal, por conta própria, ponha fim a sua vida. Não se trata de eutanásia, pois a decisão e a execução do ato partem do próprio paciente. Os terceiros, normalmente familiares e pessoas próximas, apenas colocam ao seu alcance os meios necessários para que o paciente se suicide de forma digna e indolor¹⁵.

A segunda história é da atriz Cibele Dorsa, de 36 anos. Uma morte anunciada nas redes sociais, como mostra a figura 06¹⁶:

¹³ Disponível em: http://www.people.com/people/package/article/0,,20981907_21012023,00.html. Acesso em: 23 mai 2016.

¹⁴ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/bioetica/eutanore.htm>. Acesso em 28/05/2016.

¹⁵ Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8765. Acesso em 28/05/2016.

¹⁶ Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/materia/cibele-dorsa-fim-twitter>. Acesso em: 26/06/2016.

Cibele Dorsa: uma morte anunciada (no Twitter)

Quase dois meses após presenciar o suicídio do noivo, Gilberto Scarpa, atriz avisou na internet que teria o mesmo fim

Por: João Batista Jr. © 01/04/2011 às 23:51



Figura 6: notícia publicada no site da Veja

Uma hora depois de sua morte, sua irmã, Carla Dorsa, postou um recado no Facebook de Cibele: *“Queridos amigos, hoje é o dia mais triste da minha vida, minha irmã faleceu às 2 da manhã! Sei que ela está com Jesus, mas a dor e a saudade são muito fortes!!!”* Em pouco tempo, o mural do perfil de Cibele na rede social se transformou em um memorial. Centenas de pessoas – primeiro os amigos, mas depois também fãs e curiosos – deixaram os mais diversos recados na página. Muitos lamentaram a morte de Cibele e outros escreveram mensagens de pêsames para a família.

Um trecho de um depoimento da editora-assistente da revista *Época*, Marta Mendonça destaca bem o momento de usabilidade da internet e sua relação com a atitude diante da morte.

Antes de se matar, Cibele também tuitou: *'Lamento, eu não consegui suportar a morte nos meus braços, mas lutei, até onde eu pude'*. Tuitar antes de morrer me pareceu algo muito estranho. Mas pensei: é comum suicidas deixarem bilhetes. Em vez de lápis e papel, ela usou a internet – ampliando para o público o que deveria ser particular¹⁷.

O perfil da atriz no Twitter, em que ela deixou uma espécie de carta de despedidas – um vídeo com fotos suas e de Gilberto Scarpa e uma mensagem dizendo "lutei até onde pude" – antes de pular da mesma janela que seu noivo tinha usado para se suicidar, ganhou seguidores. Havia quem parecesse não entender o que tinha acontecido e alguns dos textos eram escritos para a atriz, como se ela pudesse ler e responder.

As reações que se seguiram tanto no Twitter quanto no Facebook foram de extrema comoção: amigos e familiares deixaram recados, lamentaram a morte, falaram diretamente com a atriz como se fosse possível uma comunicação. Mas o memorial não termina, continua sendo alimentado em períodos comemorativos ou de lembranças. As pessoas voltam para deixar mensagens para Cibele tanto na data de sua morte quanto (mais) no seu aniversário. Os comentários são simples, coisas como "ainda sinto sua falta", "saudades de você" e "Parabéns Cibele". "No mundo do faz de conta, é como se estivéssemos mandando a mensagem”.

Histórias como essas que acabamos de relatar podem parecer excepcionais – pela circunstância da morte –, mas servem de exemplos para uma questão que ganha cada vez mais importância: o que acontece com o nosso legado digital depois que morremos? O que será do nosso 'eu' digital quando não estivermos mais aqui para atualizá-lo?

Em 2013, o Facebook alcança marca de 76 milhões de pessoas e a conta dá mais de 10 milhões de usuários mortos na rede. Seu crescimento vem desde 2011, quando a rede abriu seu escritório no Brasil, com alta de 660%, segundo o portal da revista *Veja*¹⁸. O número de mortes de usuários por ano vai crescer exponencialmente à medida em que os donos dos perfis ficam mais velhos e morrem.

¹⁷ Disponível em: <http://colunas.revistaepoca.globo.com/mulher7por7/2011/03/26/cibele-dorsa-o-twitter-e-a-caras/>. Acesso em: 23/05/2016.

¹⁸ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/tecnologia/facebook-alcanca-marca-de-76-milhoes-de-usuarios-no-brasil/>. Acesso em: 23/05/2016.

As Mídias Sociais procuram oferecer uma maneira de manter contato com pessoas em todo o mundo, mas também pode ser usada para ajudar a lembrar dos falecidos, ao mesmo tempo ‘vivos’ por conta da permanência dos perfis nas redes. Este ainda é um conceito relativamente novo, mas o Facebook começou a oferecer perfil memorial. Na tentativa de mantê-lo sempre ativo, a rede modificou sua configuração, permitindo que parentes solicitem a conversão da página em um espaço de memória.

Ao sofrer a mudança, a página do falecido recebe a frase ‘em memória de’ e torna-se memorável, com todos os seus dados, apesar de inativos. Como exemplo, a figura 07 mostra o perfil de um internauta morto. Sua página no Facebook continua ativa. Tornou-se espaço de lembrança online pela constante visitação.



Figura 7: página de um internauta morto, do Facebook.

Através deste canal virtual as pessoas estão se permitindo falar mais sobre morte e sobre o morto, que passou a ser contemplado por seus amigos e familiares. Advêm daí as mudanças quanto à usabilidade das redes sociais. O Facebook⁷⁸ dispõe de recursos para lembrar os amigos do morto sobre datas comemorativas, como até mesmo a data de falecimento. Há também uma mudança na configuração da rede, que permite a liberação da senha a um familiar. Após a morte este ficará responsável por gerenciá-la, tornando-a um espaço de memória.

Com as recentes mudanças tecnológicas, o hábito de guardar registros fotográficos em álbuns de família ou em diários tem se tornado praticamente inativo, dependendo do meio social. A tendência é que sejam os espaços virtuais os mais utilizados para realizar a função de preservar as lembranças de famílias. Ou seja, o que antes era armazenado no meio físico fica agora em computadores, sejam os *e-mails*, que substituíram as cartas, fotos e vídeos, ou outros dispositivos que talvez nem existissem sem a *web* (toda uma coleção de *tweets*, por exemplo).

As redes sociais são cada vez mais reflexo dos indivíduos. Quando uma pessoa morre, é natural que os sobreviventes se voltem para suas identidades, pois sofrem com a perda de um ente querido. Este é o acontecido no nosso terceiro exemplo, que retrata a questão do luto público, baseado na repercussão da morte da ex-primeira-dama, Marisa Letícia Lula da Silva.

Iniciamos com a citação publicada no blog de Paulo Fonteles Filho, intitulado “O discurso do ódio, o martírio de dona Marisa e a moral fascista”:

O desaparecimento físico de dona Marisa, mulher discreta e militante engajada revelou, ainda, toda a sordidez que a alma humana é capaz de carregar: o vazamento de uma tomografia situando a grave condição clínica da ex-primeira-dama, pela médica [...] fez grassar, nas redes sociais, a bilis malsã do ódio de classe¹⁹.

Se a morte é um tabu para o ocidental, por que é bem-vinda para algumas pessoas? É aceita por ser condenável, um castigo, uma punição ou uma consequência de atos?

Marisa Letícia Lula da Silva foi alvo dessa condenação. Reações intensas de internautas começaram a surgir nas redes sociais, logo após a ex-primeira-dama ter dado entrada no hospital Sírio-Libanês com quadro de Acidente Vascular Cerebral (AVC) hemorrágico, no dia 24 de janeiro de 2017. Mensagens de ódio e de repúdio, desprovidas de senso de humanidade foram publicadas no perfil da rede⁷⁹ social da ex-primeira-dama. Os mais exaltados deixavam recados satíricos: “agora está colhendo o que plantou”, “Cadê os médicos cubanos?”, “Vai para o SUS”.

¹⁹ Disponível em: <http://paulofontelesfilho.blogspot.com.br/2017/02/o-discurso-do-odio-o-martiriode-dona.html>. Acesso em: 18 mar. 2017.

Seguindo a linha de pensamento de Gomes (2014, p. 17), os sites e aplicativos para redes sociais digitais se tornaram arenas essenciais da discussão pública sobre temas de interesse político.

São espaços sociais em que ideias são modificadas no atrito de pensamento, em que interpretações são geradas e colocadas à informação proveniente de outras esferas, em que informações são aglutinadas, ordenadas, mutiladas, corrigidas e distorcidas num circuito intenso, descentrado e extremamente ativo e atualizado (Gomes, 2014, p. 18).

Gomes (2014) faz analogia com o conceito de “esfera pública”, idealizado por Habermas, quando se refere a uma extensa rede de sensores sociais capazes de identificar os temas e problemas coletivos sobre os quais se processa a conversação social. Na visão do autor, são radares por meio dos quais os cidadãos, em primeiro lugar, detectam o assunto que é objeto da atenção dos outros. A figura 8 mostra o retrato do discurso do ódio manifestado por internautas na rede social, Facebook:



Figura 8: manifestação do discurso do ódio na rede

Fonte: <http://www.pragmatismopolitico.com.br>

Gomes (2014) continua a reforçar a similaridade com o pensamento habermasiano, quando se utiliza de outra metáfora que o filósofo alemão aplicou à esfera pública: as caixas de ressonância. As redes sociais digitais não apenas capturam, agregam e condensam os temas sociais, como também são meios de

amplificação das questões, isto é, meios de aumentar-lhes o eco, intensidade e volume, de forma a chamar a atenção inclusive dos meios de massa (Gomes, 2014, p. 19).

O advento da internet fez do ciberespaço, um espaço para muitas discussões e reflexões. Proporciona uma nova infraestrutura – mais rápida e mais barata, com grande potencial para produção e difusão autônoma de informação e com uma gama variada de recursos para a conexão e para a ação política em escala local, nacional e internacional (Maia, 2011, p. 47).

Também é vislumbrada como novo ambiente, não concreto, mas igualmente real e sugere uma reconfiguração dos espaços já conhecidos, das relações entre as pessoas e da própria estrutura de poder (Recuero, 2000).

As redes são comunidades virtuais constituídas por um grupo de pessoas que estabelece entre si relações sociais, que permaneçam um tempo suficiente para que elas possam constituir um corpo organizado, através da comunicação mediada por computador (Recuero, 2005, p. 19).

A nova forma de expressar ideias, opinar e discordar do outro faz com que contribua para o surgimento de novos fenômenos nas redes sociais, bem pouco “comunitários”, aliás, como o ódio, a intolerância e a discórdia, sentimentos manifestados por agressões e ameaças: “Tem que romper no procedimento. Daí já abre pupila. E o capeta abraça ela”. Esta frase, mostrada na figura 09, foi veiculada em matéria do jornal O Globo, dita por um médico neurocirurgião em um grupo de WhatsApp, após receber as tomografias vazadas de Marisa Letícia Lula da Silva.



Figura 9: imagem publicada no jornal O Globo.

Fonte: <http://www.revistaforum.com.br/mariafro/2017/02/06/48859/>

O episódio sobre a atitude e o comentário do médico abriu precedentes para analisar questões éticas na categoria. A repercussão dos comentários agressivos foi intensa e rápida, o que ocasionou o afastamento do neurocirurgião de suas funções na empresa em que trabalhava. Esta enfatizou, em nota de esclarecimento, que o neurocirurgião não pertence ao quadro de médicos cooperados, mas era terceirizado no hospital próprio da cooperativa por contrato de prestação de serviços.

A figura 10, mostra a matéria sobre o afastamento do médico que foi veiculada na fan page da Folha de São Paulo.



Figura 10: Fan page do Facebook da Folha de São Paulo Fonte:
<https://www.facebook.com/pg/folhadesp/posts/>

As redes sociais também são consideradas espaços de socialização. Lugar em que as pessoas se reúnem com a intenção de compartilhar informações com outras pessoas interessadas, além de obter visibilidade e ter acesso aos assuntos mais comentados. O ciberespaço é um ambiente que proporciona interesses profissionais, emocionais e tem ganhado espaço para manifestações de causas políticas. No episódio ocorrido com a ex-primeira-dama ficou claro o papel de discussão e conexão entre os agentes sociais presentes nas redes.

O ciberespaço se configura como novo suporte de comunicação e de práticas culturais, envolvendo sujeitos e objetos no interior de uma teia de conexões. Tal lugar difere-se de outros espaços físicos, concretos, na medida em que se configura como lugar de conexões, onde novas possibilidades são desenvolvidas e múltiplos sentidos são atualizados (Ribeiro, 2015, p. 55).

A manchete publicada no site Pragmatismo Político, mostrada na figura 11, retrata o ódio dirigido a uma pessoa pública. A notícia de que Marisa Letícia havia sofrido um AVC começou a percorrer nos portais de notícias e nas redes sociais no

início da tarde do dia 24 de janeiro de 2017. A partir daí as reações foram intensas, desde mensagens de apoio até manifestações desprovidas de qualquer senso de comunidade.



Figura 11: site Pragmatismo Político

Fonte: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/01/pessoas-torcem-pela-morte-de-dona-marisa-apos-avc.html>

O cenário político estabelecido na rede social, tem-se um novo perfil de públicos que segundo Boyd (2010) conceitua como os públicos que se reestruturam por tecnologias em rede.

Tenho examinado diferentes aspectos de sites de redes sociais, principalmente de uma perspectiva etnográfica, por mais de seis anos. Ao dar sentido às práticas que passaram por esses sites, cheguei a entender os sites de redes sociais como um gênero de "públicos em rede" (tradução nossa)²⁰.

Esses públicos em rede devem ser entendidos em termos de "públicos", um termo disputado e confuso com múltiplos significados que é usado em diferentes disciplinas para sinalizar conceitos diferentes. Na visão de Livingstone (2005, p. 9, citado por BOYD, 2014, p. 40) significa que os públicos são conjunto de pessoas que compartilham "uma compreensão comum do mundo, uma identidade compartilhada, uma reivindicação de inclusão, um consenso sobre o interesse coletivo". Nesse sentido, um público pode se referir a uma coleção local de pessoas (por exemplo, seus pares) ou uma coleção muito mais ampla de pessoas. Alguns estudiosos afirmam que não há um público único, mas muitos públicos aos quais

²⁰ I have been examining different aspects of social networking sites, primarily from an ethnographic perspective, for over six years. In making sense of the practices that unfold on and through these sites, I have come to understand social network sites as a genre of "networked publics" (BOYD, 2010, p. 39).

algumas pessoas são incluídas e outras excluídas (Warner, 2002 citado por BOYD, 2014, p. 40).

As redes permitem a reunião de pessoas com o intuito social, cultural e cívico, e ajudam as mesmas a se conectar com um mundo além de seus amigos e família. Por outro lado, também permitem as manifestações de ódio e intolerância, que na maioria dos casos são provenientes da ignorância e da falta de informação e conhecimento. Em função da repercussão que ocorreu em detrimento negativo das postagens, as instituições indiretamente afetadas tratam de buscar ajuda nas próprias mídias e redes sociais, onde a matéria foi veiculada.

O quarto exemplo refere-se a duas histórias parecidas, mas com finais distintos. A primeira relata a trajetória de luta de Louise Palmer, uma mãe britânica que brigou na justiça americana pelos direitos da herança digital, deixada pela sua filha de 19 anos, Becky Palmer, após esta morrer de câncer cerebral em 2010. Durante a internação, Becky mantinha contato com seus amigos e familiares pelo Facebook, em que costumava postar muitas coisas do seu dia a dia. Quando chegou ao estágio final da doença, a jovem perdeu a fala e os movimentos. Louise ajudava a filha a se ‘logar’ na rede social para interagir com os colegas. Becky faleceu, mas a mãe continuou acessando sua conta no Facebook, querendo se sentir mais perto da filha. Em depoimento, Louise expressou sua opinião a respeito do ocorrido:

Quando você perde uma filha, e perder um filho é a pior coisa que pode acontecer, você tem medo das pessoas se esquecerem dela. Então poder entrar lá e ver o que as pessoas postavam no seu mural e as mensagens privadas que mandavam faziam com que eu me sentisse bem. Era uma certeza de que ainda se lembravam dela²¹.

A conta de Becky foi desativada pela rede dias depois do falecimento e todo seu material foi retirado do campo digital. Isto fez Louise procurar o Facebook, explicando a situação e pedindo que ainda pudesse ter acesso às mensagens privadas que os amigos enviavam a sua filha. A resposta que Louise recebeu do Facebook foi a seguinte:

Olá Louise, sentimos muito por sua perda. Pela nossa política para usuários falecidos, nós tornamos essa conta um memorial. Isso configura a privacidade da página, para que somente amigos confirmados possam ver o perfil da pessoa ou localizá-la na

²¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/04/luta-de-mae-pelo-facebook-da-filha-expoe-questao-de-heranca-digital.html>. Acesso em: 25/06/2016.

busca. O mural permanecerá lá, para que amigos e familiares possam deixar posts em memória. Infelizmente, por questões de privacidade, não podemos fazer mudanças no perfil, nem fornecer informações de *login* da conta. Pedimos desculpas por qualquer inconveniente que isso possa causar. Por favor, avise-nos se houver mais alguma dúvida. Obrigada pelo contato²².

A segunda ocorreu nos EUA e ganhou força depois que a professora Karen Willians abriu um processo contra o Facebook para poder manter no ar o perfil de seu filho, Loren. O rapaz de 22 anos morreu em 2005 em um acidente de moto. Como forma de lembrar o passado, ela conseguiu a senha e passou a acessar a conta do filho. Assim conseguiu ler os depoimentos de amigos e parentes. Mas o *site* fechou-lhe o acesso quando Karen mandou uma mensagem para a companhia pedindo instruções sobre como proceder para que o perfil não fosse encerrado.

Diferente Louise Palmer, a professora venceu a batalha judicial. Após dois anos obteve acesso, mas por apenas dez meses. O caso abriu um precedente judicial e o assunto começou a chamar a atenção dos legisladores americanos. Em 2010, o estado de Oklahoma aprovou uma lei estabelecendo que o executor de um testamento também tenha o direito de administrar as contas de redes sociais e outros serviços virtuais que a pessoa usava antes de morrer. O estado de Nebraska discute lei semelhante. Por meio dela amigos e parentes ganharão o poder de gerir o legado digital daqueles que já se foram. O Reino Unido desde 2015 preocupa-se com essa questão, quando a Law Society (semelhante a OAB no Brasil) aconselhou pessoas a deixarem instruções claras sobre o que deveria acontecer com suas redes sociais e outras contas online após a morte.

A herança digital é uma realidade e precisa ser levada em consideração não só por quem possui um valioso acervo digital, mas por todos que de alguma maneira utilizam o meio virtual para armazenar conteúdos importantes, também conhecidos como pertences digitais: fotos, vídeos, livros, músicas e arquivos importantes que agora podem ser armazenados nas chamadas nuvens. Estes bens são adquiridos virtualmente e seus proprietários internautas estão cada vez mais preocupados com o destino dos mesmos: quem terá acesso, quem os herdará?

*

²² Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/04/luta-de-mae-pelo-facebook-da-filha-expoe-questao-de-heranca-digital.html>. Acesso em: 25/06/2016.

O grande dilema para algumas pessoas é decidir como ficam ou com quem devam ficar esses conteúdos após a morte do dono. Quais os procedimentos que uma pessoa deve tomar com o falecimento de um parente?

No Brasil e em outros países, a nova era de tecnologia traz mais uma preocupação para quem já parou para pensar na própria morte. Em solo brasileiro, existe o projeto de lei n.4099/12²³ proposto pelo Deputado Jorginho Mello (PR), que visa a acrescentar um parágrafo único ao art. 1788²⁴ do Código Civil de 2002. Em 2013, o projeto foi aprovado em caráter conclusivo pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, mas ainda precisa ser sancionado pelo Senado²⁵. Trata da sucessão (morte) sem testamento, transmitindo aos herdeiros todos os acessos de *e-mails*, redes sociais e contas on-line. A intenção do projeto é sanar problemas que surgiram com a utilização dos bens online porque é visível a expansão da tecnologia na vida das pessoas e novas relações vão surgindo a partir daí. As leis, porém, são feitas num determinado tempo para eliminar as dificuldades que então se encontravam.

Art. 1.788. Morrendo a pessoa sem testamento, transmite a herança aos herdeiros legítimos; o mesmo ocorrerá quanto aos bens que não forem compreendidos no testamento; e subsiste a sucessão legítima se o testamento caducar, ou for julgado nulo.

A proposta do deputado é acrescentar um parágrafo único neste artigo, regulamentando o seguinte: “serão transmitidos aos herdeiros todos os conteúdos de contas ou arquivos digitais de titularidade do autor da herança”. Segundo Jorginho Mello, o projeto de lei “nada mais é do que uma extensão do que já existe no ordenamento sucessório”. (mantive o texto porque ainda não foi sancionado pelo Senado)

Em função desse cenário, aumentou a procura da tutela jurisdicional quanto ao acesso aos arquivos digitais deixados pelo morto, que para o herdeiro seria de grande valor sentimental e econômico. Mas isso culminou em sentenças

²³ Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITO-E-JUSTICA/427252-HERDEIROS-PODERAO-TER-ACESSO-A-ARQUIVOS-DIGITAIS-DE-FALECIDOS.html>. Acesso em 24/05/2016.

²⁴ Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10608154/artigo-1788-da-lei-n-10406-de-10-de-janeiro-de-2002>. Acesso em: 08/07/2016.

²⁵ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm. Acesso em: 26/09/2016.

divergentes porque não há previsão em lei quanto à destinação dessa informação e cada juiz tende a julgar segundo convicção própria, interpretando a norma que tratava sobre o tema²⁶.

Há quem já se tenha antecipado, iniciando um inventário digital - que nada mais é que do deixar em testamento seus bens digitais. Neste caso não se corre risco de dúvida, porque o que consta do testamento deve ser seguido – evidentemente se respeitar a parte cabível aos herdeiros necessários. Algumas empresas oferecem esse tipo de serviço, que tem sido assunto tratado com bastante frequência. Mas o status das contas on-line em caso de uma morte ainda precisa ser solucionado completamente, motivo pelo qual continuam aparecendo ideias para ajudar a solucionar o problema.

A empresa Google lançou o administrador de contas inativas, uma iniciativa recente, pensada para que a conta do Google não fique abandonada depois de um falecimento. O objetivo é oferecer um serviço que permita apagar toda informação junto à conta do usuário depois de inativa por certo tempo. Outra maneira é escolher até 10 contatos de confiança que serão notificados, compartilhando com estes os dados necessários.

A empresa *milegadodigital.com*²⁷ oferece vários serviços, desde a eliminação completa de perfis de redes sociais até transmissão de responsabilidades, testamento digital, etc. Mas esse serviço também é oferecido por outras empresas do mesmo ramo, como a *deadsocial*²⁸ e a *passmywill*²⁹ que realizam essa incumbência, a *brevitas*³⁰, no Brasil, do idealizador Luiz Gigante, que possui 500 usuários, a *entruste*³¹, dos Estados Unidos, do empresário Nathan Luestig, que tem 5000 usuários, e a *my wonderful life*³², do idealizador Sue Krukopt, que possui em torno de 10.000 usuários. Esses sites oferecem garantias quanto ao armazenamento de

²⁶ Disponível em: <https://www.leieordem.com.br/heranca-digital.html>. Acesso em: 21/04/2016.

²⁷ Disponível em: <https://www.milegadodigital.com/>. Acesso em: 21/04/2016.

²⁸ Disponível em: <http://deadsocial.org/>. Acesso em: 21/04/2016.

²⁹ Disponível em: <http://www.whatsnew.com/2011/10/02/passmywill-envia-tus-contrasenas-a-tus-familiares-despues-de-tu-muerte/>. Acesso em: 21/04/2016.

³⁰ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tec/tc0211201103.htm>. Acesso em: 21/04/2016.

³¹ Disponível em: <http://www.thedigitalbeyond.com/2010/09/digital-death-day-london/>. Acesso em: 21/04/2016.

³² Disponível em: <https://www.mywonderfullife.com/>. Acesso em: 21/04/2016.

dados e até mesmo apresentam a possibilidade de remanejamento dos mesmos, caso a empresa venha a fechar.

A grande dificuldade é quando a pessoa nada deixa por escrito, devido à ausência de legislação quanto a esses bens digitais. Então eles seguem o destino previsto pelos *sites* nos termos de condição e uso - que muitas vezes são aceitas sem que o interessado as leia. Exemplo disso foi o que a rede Facebook fez, ao alterar a página do usuário falecido para um memorial, no qual nada pode ser modificado e todo o conteúdo publicado pela pessoa ficará visível (de acordo com as definições de privacidade da conta antes da morte). Até então, o perfil “imortalizado”, que funcionava como um memorial sofria interferência do Facebook que só permitia que o conteúdo fosse visto por contatos listados como amigos. A nova política de privacidade já está em vigor e libera também o vídeo Look Back para família. Na visão da rede, a “imortalização” é um recurso que permite manter o perfil de alguém falecido, solicitado por um familiar da pessoa via formulário no Facebook. Antes restritas aos amigos, as publicações passarão a ser mostradas a amigos de amigos - ou publicamente, conforme as configurações predefinidas pelo usuário.

Como muitas pessoas jamais pensaram nesse assunto ou decidiram sobre o mesmo, o mais comum é não deixar previsto no formulário da rede nem em testamento, cabendo a um juiz decidir. Na hipótese de o usuário falecer sem deixar expresso o que fazer, há primeiramente a possibilidade de procurar o *site* para tentar obter as informações por via extrajudicial. Caso impossível, é obrigatório recorrer ao judiciário a fim de que este ordene que a empresa disponibilize tais bens. Mas há quem entenda que os referidos bens não sejam passíveis de sucessão, devendo então tomar o fim que lhes foi programado pela empresa que prestou o serviço.

3.1.1.

Facebook

O Facebook possui em 2015 aproximadamente 20 milhões de perfis de usuários mortos, um dado publicado na revista Galileu³³. Este fato toca a curiosidade midiática mundial e levanta questões éticas sobre a continuidade de exposição do usuário falecido. Diante disso a empresa decidiu que não irá mais limitar quem pode ver as páginas de usuários que morreram e que foram transformadas em memorial. Até então estas páginas que se tornam homenagens aos amigos e parentes falecidos só podiam ser visualizadas por amigos. O intuito dessa mudança na privacidade da rede é manter as configurações da página deixadas pelo usuário falecido e fazer dela um memorial, em que será possível a criação do vídeo. “A Look Back”, pelo qual familiares e amigos poderão solicitar e publicar na página do ente querido os seus melhores momentos no Facebook. Assim, a conta passará a ser administrada por um herdeiro que continuará alimentando a página.

A história do Facebook teve alguns percalços no início de sua trajetória. Criado em 2004, pelos alunos Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, da Universidade de Harvard, é uma rede social que desde sua origem objetivou configurar um espaço no qual as pessoas pudessem se encontrar, compartilhando opiniões, sentimentos, imagens e vídeos. Inicialmente chamado de *TheFacebook*, seu objetivo já era criar uma rede social entre os universitários de Harvard e facilitar o intercâmbio de assuntos concernentes às atividades acadêmicas. A rede também tinha o propósito de interação entre as pessoas, por intermédio de visualização de contatos, promoção de encontros e relações interpessoais.

Com o sucesso do *TheFacebook*, seus idealizadores decidiram expandir o acesso a outras universidades, o que gerou o atravessamento de fronteiras, atingindo países vizinhos e de outros continentes. Em 2006, o *TheFacebook* mudou de nome e passou a ser chamado de Facebook, com a permissão para publicações de anúncios no *site* e liberado a qualquer pessoa com acesso à Internet. No Facebook é possível

³³ Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI344633-17770,00-ALGUM+DIA+O+FACEBOOK+TERA+MAIS+PERFIS+DE+MORTOS+DO+QUE+DE+VIVO S.html>. Acesso em: 18/09/2016.

cadastrar-se, colocar fotos e preferências pessoais, listar amigos, além de formar comunidades. Nele os indivíduos apresentam seus perfis e é possível perceber suas conexões diretas (“amigos”) e indiretas (“amigos dos amigos”). Formam-se as “comunidades” virtuais que compartilham opiniões, sentimentos e visões de mundo e tantos outros assuntos. Com respeito às características do Facebook, podemos mencionar que o cadastro é realizado por meio da utilização de uma conta de *e-mail* e de uma senha pessoal. O usuário cria seu perfil ao ingressar e insere seus dados pessoais, como nome, local de residência, idade, sexo, relacionamento, escolaridade, trabalho, entre outros. Com o perfil concretizado passa a interagir com outras pessoas, curtindo e compartilhando assuntos de seu interesse.

3.1.2.

Games

O físico William Higinbotham foi o criador do videogame em 1958³⁴. Mas, por não se interessar e sem saber da obra que tinha criado, não se preocupou em patentear-la. Portanto não foi oficialmente considerado seu artífice. A evolução do game ocorreu a partir da simulação de jogos convencionais, tais como os de damas e xadrez, com o objetivo de disputas e confrontos expositivos.

Na década de 60, o engenheiro eletrônico Ralph Baer, alemão refugiado nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, considerado hoje o pai dos consoles de games, vislumbrou a oportunidade de criar um equipamento que processasse jogos eletrônicos por meio de sua veiculação na televisão, com poucos recursos financeiros. O primeiro fruto de suas experiências foi o *chasing game*, elaborado em 1967, um rústico game de pingue-pongue, no qual duas figuras com formato quadrado podiam ser manuseadas pelo competidor e deslocadas ao longo da tela³⁵. Diferente do que ocorreu com Higinbotham, Baer patenteou logo em seguida seu produto e, um ano depois, expôs o primeiro modelo de videogame, designado de Brown Box, o qual consistia de disputas de futebol, vôlei e tiro³⁶.

³⁴ Disponível em: http://www.massarani.com.br/fghq_tennisfortwo.html. Acesso em 19/02/2016.

³⁵ Disponível em: <http://www.revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI113896-17779,00-CONFIRA+ENTREVISTA+COM+O+INVENTOR+DO+VIDEOGAME.html>. Acesso em 21/03/2016.

³⁶ Idem

A Magnavox, uma filial da Philips sediada na Holanda, imediatamente se dispôs a lançar para o público consumidor o primeiro console de videogame, intitulado Odyssey 100. Deste primeiro console aos Nintendos, Playstations e Xbox de hoje este filão produtivo converteu-se, em princípios do século XXI, em uma empresa extremamente rendosa, captando investimentos de monta, que lhe permitem competir com a esfera cinematográfica e até mesmo transcender seus lucros³⁷.

3.1.3.

Eter9

A Eter9 é bastante semelhante ao Facebook. Ela também tem um *feed* de notícias e um “córtex” semelhante à rede de Mark Zuckerberg.

Henrique Jorge, o idealizador do aplicativo, garante a “imortalidade digital” e comemora seus cinco mil usuários ainda em versão beta. Segundo ele, ainda é necessário um aperfeiçoamento do sistema, composto por robôs chamados *Niners*, que mantêm seus níveis de engajamento mesmo quando se está *off-line*. Ou seja, não são necessários comandos feitos por seres humanos. O intuito é conseguir aprender os hábitos dos usuários, acessando também suas outras redes sociais, como o Facebook³⁸.

E nesse universo de ‘vidas na rede’, nas páginas seguintes apresentaremos a sobrevida que se recria após a morte por meio do ciberespaço.

3.3

A vida que se (re)cria na rede

A inquietude do homem ocidental diante da morte tem-no incentivado a criar mecanismos tecnológicos de ‘sobrevivência’. Mesmo que está sobrevivência seja na sobrevida, o intuito é prolongar a existência e alcançar alguma forma de

³⁷ Idem

³⁸ Disponível em: <http://m.tecmundo.com.br/redes-sociais/85382-eter9-rede-social-criada-portugues-promete-imortalidade-digital.htm>. Acesso em 25/06/2015.

imortalidade. Uma tendência que tem tomado espaço na *web* intitulada “imortalidade virtual”.

Apresento três casos que ilustram este fenômeno. O primeiro se refere às comunidades existentes no Facebook. Cito apenas duas: *Falecidos do Face* e *Profiles de Gente Morta*. Ambas têm a finalidade de continuar preservando as histórias das pessoas que morreram visando a eternizá-las. Ao entrevistar os administradores das referidas páginas, cheguei à conclusão de que ainda necessitamos apreender a lidar com nossas perdas. As pessoas que se expressam nesses espaços mostram a necessidade de manter o ente querido vivo, mesmo que para isso passe a habitar em outro mundo, o virtual. Uma sensação de alívio e paz declarada por muitos usuários ao continuarem mantendo contato com o morto. As figuras 12 e 13 mostram as capas principais dessas comunidades existentes no Facebook.



Figura 12: capa principal da comunidade



Figura 13: capa principal da comunidade

Nessas comunidades, as pessoas mortas estão na sobrevida. Sobreviventes virtuais, por terem suas vidas preservadas através de imagens, textos e vídeos alimentados e revividos por internautas amigos e/ou familiares.

O segundo exemplo é a rede Eter9, que propõe utilizar um robô virtual que analisa as postagens em vida, conhece o gosto do usuário e continua interagindo em seu perfil mesmo após a morte do dono do mesmo. Assim, se em vida suas postagens são referentes a filmes, entretenimento, política, curiosidades, após a morte suas informações continuarão sendo compartilhadas e gerenciadas em suas comunidades virtuais. “Imortalidade digital” é a proposta do Eter9. Na prática, com essas ações do robô e em função dos crescentes volumes de dados pessoais que são deixados on-line, surge a discussão sobre a mudança nas práticas desenvolvidas diante da morte e do luto no Ocidente, uma vez que, apesar do fim do corpo biológico, a memória virtual “vive”. O que se pretende é interagir com os contatos do falecido como se fosse ele próprio. Nessas “conversas”, o simulacro irá lembrar para os que ficaram fatos e situações da vida do morto, além de dar conselhos sobre o presente pretensamente inspirados na personalidade do defunto, mantendo assim viva a sua lembrança.

A figura 14 mostra o robô Niners.

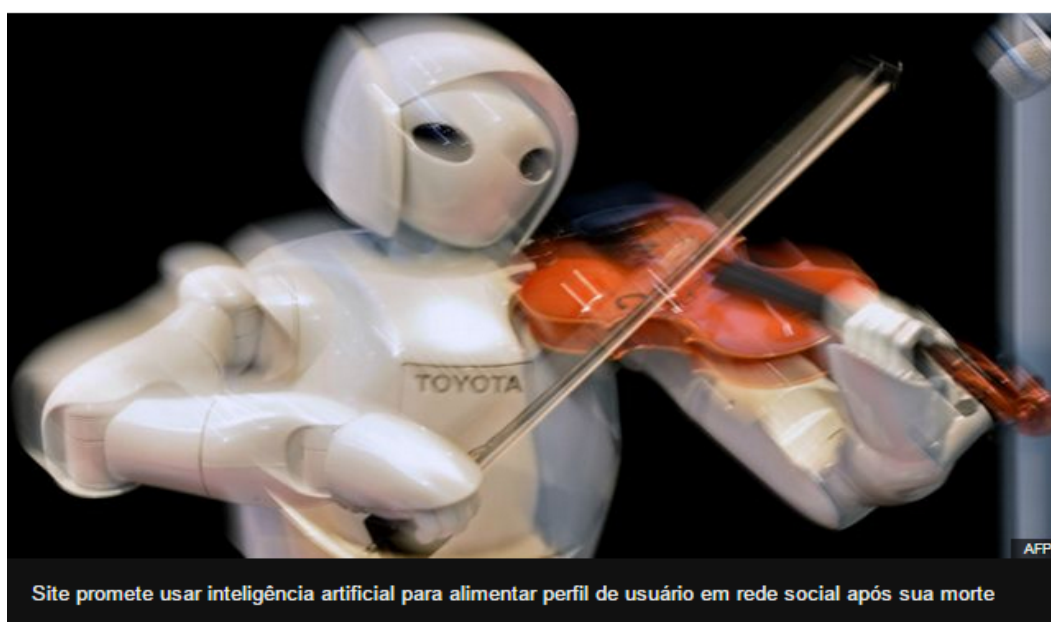


Figura 14: o robô “Niners”

Terceiro caso, é sobre o jogo de corrida em que o pai morto reaparece como jogador para interagir com o filho depois de uma década. Sobrevida que o mantém existente em outro mundo, virtual, em que o ‘eu ausente’, presente pelas mídias digitais, é, na verdade, um simulacro de vida.

3.4.

A difícil tarefa de falar da morte

A tecnologia da informação tem modificado a forma como acontecem os relacionamentos sociais. A facilidade, a difusão e o compartilhamento de informações integralizam e interagem com um maior número de pessoas conectadas através da interface do homem com o computador (Manovich, 2006, p. 04). Nessa vertente tecnológica, a morte tem ganhado espaço nas redes.

Vamos examinar agora como a morte tem sido abordada e discutida no *blog* “Morte sem Tabu” e na sua *fan page* do Facebook. Este *blog* existe desde 2014, no portal do jornal Folha de São Paulo e a partir de sua implantação tornou-se um espaço de debate sobre o fim da vida e de como as pessoas na sociedade ocidental têm enfrentado suas perdas. A proposta do *blog*, assim como a da *fan page Morte sem Tabu* é debater a finitude humana com liberdade e naturalidade. A premissa é utilizar as mídias digitais como canais mediadores de discussão e contribuir para melhor entendimento sobre a morte.

3.4.1

Ressignificação em *Morte sem Tabu*

A reflexão acerca da morte a partir das tecnologias digitais tem despertado interesse de estudiosos brasileiros, em sua maioria dedicada às práticas de representação da morte no ciberespaço. Destacaremos a iniciativa do *blog Morte sem Tabu*, fundado em 2014, por Camila Appel³⁹, que se encontra hospedado no portal do diário *Folha de São Paulo* e possui uma *fan page* no Facebook, com 2.575

³⁹ Dramaturga e *blogueira* da Folha de São Paulo.

curtidas em 25 de setembro de 2016. Nele é possível participar de discussões científicas, filosóficas, psicológicas e sociológicas, bem como em enquetes sobre o tema da morte e a publicação de notícias sobre suicídio assistido, obituários, pena de morte, cadáver, velórios virtuais, grupos de apoio, entre outros.

Seu objetivo é falar abertamente sobre a morte, sua inserção no cotidiano e seus impactos na sociedade. Com visões científicas, religiosas, filosóficas, antropológicas e sociológicas, o *Morte sem Tabu* pretende garantir também ao leitor um melhor esclarecimento sobre as formas de lidar com a morte. Segundo Camila Appel, “a idealização do *blog* partiu do depoimento da atriz Odete Lara que dizia que a morte é o próximo tabu a ser quebrado na nossa sociedade, depois do sexo⁴⁰”.

Tanto o *blog* quanto a *fan page* apresentam assuntos atuais referente a morte. A presente pesquisa selecionou 8 matérias no universo de 16 matérias publicadas, o que possibilitou observar como são constituídas e mantidas as conexões nestes espaços virtuais. As matérias escolhidas no *blog* da Folha de São Paulo e na *fan page* do Facebook, foram publicadas no período de um ano (2014 a 2015), são elas: 1) “Como falar sobre morte com as crianças”; 2) “Para que serve um cadáver”; 3) “Enterrar ou cremar?”; 4) “Sobre o direito de morrer”, 5) “Um dia para morrer – a discussão no Brasil”; 6) “Mães para sempre – a dor da perda de um filho”; 7) “Procura-se uma boa morte: cuidados paliativos” e 8) “Nação da ferida aberta”.

Iniciamos com a matéria “Como falar sobre morte com as crianças”, publicada no dia 25 de novembro de 2014, que teve mais de dois mil compartilhamentos. Este assunto chamou atenção pelo número de compartilhamentos e pelos comentários dos internautas. Apesar de ser um assunto delicado para maioria dos pais, é preciso considerá-lo e debatê-lo em algum momento da vida. Para melhor esclarecer aos internautas, o *blog* entrevistou a psicóloga Lucélia Paiva, apresentada como especialista em situações de morte, perdas e luto, há mais de 20 anos.

Biblioterapia, utilização de livros para processos terapêuticos, foi o método terapêutico apresentado pela psicóloga. Segundo a profissional, a literatura infantil serve como mediadora da comunicação com a criança, pois aborda temas como

⁴⁰ Depoimento de Camila Appel, Disponível em: <https://www.facebook.com/mortesentabu?fref=ts>. Acesso em: 27/07/2015.

morte e perdas, desenvolvendo a imaginação e permitindo que se coloquem como personagens das histórias, o que facilita a expressão das ideias e sentimentos.

De acordo com Appel:

Lucélia acredita ser fundamental falar de morte com as crianças porque ela permeia o universo infantil e seu cotidiano. Elas entram em contato com o tema através de notícias, dos desenhos animados (que sugerem a imortalidade, quando Pica Pau é atropelado, vira papel e logo volta ao normal) e dos videogames (onde é possível driblar a morte). Mas a criança está disposta a saber a verdade sobre a morte e pergunta sobre ela de várias maneiras, é o adulto que evita falar sobre o assunto⁴¹.

Nesse viés, a entrevista apresenta três atributos básicos para a criança compreender ao se falar de morte: a universalidade (que todo ser vivo morre e vai morrer um dia, como a plantinha, os animais, o papai, a mamãe e ela mesma), a irreversibilidade (quem morre não volta mais – isso quer dizer que a criança não pode ficar esperando vovô “voltar de férias”) e a não funcionalidade (o corpo para de funcionar na morte).




Tanto no *blog* quanto na *fan Page* internautas publicaram suas opiniões sobre o assunto, promovendo a interação e o compartilhamento das informações, visualizados nas figuras 15 e 16.





⁴¹ Disponível em: <http://mortesemtabu.blogfolha.uol.com.br/2014/11/25/como-falar-sobre-morte-com-as-criancas/>. Acesso em: 03/08/2015.

Figura 15: depoimento dos internautas

Fonte: Fan page do Blog Morte Sem Tabu

COMENTÁRIOS Comentar com:   






Sylvia Leda Paioli Carrazza 9 meses atrás

Lucélia me indicou para ler o Dona Saudades foi maravilhoso para mim e me confortou com relação a morte de minha avó!


Responder 0 Denunciar



Maria Jose Menezes 9 meses atrás

o compartilhamento da morte com outras pessoas nos faz sentir a morte mais leve. mas sem fé a dor não é superada.

Responder 0 Denunciar



Cristianne Carvalho 9 meses atrás




Figura 16: depoimento dos internautas

Fonte: Fan page do Blog Morte Sem Tabu

Appel, ao destacar a opinião da psicóloga, frisa que encarar essa questão, desde cedo possibilita à criança e seu futuro adulto “elaborar o processo de luto com mais facilidade e, provavelmente, se relacionar melhor com as situações inevitáveis, sendo capaz de encarar a morte como algo que faz parte do processo de viver”.

A segunda matéria selecionada “Pra que serve um cadáver?”, publicada no dia 4 de julho de 2015, destaca a obra da jornalista norte-americana Mary Roach, “Curiosidade Mórbida: a Ciência e a Vida Secreta dos Cadáveres”, escrita em 2003 e somente editada pela primeira vez no Brasil, em 2015. A jornalista mergulha no universo dos cadáveres e suas contribuições para “o progresso da humanidade”. Para ela “cada cultura tem uma linha do tempo diferente para quebrar tabus, seja

relacionado ao sexo, à morte ou à raça, e poder olhá-los por uma perspectiva científica ao invés de religiosa ou emocional”.

A autora relata que durante a pesquisa acompanhou, por exemplo, cadáveres serem cobaias em simuladores de acidentes de carro, experimentos que contribuíram para a indústria automobilística analisar o quanto a força de um corpo humano real pode suportar e fazer carros mais seguros. O para-brisa, o *airbag* e o cinto de segurança de três pontos são frutos de pesquisas como essas. A matéria sustenta a necessidade e a relevância da utilização de cadáveres em prol do desenvolvimento e crescimento da humanidade, além de apresentar uma nova visão de como esses cadáveres podem ser úteis para ciência.

92

Na figura 17, apresentamos alguns dos depoimentos dos internautas que seguem a *fan page* do Morte sem Tabu.

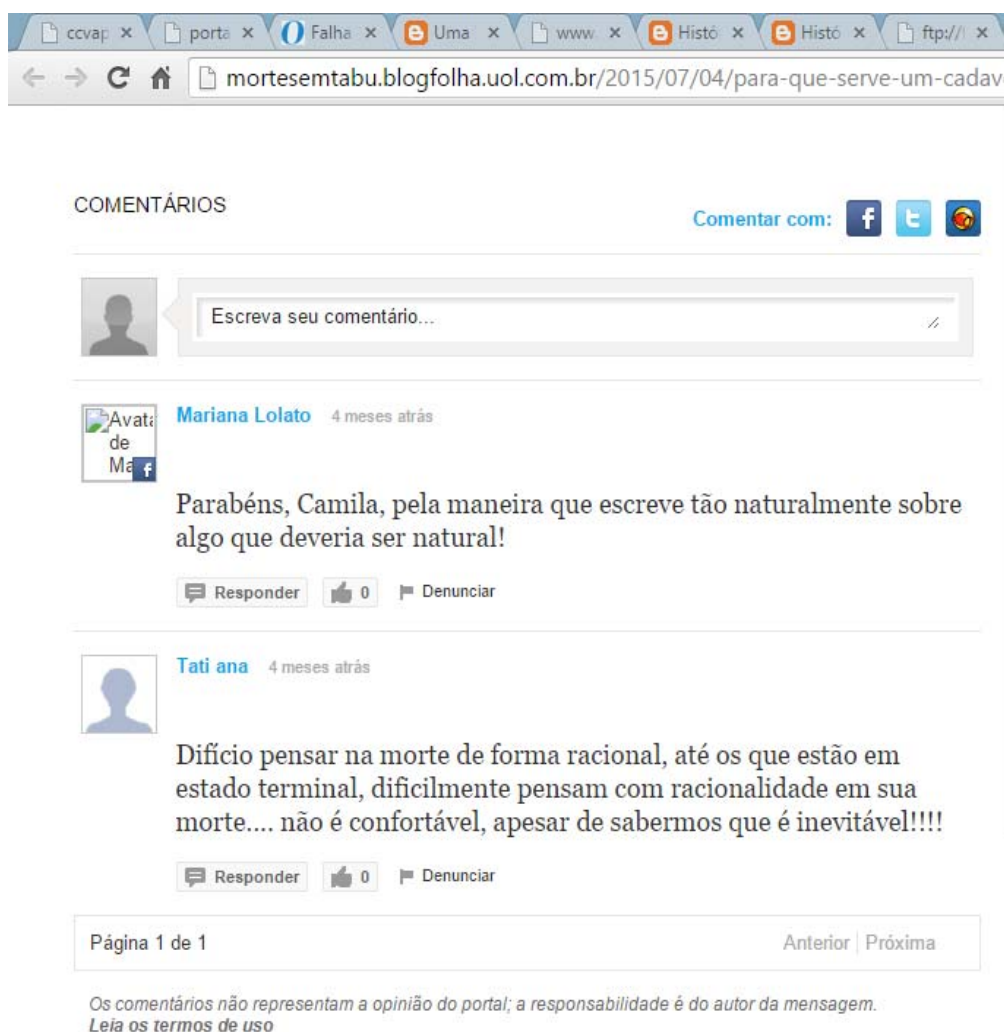


Figura 17: depoimento dos internautas

Na matéria “Enterrar ou cremar?”, Camila Appel faz um questionamento sobre uma escolha que o indivíduo deveria fazer antes de morrer: ser enterrado ou cremado? Segundo Appel, este questionamento dificilmente é assunto de família, amigos e parentes, pois, além de não se saber exatamente quando se vai morrer, a tendência é desviar esse assunto das conversas o mais possível. Apesar disso, é sempre bom pensar nessas opções, pois em qualquer momento da vida, pode ser útil, afirma Appel.

A intenção dela com esse tema é mostrar que já existem pessoas procurando desenvolver seus próprios pensamentos a respeito do mesmo, estimulados pelo rápido acesso às informações. “Se estamos reformulando o sexo, a psique, como a sociedade se relaciona, além do que um determinado dogma religioso possa proporcionar, pode fazer sentido que o mesmo seja feito a respeito da morte”⁴².

Appel faz um levantamento histórico sobre o processo de cremação, que por muitos séculos foi proibido pela Igreja Católica. Apesar de hoje ser permitido, o hábito do enterro continua em voga, principalmente na América Latina. Diferente de outros países como China, Japão e Índia influenciados pelo budismo e hinduísmo, onde a cremação é mais comum, apesar de também usarem o sepultamento.

A crença budista diz que o fogo regenera o corpo, preparando-o para as próximas reencarnações. Mas a cremação deve ocorrer alguns dias após a morte, respeitando o tempo que a alma leva para deixar o corpo. O espiritismo também prefere não cremar o corpo diretamente após o falecimento, já que o espírito estaria apegado ao corpo e o tempo para o desapego seria inversamente proporcional à elevação do espírito.⁴³

A cremação é uma técnica muito antiga. Os gregos e os romanos cremavam seus corpos, por volta de 1000 a.c. Era considerado um destino nobre para os mortos. O sepultamento era uma opção dada aos criminosos. O povo hebreu começou a sepultar seus mortos, o que levou a Igreja Católica a adotar esse ritual, e considerar o ato da cremação desumano e a prática de “falsas religiões”, ou seja, uma prática pagã⁴⁴.

⁴² Depoimento de Camila Appel. Disponível em: <http://mortesemtabu.blogfolha.uol.com.br/2014/10/20/enterrar-ou-cremar/>. Acesso em: 29/07/2015.

⁴³ Idem

⁴⁴ Idem

Nas matérias “Sobre o direito de morrer” e “Um dia para morrer – a discussão no Brasil”, Appel inicia os textos relatando a complexidade dos assuntos, a legalização de opções como suicídio assistido e a eutanásia. Segundo ela, o primeiro já foi aprovado no estado de Oregon, nos EUA, permite que o paciente tenha acesso a remédios e dê fim à própria vida, no momento e local de escolha. Quanto ao segundo, já autorizada na Bélgica, na Holanda e em alguns lugares da Suíça, permite que o paciente morra pelas mãos de profissionais de saúde, pois são eles que dão ou injetam as substâncias letais ou desligam aparelhos que mantêm a vida artificialmente.

O tema sobre o suicídio assistido é apresentado por argumentos a favor e contra e considerações a serem levadas em conta na elaboração de leis nesse sentido. Quanto à primeira posição, tem-se a revista inglesa *The Economist* que é favor, totalmente a favor do suicídio assistido e considera sua legalização uma questão de tempo. Por outro lado, médicos especializados em cuidados paliativos são contra essas medidas, por defenderem a ideia de que somente quem estiver mal amparado desejará morrer. A partir desses argumentos, os seguidores do *blog* participam expondo seus pensamentos e opiniões sobre o assunto. Como exemplo, alguns depoimentos, na figura 18:



Figura 18: depoimento dos internautas



6º Sentido 2 semanas atrás

. O suicida, ao despertar do outro lado da vida, quando se dá conta de seu auto assassinato, que nada resolve, fica totalmente transtornado com as suas conseqüências. Frequentemente, depois de prolongado estágio nas regiões purgatórias e de diversas tentativas frustradas de renascimento, o espírito suicida herda graves sequelas numa próxima reencarnação. Assim, quem se matou com um tiro do coração, poderá voltar com cardiopatia. Enforcou-se? Atraiu para si dificuldades respiratórias. Jogou-se do alto de um prédio? Provavelmente, vai ficar todo desengonçado já no plano espiritual e numa vida futura. Não se trata de um castigo divino. Nós mesmos é que infringimos leis naturais e automaticamente sofremos as conseqüências. O carma não é vingativo, é sobretudo educativo para evitar que repitamos sempre os mesmos erros nas sucessivas reencarnações. Pedro Fagundes Azevedo, ex-presidente da Legião Espírita de Porto Alegre.

Responder 1 Denunciar

Figura 19: depoimento dos internautas

Para Appel, o suicídio assistido é uma tristeza profunda, mostra uma contradição gigantesca sobre a essência humana – aquilo que chamamos de instinto de sobrevivência. “Ele representa uma contradição. E não é uma contradição como falar que se é contra a desigualdade social e ir para Miami fazer enxoval. Ela representa uma contradição na alma”.

Na matéria “Um dia para morrer – a discussão no Brasil”, o *blog* aborda a história da americana Brittany Maynard (já apresentada no capítulo anterior) que, ao ser diagnosticada com um câncer maligno no cérebro, decidiu pelo suicídio assistido no dia 1º de novembro de 2014, em sua casa em Oregon, nos Estados Unidos. A americana escreveu em sua conta no Facebook, segundo a revista *Time*:

Adeus a todos os meus queridos amigos e família que eu amo. Hoje é o dia que eu escolhi para morrer com dignidade por causa da minha doença terminal, esse terrível câncer no cérebro que tomou tanto de mim... mas que poderia ter tomado muito mais"⁴⁵.

O *blog* e a *fan page* publicaram no dia 09 de abril de 2015, o tema “Mães Para Sempre” – a dor da perda de um filho, com mais de 2,5 mil compartilhamentos. A

⁴⁵ Disponível em: <https://www.clickpb.com.br/mundo/adeus-mundo-americana-com-cancer-terminal-realiza-suicidio-assistido-179284.html>. Acesso em: 03/07/2015.

matéria foi baseada em casos de mães que perderam seus filhos subitamente e a criação da comunidade no Facebook ‘Mães para sempre’. Esta comunidade foi criada por Amanda Tinoco, segundo a qual nela encontrou uma forma de superar a perda de seu filho único, Gabriel, que morreu aos 16 anos atropelado por um ônibus, em janeiro de 2014. Amanda conta que quando soube da notícia ficou em estado de choque e que nunca tinha imaginado que ele pudesse morrer. “Eu já tinha imaginado a morte de todo mundo ao meu redor, a dele nunca. Para mim ele era imortal. Pegar o atestado de óbito e o laudo cadavérico foram ações completamente surreais”.

A iniciativa da Amanda de criar a comunidade no Facebook foi buscar expressar e compartilhar seus sentimentos com outras mães que passaram pelo mesmo problema.

Dedicar horas do meu tempo na preparação de *posts* e em conversas com outras “Mães Para Sempre” faz com que eu me sinta bem, de alguma forma, diante de tanta dor e saudade. Falamos a mesma língua e compartilhamos os mesmos sentimentos. Por isso temos paciência, compaixão e solidariedade umas com as outras. Minha comunidade, assim como muitas outras que existem, é um recanto de acolhimento, amor e respeito aos nossos sofridos corações de mães⁴⁶.

A entrevista com Amanda também enfatiza o quanto nossa sociedade é despreparada para lidar com a morte. “Eu nunca imaginei que meu filho pudesse morrer isso acabou comigo. Nunca falei com o Gabriel sobre a morte, nem sei o que ele pensava do assunto e acho importante que isso seja conversado, como algo normal, porque é um fato, todo mundo vai morrer”⁴⁷.

ameaçadora da vida. Mas a preocupação central dos cuidados paliativos não é a morte em si. É com o processo do morrer, que é lento, porque começa com o diagnóstico de uma doença grave e envolve toda a família do paciente. Sua finalidade é propor um novo olhar e buscar um morrer de maior qualidade. Ou uma vida de maior qualidade até a morte chegar, como os paliativistas preferem dizer.

Na entrevista feita pelo *Morte sem Tabu*, a médica Goretti enfatiza que um dos princípios é não usar tratamentos abusivos, que tenham mais impacto negativo do que positivo na qualidade de vida que resta. Permeia o conceito da ortotanásia,

⁴⁶ Disponível em: <http://mortesemtabu.blogfolha.uol.com.br/2015/04/09/maes-para-sempre-a-dor-da-perda-de-um-filho/>. Acesso em: 04/08/2015.

⁴⁷ Idem.

que é deixar a morte ocorrer naturalmente e não prolongar o processo de morrer a qualquer custo com o abuso das tecnologias disponíveis.

O paciente é atendido por uma equipe multidisciplinar, formada por médicos, enfermeiros, fonoaudiólogos, psicólogos, fisioterapeutas, assistentes sociais e assistentes espirituais que discutem caso a caso de forma integrada e personalizada. Olha-se para o paciente como uma pessoa (e parte de um núcleo familiar) e não como uma doença, como costuma-se dizer.⁴⁸

Segundo o *blog*, o Canadá foi o primeiro país a adotar o termo ‘cuidados paliativos’, que deriva do latim *pallium* e significa cobrir com manto. É o manto protetor que simboliza o cuidar que faz parte do olhar proposto pelos médicos paliativistas.

“Nação da ferida aberta”, último assunto selecionado, em função da forma emblemática que a morte é definida. O falecimento de uma pessoa nos causa comoção porque nos desperta o maior de nossos medos. Sobre esse assunto, Appel exemplifica com a morte do cantor sertanejo Cristiano Araújo, que sofreu um acidente de carro fatal. Apesar do seu auge na fama, o cantor ainda era desconhecido por boa parcela da população, que passou a conhecê-lo por meio das redes sociais e pela cobertura midiática sobre o acidente e sua consequência. O *blog* frisou como a morte de Cristiano Araújo não foi só a dor de fãs, mas uma comoção nacional. Ela refletiu a morte de cada indivíduo, a cada jovem que exagera da velocidade. “Ele foi um espelho para aquele que tem filho de uns vinte anos e não aguenta mais madrugadas acordado morrendo de medo de um acidente e quem sabe imaginando milhares de possíveis acidentes e uma ligação da polícia rodoviária. Ele toca naquela que pede para sua filha usar cinto de segurança e não ultrapassar o limite de velocidade, mesmo sabendo que ela ainda se considera imortal e muitas vezes tem a cabeça oca. Ele lembra que o sucesso não garante vida eterna e os que hoje se veem em ascensão nas suas carreiras, podem vê-las ceifadas em um segundo, em uma derrapada de pneu. E fortalece a sensação de que, enfim, não controlamos tudo na vida. É uma carta na cara – a morte existe para todos, não importa a idade, o sucesso profissional, ou a quantidade de fãs que uma pessoa tem”.⁴⁹

⁴⁸ Disponível em: <http://mortesentabu.blogfolha.uol.com.br/2015/07/30/procura-se-uma-boa-morte-cuidados-paliativos/>. Acesso em: 04/082015.

⁴⁹ Idem.

PARTE II – Tecnologia Digital

4

Sobrevida Digital

4.1.

Os usos de tecnologias para manter o morto “vivo”

A perspectiva da digitalização geral das informações, provavelmente, tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do século XX.

Pierre Lévy

A experiência da informação transmitida em tempo real se expandiu pelos circuitos das novidades tecnológicas e invadiu o cotidiano das pessoas e das empresas, reconfigurando os ambientes de trabalho, as ruas e o espaço doméstico. Consideradas como fatores de organização de um novo mercado de informação, de sociabilidade e de conhecimento, as tecnologias digitais surgiram como a infraestrutura do ciberespaço (Johnson, 2001).

Ribeiro (2015, p. 37) contextualiza esse cenário cibernético baseada na visão de Muniz Sodré (2002) que o define como *bios* virtual, por consistir em outra dimensão da realidade, com novas formas de perceber, pensar e formular a “materialidade”. “Daí decorre a formação da cibercultura, uma cultura da simulação ou do fluxo que faz da ‘representação apresentativa uma nova forma de vida’” (Sodré, 2002, p. 17).

Hoje, as sociedades industriais convivem e interagem no ciberespaço (Lévy, 1998), que já tem uma importância fundamental, sobretudo, nos planos econômico e científico. Certamente, essa importância vai se ampliar e se estender a vários outros campos do conhecimento.

O termo ciberespaço foi criado em 1984 pelo escritor de ficção científica William Gibson em seu *Neuromancer*. Tornou-se conhecido pela expressão *cyberpunk*, o "pichador virtual". “Ciberespaço” é o espaço não físico ou territorial

composto por um conjunto de redes de computadores através das quais todas as informações (sob as suas mais diversas formas) circulam (Lemos, 2015, p. 127).

É o lugar onde estamos quando entramos num ambiente simulado (realidade virtual) e o conjunto de redes de computadores, interligados ou não, em todo o planeta, a Internet. Estamos caminhando para uma interligação total das duas concepções do ciberespaço, pois as redes vão se interligar entre si e, ao mesmo tempo, permitir a interação por mundos virtuais em três dimensões (Lemos, 2015, p. 128).

Constrói uma cultura da virtualidade real (Castells, 1999, p. 355), onde a própria realidade (experiência simbólica e material dos sujeitos) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta. As aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência (Castells, 1999, p. 395).

Para Lévy (1999, p. 16) a oposição entre real e virtual é “fácil e enganosa”, defendendo que o virtual se opõe ao atual, na medida em que tende a atualizar-se, sem chegar, contudo, a uma concretização efetiva. Sua argumentação se baseia em Deleuze (*Différence et Répétition*, 1968), para afirmar que o virtual se distingue, ainda, do possível, na medida em que este último já estaria constituído, estando somente em estado latente, pronto a se transformar no real. Não teria, assim, a criatividade do virtual.

Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (Lévy, 1996, p. 16).

O fenômeno das redes sociais em ambiente virtual é algo relativamente recente, basicamente o tempo da Internet. Na concepção de Lévy (1999, p. 94), as comunidades criadas *online* poderiam se transformar em reuniões físicas, festas amistosas e apoio material para os membros da comunidade virtual. Em geral, entende-se que comunidade virtual seja uma rede eletrônica autodefinida de comunicações interativas e organizadas ao redor de interesses ou fins em comum (Castells, 2000, p. 442-443).

Da mesma forma que nos referimos no capítulo anterior, voltamos a enfatizar as chamadas comunidades virtuais são junções sociais que emergem da Internet (Recuero, 2005, p. 8). São grupos de pessoas que participam de discussões, concordando ou não com o assunto debatido, durante um tempo satisfatório. Esses

sujeitos são concebidos por um sentimento a ponto de formar redes de relações pessoais no ciberespaço. Na visão de Simmel (2006, p. 59), as comunidades são classificadas como a soma dos indivíduos em interação, onde ela é distinguida em dois aspectos básicos: *forma* e *conteúdo*. Daí decorre outra caracterização que é o fato de a interação se constituir a partir de dois objetivos centrais: *determinados impulsos* ou em *busca de certas finalidades*.

Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros (Simmel, 2006, p. 59-60).

Nesse contexto, destacamos a comunidade virtual Profiles de Gente Morta (PGM), que hoje já possui mais de 26 mil seguidores. A PGM surgiu no Orkut, em 2004, migrando para o Facebook em 2012; considerada como a mais antiga comunidade virtual que aborda o assunto sobre a morte e os mortos, dentro das redes sociais utilizadas no Brasil. Como forma de organizar a comunidade diante da expansão do grupo, foi necessário um rigor maior na moderação das mensagens. O texto de apresentação contém regras, como a exigência de que não sejam compartilhadas fotos de corpos e de que os usuários não procurem conhecidos das vítimas para fazer perguntas ou mesmo comentários.

Na contramão das definições de comunidade X rede, o sociólogo Zigmunt Bauman diz que: “a rede pertence a mim; quanto à comunidade, eu pertencço a ela. Na rede, é possível remover e selecionar com quem quero relacionar. Enquanto eu quiser essa rede existe. Se eu parar de nutri-la, a rede vai desaparecer”⁵⁰. (...) Atitude como esta, nas comunidades, é mais difícil de acontecer, pois no ambiente físico (casa, trabalho, escola, rua) não costumamos eliminar as pessoas que não gostamos. É importante que o diálogo seja estabelecido entre os membros da comunidade e assim estabelecer um ambiente saudável.

Das mudanças que ocorreram na mídia, Dizard (2000, p. 77) destaca a convergência tecnológica na produção e distribuição de informações propiciada pela digitalização.

⁵⁰ Disponível em: <http://www.mundosustentavel.com.br/2015/09/a-internet-nos-da-a-falsa-sensacao-de-estarmos-no-controle-das-nossas-vidas/>. Acesso em: 11 jan. 2017.

A comunicação à distância está sendo cada vez mais mediada por computadores, isto é, as informações são produzidas e estocadas por meios digitais e distribuídas velozmente por uma rede única de dados. O padrão anterior da indústria era “a mídia de massa que, historicamente, significa produtos de informação e entretenimento centralmente produzidos e padronizados, distribuídos a grandes públicos através de canais distintos” (Dizard, 2000, p. 77).

Este padrão divide os homens em produtores e receptores, pois produz, seleciona e divulga as informações de acordo com os interesses dos receptores e dos veículos, assegurando às empresas de mídia a limitação da concorrência (Dizard, 2000, p. 78). O Macintosh, primeiro computador pessoal, lançado em 1984, pela empresa Apple, foi uma das grandes transformações tecnológicas.

É quase indiscutível que esta nova revolução seja mais profunda do que antes, e nós estamos apenas começando a perceber os seus efeitos iniciais. Na verdade, a introdução da prensa afetou apenas uma etapa da comunicação cultural, como era a mídia de distribuição. Da mesma forma, a introdução da fotografia afetando apenas um tipo de comunicação cultural: imagens estáticas. Em contraste, a revolução da mídia do computador afeta todas as fases de comunicação e abrange a recolha, tratamento, armazenamento e distribuição; e também afeta os meios de comunicação de todos os tipos, seja de texto, imagens fixas e em movimento, som ou espaçosiais construções (Manovich, 2006, p. 04, tradução nossa)

Especificamente, enquanto objeto de estudo, nos referimos aos sites institucionais, redes sociais - *facebook*, *holograma* – e aos *games* como uma das práticas contemporâneas que estão interconectadas nesse ciberespaço, demonstrando ser autênticos espaços no *e-commerce*, o comércio virtual, cada vez mais competitivo e interativo, utilizados pelas empresas funerárias.

Nesse universo de comercialização, a morte tem sido um desses assuntos presentes na visão mercadológica. Em pleno estado de crescimento, circulação, surpresa, discussão e até mesmo repúdio, o mercado fúnebre é considerado um dos que mais crescem no Brasil. É por isso que empresas deste setor têm investido pesado em novas maneiras de tornar mais fácil este momento de tristeza e desolação para quem perdeu um ente querido.

O assunto pode até causar certa resistência em alguns, mas é necessário reconhecer a importância dos serviços prestados por agências e organizações funerárias. Mediadas pelas tecnologias digitais, essas organizações têm influenciado nas mudanças de comportamento do homem contemporâneo que, no desejo de superar a sua perda, busca nos dispositivos eletrônicos e digitais novos

mecanismos de como enfrentar o vazio deixado pelo morto. Citamos, por exemplo, os produtos gerados a partir das cinzas do falecido que, através da tecnologia, possibilitam ao morto vir a ser vários objetos, como um diamante, um disco de vinil, um pingente ou até mesmo um vibrador. Além dos grandes funerais, cerimônias luxuosas compostas por pacotes que incluem desde homenagens apoteóticas ao falecido, podendo este chegar dentro de um caixão em meio a fumaça e efeitos especiais, ou até mesmo ser recebido por uma chuva de pétalas de rosas caída de um helicóptero.

Em alguns estados brasileiros, encontramos profissionais especializados em velórios que oferecem seus serviços, com o compromisso de cuidar de todos os detalhes operacionais para que as exéquias de determinada figura sejam um “sucesso”. Além da papelada burocrática, cabe a eles encomendar o caixão e as flores mais adequadas à personalidade do falecido, conceber a decoração e contatar os amigos e parentes. Mas há quem faça severas críticas quanto ao uso desses serviços e tecnologias como mecanismo de espetacularizar e “reviver” o morto. O crítico Regis Tadeu⁵¹ manifestou sua crítica ao se referir a produção do holograma de Renato Russo:

É impressionante ver o que a falta de noção pode propiciar em termos de “vergonha alheia” quando o assunto em pauta é “homenagens”. E isto piora muito quando o lance é feito para prestar algum tipo de “tributo póstumo”. Só que as coisas estão fugindo ao controle quando tais eventos fazem uso de uma das maiores picaretagens já presenciadas no *show business*: os tais hologramas, em que artistas já falecidos são mostrados no palco por meio de imagens das mais variadas formas e de modo interativo com um grupo de músicos.

Através da Internet, a vida obteve outra qualificação: a dimensão da realidade, com novas formas de perceber, pensar e formular a “materialidade” (Rezende, 2009, p. 95). Os produtos e serviços fúnebres que circulam no ciberespaço têm demonstrado interesse nessa “materialidade” a que Rezende se refere, no momento em que provoca ou facilita a interação dos usuários com o morto, passando a ter outra “vida” após a morte. Um recurso que na concepção das tecnologias digitais possibilita “reviver” o morto no seio da sociedade (Rezende, 2009, p. 96).

⁵¹ Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/blogs/combate-rock/holograma-patetico-e-desafinacoes-marcam-homenagem-a-renato-russo/>. Acesso em: 12 jan. 2016.

Como Rodrigues (2006, p. 75) observou, nos ritos fúnebres, trata-se também de mobilizar a comunidade para suas relações com o novo parceiro – alma, espírito, ancestral, etc. que a morte criou. Podemos dizer, analogamente, que no campo virtual, as relações se consolidam e que não cessam, somente, com o falecimento, uma vez que o morto de numerosas maneiras continua a interagir com os vivos.

O surgimento desses novos fenômenos tecnológico é visto por França (2002, p. 57), como a mudança da realidade que força o pensamento a tentar novos caminhos. A comunicação deixou de ser linear e passou a ser mutável, conforme o desenvolvimento da tecnologia, que avança e se molda de forma diferente a cada novidade. Essa midiaticização desenvolveu um novo modo de presença do sujeito no mundo, em que o próprio indivíduo tende a se converter em realidade midiática, tornando-se imagem e *medium* e investindo em uma imersão virtual na esfera significativa das regras do jogo da visibilidade pública vigente (Rezende, 2009, p. 98).

Silvestre e Aguilera (2006) destacam que a Internet se tornou um espaço majoritário. Vários serviços para o dia a dia no “mundo real” migraram para/ou nasceram no mundo virtual, de modo que, longe de representar um desligamento do local e da identidade no mundo presencial, o virtual funciona cada vez mais como uma extensão da vida cotidiana no “mundo real”, não como uma alternativa.

Por convergência, Henry Jenkins (2009, p. 29) entende o fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, a cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e o comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação. Os usuários são considerados novos produtores e colaboradores da informação. É uma transformação cultural, à medida em que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos dispersos (Jenkins, 2009, p. 30).

O advento da Internet fez surgir uma série de acontecimentos marcados pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) e pelo aperfeiçoamento da comunicação mediada pelo computador. No final da década de 90 surge o *site* SixDegrees, com o primeiro serviço de rede social na Internet a permitir acesso do público em geral. Neste *site* o usuário podia criar um perfil virtual, no qual reunia registros de publicações e de contatos e viabilizava a

navegação pelas redes sociais que se constituíam por meio de usuários cadastrados (Rosa & Santos, 2013, p. 18).

Em uma década, novos *sites* com esse mesmo propósito foram criados e as redes sociais de Internet se diversificaram e obtiveram milhões de adeptos de diferentes localizações. Essas redes foram caracterizadas por unirem pessoas, grupos e instituições, além de suas respectivas conexões. Tornaram-se conhecidas como as “agregações eletrônicas” ou “comunidades mediadas por computadores” (Lemos, 2010, p. 4).

Hoje, em meio a tantas transformações no campo tecnológico, Manovich (2006, p. 4) assegura que vivemos no meio de uma nova revolução midiática. O homem e o computador representam toda essa interface de mudança cultural, pois contribuem para mudanças de hábitos, transformações de serviços, compras e interações sociais. Esses impactos tecnológicos refletem diretamente no campo da cibercultura e em uma nova forma de estabelecer relações sociais por meio da rede: a sociabilidade (Castells, 1999, p. 134).

França (2002, p. 58) afirma que a temática das redes se divide em duas formas. Primeiro, refere-se a um fenômeno empírico, a uma proximidade com a realidade contemporânea, que é o desenvolvimento e a expansão da tecnologia da informação, a globalização econômica e informacional, o sistema de funcionamento das novas técnicas de comunicação. A partir dessa dimensão, França (2002) trabalha o funcionamento das redes telemáticas, a criação dos espaços virtuais, as novas formas de sociabilidade, as relações global/local, as artes digitais etc. Estes fenômenos sugerem ser plausível a reivindicação de alguns autores de usar o conceito de “sociedade em rede” ou “sociedade informacional” para caracterizar as transformações atuais e nomear a nova forma de organização social.

A segunda forma de abordagem é quanto ao próprio estatuto teórico da noção de rede que, na visão de França (2002, p. 58), é uma metáfora, um novo conceito ou dispositivo analítico que permite interpretar o funcionamento da sociedade e traduzir a dinâmica dos processos comunicativos. “A rede pode ser vista (e analisada) como um modelo”. Sendo assim, sua reflexão se centra na propriedade da metáfora em busca de melhor compreender a lógica intrínseca da comunicação e suas práticas comunicativas.

É um entrelaçamento de linhas, um conjunto de nós interconectados. Rede remete à forma, à morfologia de um sistema; comunicação em rede, sociedade em rede são expressões para significar a interconexão de elementos, processos, sentidos que marcam as relações comunicativas e a construção da vida social (França, 2002, p. 59).

Espaços que se manifestam com a intenção primordial de comunicar e relacionar pessoas, mas também constroem lógicas, regras próprias, embora algumas características sejam preservadas. Há comunidades virtuais em que alguns aspectos precisam permanecer os mesmos para que possam ser consideradas comunidades.

O estudo das redes sociais na Internet foca, portanto, o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas (Recuero, 2006, p. 26).

Daí o interesse em entender como as pessoas utilizam a Internet para reconfigurar suas manifestações de afeto, tristeza, lembranças, homenagens, especialmente nas áreas mais sensíveis da vida. O que mudou na forma como as pessoas lidam ou se expressam diante da morte de um parente ou amigo querido depois do surgimento dos novos espaços virtuais e de novas técnicas na concepção de produtos e serviços? Como a sociedade vem utilizando essas tecnologias midiáticas para mobilizar, informar e comercializar produtos e serviços fúnebres? Questionamentos que discutiremos a seguir.

4.2

Mercado Funerário *Online*

Em tempos tecnológicos e midiáticos, os meios de comunicação estão rapidamente se adequando e criando possibilidades para atender as demandas do mercado e dos consumidores. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a proporção de internautas no país passou de 49,2%, em 2012, para 50,1%, em 2013, do total da população, ou seja, mais da metade dos brasileiros já está conectada à Internet. É o terceiro veículo de maior alcance no Brasil, atrás apenas de rádio e TV. 87% dos internautas utilizam a rede para pesquisar produtos e serviços. Antes de

comprar, 90% dos consumidores ouvem sugestões de pessoas conhecidas, enquanto 70% confiam em opiniões expressas *online*.

No Brasil, o mercado funerário cresceu 15% nos últimos anos, chegando a movimentar cerca de R\$ 1,5 bilhão por ano. Daí o interesse das empresas em investir em recursos tecnológicos e processos comunicacionais estratégicos como forma de estreitar as relações com o público. Com base nesses dados apresentaremos dez exemplos de empresas funerárias nacionais e internacionais, que traçaram suas estratégias de negócios focando na inovação tecnológica e no dinamismo do mercado fúnebre no campo do digital.

A primeira, a funerária do Grupo Vila, com sede em Natal, Rio Grande do Norte, se diz pioneira no velório *online*. Criado para atender aos que querem compartilhar com os presentes o momento de despedida de um ente querido, o serviço de Webcam oferecido pelo Grupo Vila desde 2001, é pioneiro no Brasil. O Velório Virtual foi criado para tentar diminuir a distância de familiares e amigos que por algum motivo estão longe e não podem acompanhar o velório no local.

O Velório Virtual atualmente transmite imagens de velórios realizados na capela central do Centro de Velório São José, em Natal, na capela central da Funerária Morada da Paz, em João Pessoa, e na capela central do Cemitério Parque Morada da Paz, em Recife. Outro serviço oferecido é o envio de mensagens eletrônicas por *e-mails* ou *blogs*, que são entregues aos familiares presentes no velório. São homenagens virtuais, uma espécie de livro de condolências *online*, que estão disponíveis no site da empresa. Como um canal de comunicação, essas homenagens póstumas tornam-se públicas, independentemente do tempo de falecimento.

A partir de uma solicitação da família, o serviço será disponibilizado e as imagens do velório passarão a ser transmitidas pelo nosso portal, por meio de uma câmera instalada no local, permitindo que o velório seja acompanhado à distância. Para dar mais segurança e comodidade ao cliente, o serviço tem acesso restrito, mediante senha, aos familiares e amigos autorizados.

São serviços que se consolidam por atribuírem valores sentimentais pela preocupação com a dor, a perda do próximo. Nessa visão estratégica, o Grupo Vila implantou a funerária virtual, que tem como diretriz ir até o cliente em vez de o cliente ir à funerária. Segundo a diretora da empresa, esse serviço foi criado em

função do desconforto que muitos clientes sentem ao visitar uma sala de caixões. Na loja *online*, eles podem escolher com auxílio de fotografias, vídeos e imagens em 360 graus. A figura 20 apresenta uma página do *site* do Grupo Vila:

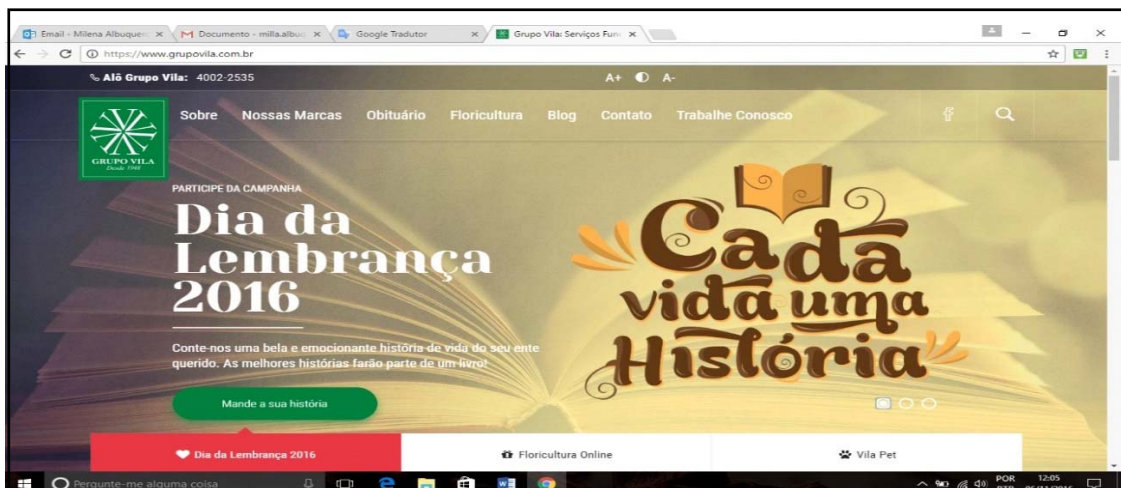


Figura 20: *site* do Grupo Vila

A segunda empresa é o Grupo Bom Pastor, presente em cidades do interior de Minas Gerais e São Paulo. “Nós trabalhamos com o conceito de que o funeral é o último grande evento social de uma pessoa e que, assim como um aniversário ou um casamento, merece ser grandioso”, é o que relata o diretor e consultor de cerimônias fúnebres do Grupo Bom Pastor. Sua preocupação é com a comodidade, tranquilidade e aparo no momento da perda de uma pessoa querida. Por isso, oferece serviços de Funerais Especiais, buscando técnicas internacionais, cursos e treinamentos específicos de Cerimoniais Fúnebres.

Sua página na Internet, na figura 21, oferece o velório virtual, o obituário e outros serviços:



Figura 21: site do Grupo Bom Pastor

O terceiro caso destaca a estratégia adotada pelo empresário Eduardo Gouveia ao conseguir atingir a meta de seu empreendimento ao criar o *site* Coroas para Velório e implantar o serviço *online* para compra e entrega de coroa de flores, diretamente nos velórios e cemitérios de todo país. Segundo o empresário, o objetivo da empresa é ajudar pessoas a realizarem suas últimas homenagens, baseando-se nos valores de qualidade dos produtos, agilidade nas entregas e excelência no atendimento.

Eduardo Gouveia decidiu criar a empresa durante o velório de seu avô, quando precisou comprar uma coroa de flores e percebeu a dificuldade e a carência no mercado. Ao pesquisar mais sobre o assunto, identificou que não existiam tantas empresas especializadas nesse nicho de mercado. Desde a criação da empresa, as encomendas de coroas aumentaram para quinhentos pedidos mensais. A figura 22 mostra o *site* da empresa:

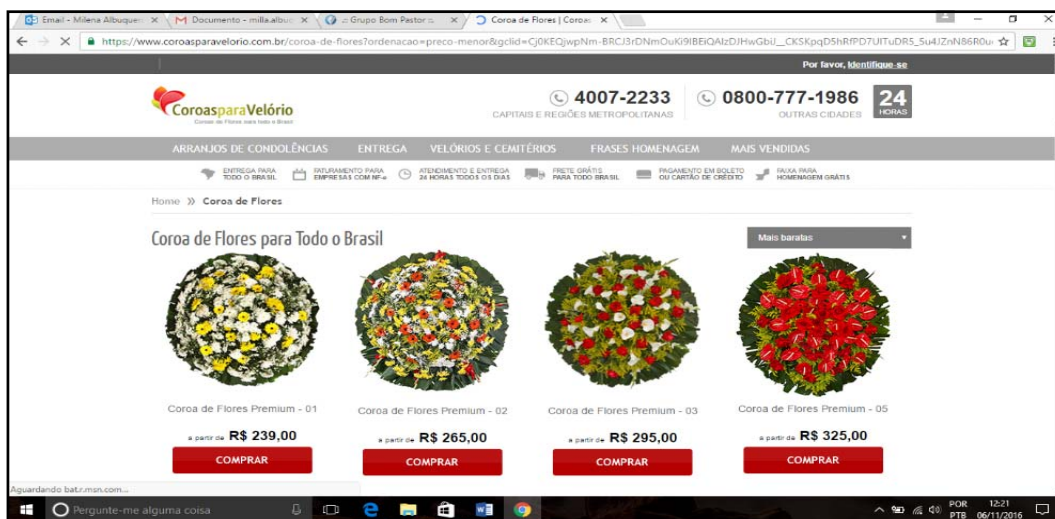


Figura 22: site Coroas para Velório

A quarta empresa foi a funerária Recanto da Saudade, atuante em Belém/PA, desde 1982. Considerado o primeiro cemitério-parque na cidade, com 350 mil metros quadrados, com um projeto para 50 mil lotes, hoje a empresa possui 15 mil jazigos ocupados. O proprietário do empreendimento é o empresário Nabih Abou El Hosn. Em entrevista ao Amazônia Jornal, ele relata sua experiência e seu interesse pela implantação de serviços tecnológicos midiáticos, como o Velório Virtual que faz parte do portfólio da empresa desde 2012.

A ideia partiu de uma necessidade vivenciada há cinco anos. Estava no Líbano e morreu uma pessoa muito minha amiga aqui. Como tinha um grande desejo de estar presente para dar apoio e conforto à família, disse: por que não usar a tecnologia e a Internet para diminuir essa distância? Por que a gente não cria um funeral acompanhado por parentes mais distantes?

Segundo o empresário, o serviço é oferecido gratuitamente, bastando à família solicitá-lo à funerária. Quanto aos gastos, Nabih diz que já foram investidos cerca de R\$ 100 mil em duas câmeras de alta definição. “O processo é simples e já se prevê novidades para incrementar no velório *online*, um ano depois de seu lançamento”. Ainda que os serviços tecnológicos não acrescentem muito ao faturamento das funerárias, eles se mostram úteis – e necessários – para a criação de diferenciais entre as empresas do setor. Como explica o presidente da Associação Brasileira de Empresas e Diretores do Setor Funerário (Abredif), Lourival Panhuzzi:

A tecnologia para colocar funerais *online* já existe há uma década, mas demorou a pegar em um setor compreensivelmente sensível a questões de etiqueta. Alguns diretores de funerais evitam a transmissão ao vivo das cerimônias porque não querem substituir a experiência humana comunal por uma solitária digital, disse John Reed, um ex-presidente da Associação Nacional dos Diretores de Funerais.

Nabih tem interesse em estender o serviço *online* em uma segunda etapa do projeto. Sua intenção é fazer com que o internauta, além de acompanhar o velório *online*, na sala velatória, possa também estar virtualmente presente ao visualizar o cortejo até a sepultura. No *site* da empresa, a figura 23 é possível ter acesso a redes sociais como o Facebook, o *Youtube* e o *Twitter*.

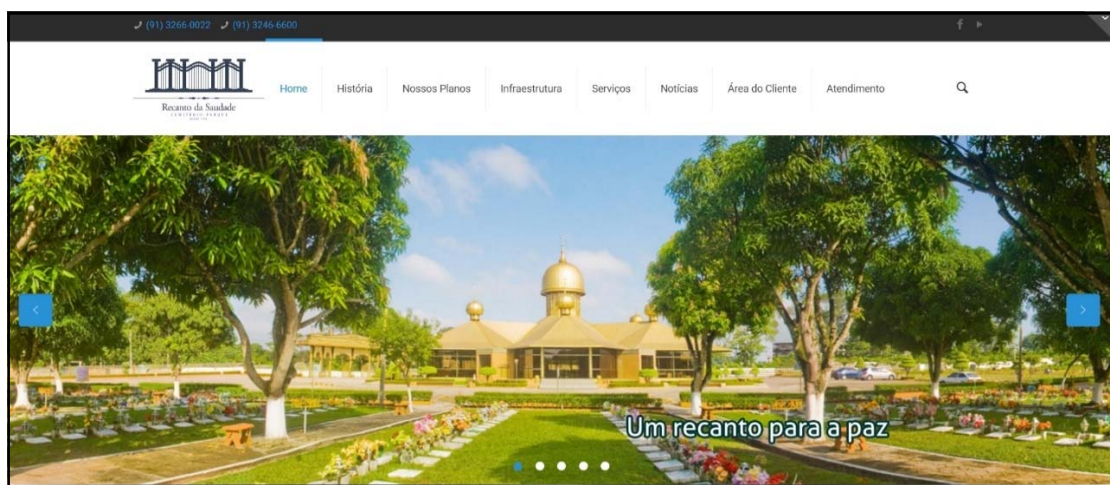


Figura 23: *site* da empresa funerária, Recanto da Saudade

A empresa Capelas Funerárias Caravaggio, em Carlos Barbosa, no Rio Grande do Sul, fundada em 1996, também implantou, por meio de um sistema de vídeo, o serviço de acompanhamento em tempo real das homenagens fúnebres. Esta quinta empresa possui uma sala velatória equipadas com duas câmeras posicionadas estrategicamente: uma para mostrar a visão geral do espaço de aproximadamente 100 m², outra voltada para o altar onde ficam o caixão e os familiares mais íntimos. Eis o *site* da empresa, na figura 24:

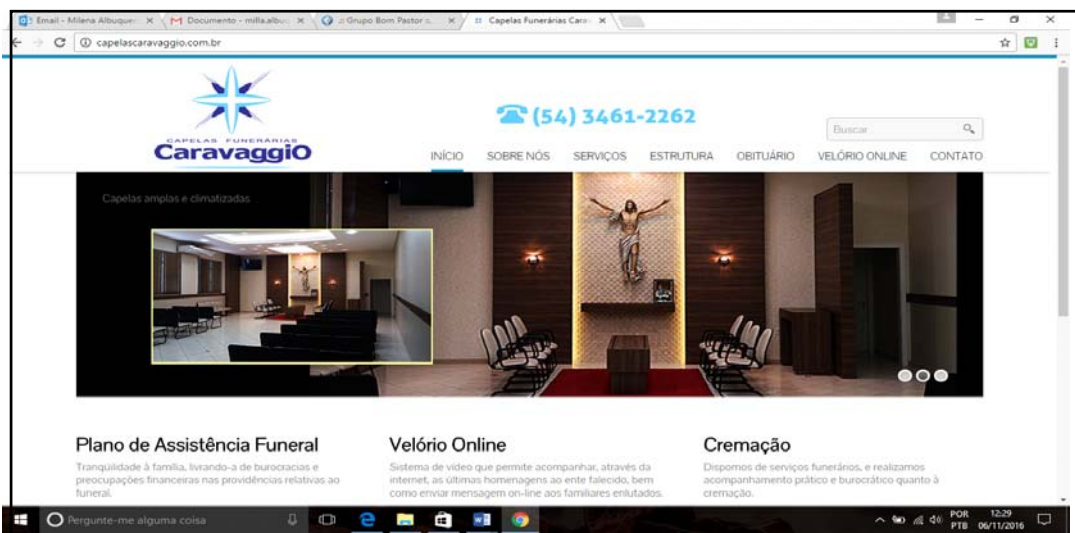


Figura 24: *site* Capelas Funerárias Caravaggio

O serviço foi implantado em 2014. Em cada 50 velórios, 30 aderem ao sistema virtual. O gerente administrativo da funerária conta que conheceu esse serviço por meio de uma empresa em São Paulo e se interessou em implantá-lo. “Tivemos, por exemplo, situações de filhos que estavam na Itália e em Rondônia quando perderam os pais e acompanharam o velório pelos vídeos na Internet”.

Ele relata que é possível acompanhar todo o velório, de aproximadamente 20 horas e a cerimônia da missa, de 50 minutos. Da missa é possível escutar o áudio com as últimas homenagens. Porém, o acesso às imagens é restrito. É preciso acessar o *site* da funerária com uma senha fornecida pela família do falecido. As senhas mudam a cada velório. Avisos na própria sala alertam aos presentes que imagens podem ser acessadas pela Internet. Tudo com muito cuidado para garantir a seriedade do serviço. As famílias ainda podem levar para casa o arquivo com a gravação das imagens, mas dificilmente as pessoas mostram interesse em guardá-las. O informante projeta outras inovações, como a implantação de um sistema de assinatura virtual, pelo qual será possível deixar mensagens *online* para os familiares, as quais, após impressas, lhes serão entregues no final da cerimônia.

A sexta empresa escolhida foi o *site Le Cimetière Virtuel (LCV)*, uma empresa francesa existente apenas no campo virtual. Oferece serviços gratuitos como mensagens, envio e postagem de fotos, velas *online*, fotografia e vídeos. É um cemitério totalmente virtual, que sobrevive de doações: *un petit clic journalier sur les publicités, cela ne vous coûte rien, et ça permet de garder le site gratuit. Vous*

pouvez aussi faire un don: Par paypal, chèque, virement, etc... Par avance merci. Je fais don. Na figura 25, o site da empresa:



Figura 25: site do *Le Cimetière Virtuel*

No *site* existem os códigos de LCV, uma espécie de moeda do cemitério virtual. Este cemitério permite que você tenha uma variedade na escolha de flores, e que o usuário programe a exibição em datas específicas. Também ajuda no auxílio dos custos gerados pelo *site*. Importante entender o significado dos códigos: por exemplo, se o usuário investir cinco a 15 euros terá uma duração de dois meses; mas se esse investimento for de 23 a 33 euros a validade será de seis meses.

A sétima que analisamos é uma empresa *startup*. Trata-se da *Web Tech Brasil – Intelligence Solutions*. A primeira empresa no Brasil especializada no encerramento da vida digital de pessoas que faleceram. No seu *site Morte Digital*, o *slogan* “Encerrando a vida digital com dignidade e respeito” tem o objetivo de facilitar a vida dos familiares e responsáveis legais, prestando serviço de intermediação junto a diversas empresas e divulgando o falecimento *online*.

Muitas vezes, é doloroso ter que topa com aquelas lembranças que saltam aos nossos olhos com frequência. Vejo casos de pessoas que já se foram e ficam *online* na minha lista de contatos no Skype, por exemplo. Nosso papel é, primeiramente, contribuir com a comunicação da família e amigos sobre o falecimento de alguém, compartilhando nas redes. Num segundo momento, vamos auxiliar no processo para

que haja a exclusão das contas, podendo também realizar um backup das informações pessoais ali presentes.

O Facebook possui uma população numerosa de mortos com seus perfis vigorando no ciberespaço. Sabe-se que grande parte das pessoas que possuem contas já presenciou esta situação, pois são mais de 20 milhões de usuários falecidos, somente no Facebook. Pesquisas indicam que em 2065 haverá mais mortos que vivos na ferramenta.

Com base nesse contexto, o empresário e médico, Jô Furlan, decidiu investir nesse nicho de mercado. O serviço ofertado foca nas contas das redes sociais deixadas pelos usuários falecidos. Segundo Furlan, a convivência com pessoas falecidas causa certo desconforto para alguns usuários que não gostam de se deparar com lembretes de aniversários, notificações de momentos do morto, entre outros. Por ser um momento delicado, a empresa sabe que há famílias que preferem não encerrar a página do ente querido, pois a sensação tem algo de cometer, mesmo que virtualmente, o assassinato de alguém querido.

O serviço é composto por planos, nos quais o cliente poderá escolher as redes sociais de que deseja exclusão. Para isso é necessário que sejam informadas as contas específicas, assim como os e-mails corretos para que possa ser feita a solicitação junto às empresas envolvidas. A figura 26 demonstra os planos ofertados:

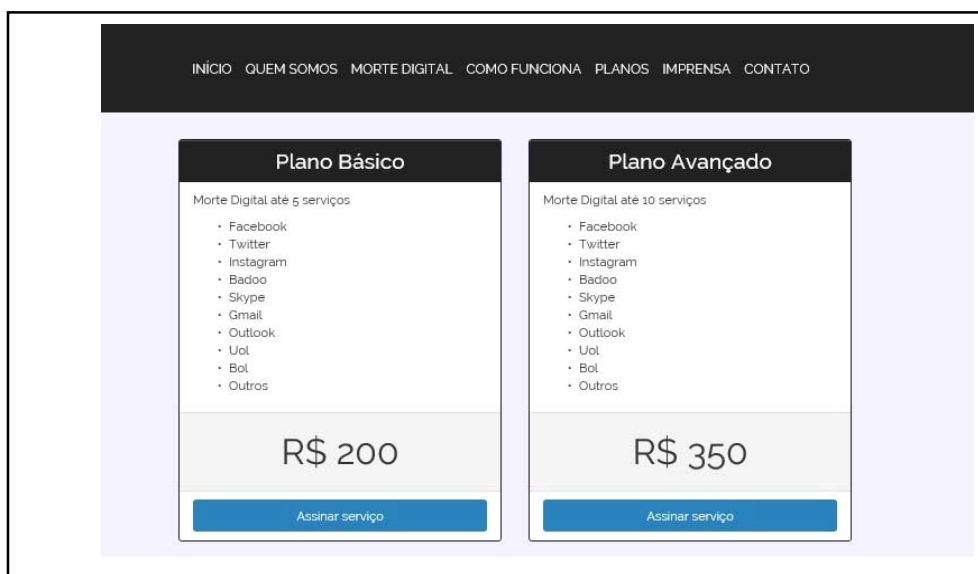


Figura 26: Planos fúnebres oferecidos pelo site *Morte Digital*.

Além deste, a empresa oferece o *site Nota de Falecimento*, que possibilita acesso a quem deseja publicar mensagens de despedidas, saudades e homenagens aos parentes ou amigos falecidos. O serviço dispõe da convergência entre as redes sociais e as mensagens são replicadas, possibilitando maior visibilidade. Mas a publicação só se torna pública quando a família envia a cópia da certidão ou atestado de óbito.

Nessa busca pela “imortalidade”, o *site Eterni.me*, produzido em 2014, lança um projeto de software que quer usar os registros online de uma pessoa morta para criar um robô que fale e pense como a pessoa agia antes de falecer. É o avatar na mais perfeita semelhança do cliente morto. Para que isso ocorra, o Eterni.me coleta quase tudo que o morto criou em vida e processa essa enorme quantidade de informação usando complexos algoritmos de inteligência artificial. O que gera uma versão virtual, ou melhor, uma vida simulacro 3D, que emula sua personalidade e pode interagir, conversar e dar conselhos para sua família e amigos depois que a pessoa morre. A página da empresa é mostrada na figura 27:

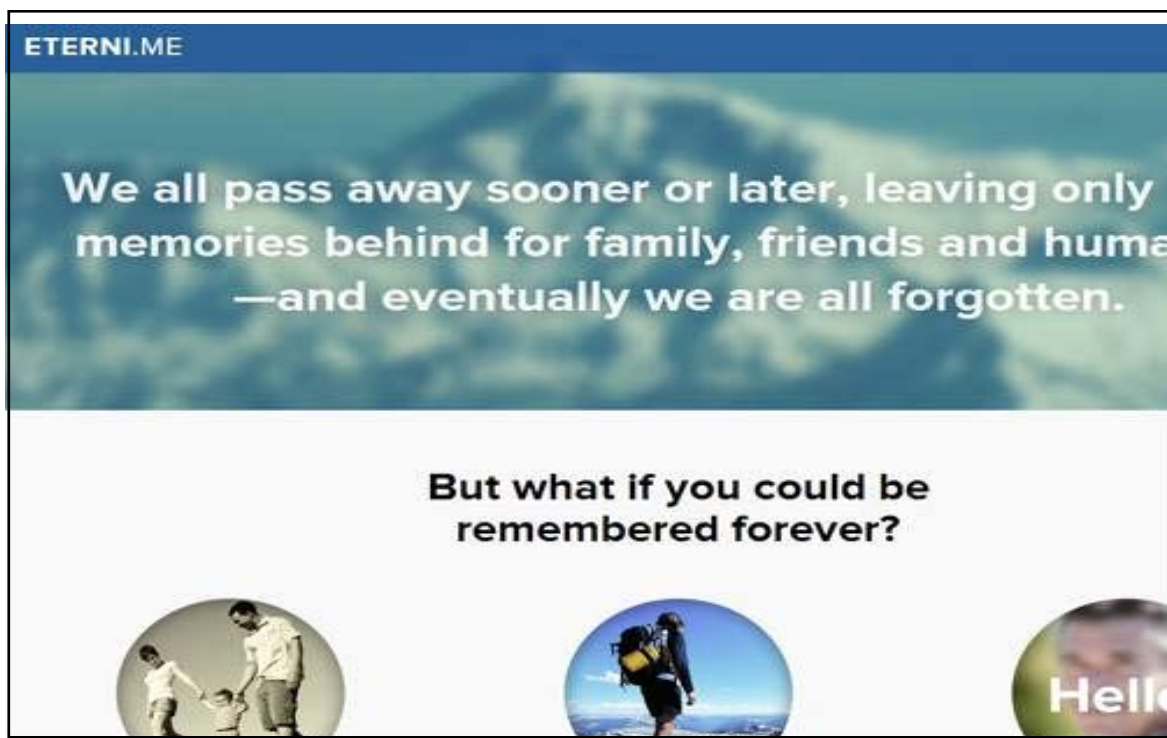


Figura 27: *site da Eterni.me*

Outro ciberespaço, semelhante ao *site francês Le Cimetière Virtuel*, é o *Cemitério Virtual (CV)*. Seu objetivo é preservar a imortalidade e prestar homenagem a pessoas públicas, como artistas, cantores e autoridades que

faleceram. Por esse espaço os usuários podem deixar flores e velas virtuais, além de mensagens de carinho. O *site* também não tem fins lucrativos e é composto por publicações de pessoas conhecidas do público.

A publicidade que existe no *site* não paga os custos de provedor de hospedagem, pois a intenção dos idealizadores é que seja gratuito sempre. Apesar da inexistência de intenção lucrativa do *Cemitério Virtual*, ele põe em relevo que, não obstante a mudança da sociedade, certas dimensões permanecem. O *site* só reforça o tabu presente na sociedade ocidental, pois apesar de todo avanço tecnológico as pessoas se sentem mais à vontade visitando um cemitério virtual do que um físico. “O comportamento das pessoas que visitam o cemitério mudou. Elas fazem comentários carregados de emoção, enviam flores e velas e depois compartilham com os amigos em suas redes sociais”. Por outro lado, essa atitude nos revela a necessidade de se manter distante da presença da morte e do morto. O contato é inteiramente distinto, pois de acordo com as pessoas entrevistadas não há perda, pois o morto está "vivo" e em outro plano. A figura 28 mostra a capa oficial do Cemitério Virtual, com destaque das imagens dos falecidos mais recentes.

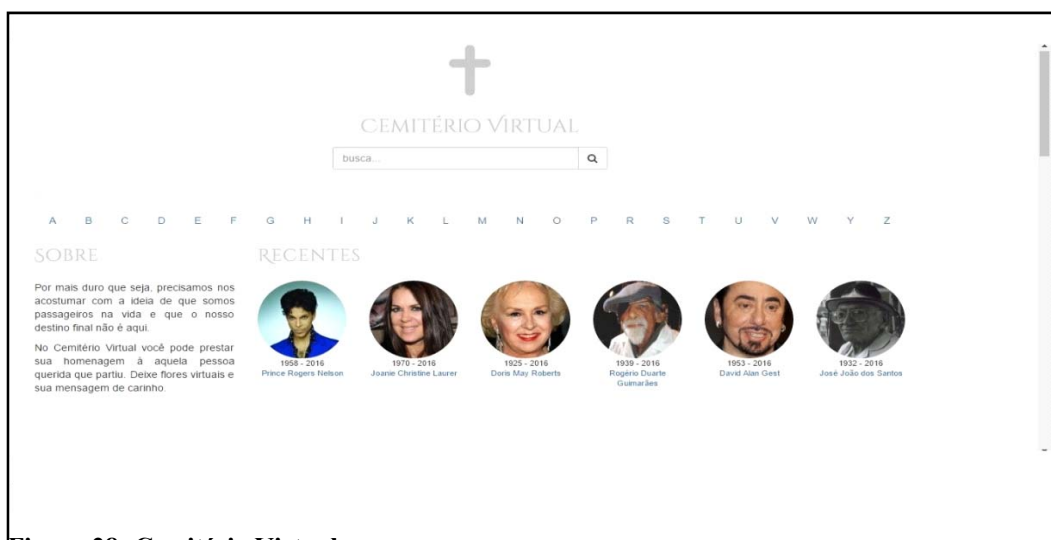


Figura 28: Cemitério Virtual

Muito se fala e se pensa nas diversas formas de sepultamento que emergiram a partir das práticas tecnológicas. Práticas que estão revolucionando o campo midiático e estimulando novas formas de interação e integração social. Nesse universo midiático, encontram-se as redes sociais de Internet, em especial o

Facebook, que Recuero (2014), com o sentido da apropriação simbólica explicitada por Lemos (2003), define como uma “ferramenta apropriada simbolicamente para construir o espaço social no cotidiano dos atores, gerando práticas que ressignificam seus usos”.

Com a utilização das novas mídias, pode-se dizer que esse “outro mundo”, hoje, seria o virtual? Considerá-lo como um novo recurso para prolongar, ou mesmo, manter as relações permanentes com os mortos? Para Sodré (2002, p. 21-22), a sociedade contemporânea (pós-industrial) rege-se pela midiatização, ou seja, pela tendência à “virtualização” ou “telerrealização” das relações humanas, presente na articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta com as tecnologias da comunicação.

A midiatização é uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, com ênfase num tipo particular de interação (tecnointeração). Trata-se de dispositivo cultural historicamente emergente no momento em que o processo da comunicação é técnica e industrialmente redefinido pela informação (Sodré, 2002, p. 21-22).

De acordo com Jenkins (2009, p. 189), o momento atual dessa transformação midiática está só reafirmando o direito que as pessoas comuns têm de contribuir ativamente com sua cultura. Para ele, a convergência é baseada no fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, a cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao [?] comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação (Jenkins, 2009, p. 29). “A convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (Jenkins, 2009, p. 29).

E nessa era da convergência, pode-se dizer que a sociedade tem tratado as questões de suas perdas e a própria morte de forma mais complacente, na medida em que aceita falar, interagir sobre o assunto, mesmo que seja no campo virtual. Nota-se o crescimento desse campo virtual e a transformação cultural e social que vem causando no comportamento. Benjamim Noys (2005, p. 25) afirma que é uma forma de expor a vida diante da morte. “Não só não sabemos quem controla a nossa morte, como a própria definição do que é morte foge ao nosso domínio”.

Ao tentarmos dar um valor à vida estamos tentando exercer o nosso poder sobre a vida de outros, e ao procurarmos dar algum significado à morte estamos procurando

estender este poder, ao mesmo tempo em que estamos buscando uma solução para os nossos medos (Noys, 2005, p. 26).

Ao tentarmos dar um significado à nossa morte estamos buscando conforto em um pensamento metafísico. O pensamento racional é capaz de criar uma estratégia, sendo que dar um significado para a morte passa ser encarado como final de uma existência cujo sentido dependeria do uso da própria razão (Amorim & Greiner, 2007, p. 86).

Estamos sempre tentando ir além da banalidade e da visão profana da morte. Estamos sempre tentando dar um “valor” à vida sem nos darmos conta de que esta é uma atitude política que leva antes de qualquer coisa a uma discriminação que vai da discriminação racial e de classe e passa por questões econômicas (Amorim & Greiner, 2007, p. 86).

O momento da despedida embora ainda reflita dor e sofrimento é amparado pelo avanço tecnológico. Segundo as jornalistas Diana Assennato e Naasha Madoc⁵² “já é comum ver perfis em redes sociais sobreviverem à morte de seus donos. Eles se tornaram parte do processo de luto da sociedade contemporânea, e chegam a durar anos sendo alimentados por familiares e amigos saudosos”.

Segundo a revista TPM⁵³, as redes sociais desenvolveram políticas e ferramentas para ajudar as famílias dos que morreram, mas, ainda assim, a legislação ainda é um pouco vaga sobre o que pode ou não ser feito com esses dados. Amorim (citado por Amorim & Greiner, 2007, p. 85) discorre que a morte real, o fim de uma existência, é difícil de ser encarada como fato corriqueiro, banal e sem significado mesmo sendo está a sua única condição. “Querer dar à morte um significado é uma tentativa da nossa espécie para nos proteger do desconhecido e da própria morte”.

No período medieval já se tinha a presença de textos que retratavam as maneiras de morrer, conforme Philippe Ariès (1977) ressalta: “fulano de tal, sentindo a morte próxima...”. “Não importa o que se narre nas reticências, o texto desemboca na pessoa que se recolhe e procura o leito. Se antes era numa cama que se morria, como nela se dormia” (Rodrigues, 2011). Hoje, esse leito pode ser

⁵² Disponível em: <http://revistatpm.uol.com.br/revista/151/colunas/morreu-mas-nao-acabou-servicos-ajudam-a-manter-viva-a-memoria-virtual-de-usuarios-que-faleceram.html>. Acesso: 09 abr. 2015.

⁵³ Disponível: <http://revistatpm.uol.com.br/revista>. Acesso: 09 abr. 2015.

encontrado em outros formatos, como: vinil, diamante, pingente, fogos; alguns dos exemplos publicados recentemente em sites e veiculado no Facebook.

A matéria “Vire música ao morrer: transforme seu corpo em um disco de vinil”⁵⁴, foi destaque na rede *Facebook*, representada na figura 29, aborda essa nova tendência tecnológica de lidar com a morte e com o morto. Informa ao consumidor, que seu funeral pode ser diferenciado e que poderá permanecer ao mundo dos vivos no formato de vinil, onde as cinzas serão prensadas em um disco, com o seu repertório de músicas favoritas.



Figura 29: Vinil

Não só em Vinil se permanece no mundo dos humanos, as cinzas também podem se transformar em fogos, como mostra a Figura 30.

⁵⁴ Disponível em: <http://hypescience.com/vire-musica-ao-morrer-voce-transformar-seu-corpo-em-um-disco-de-vinil/>. Acesso: 4 abr. 2015.



Figura 30: Fogos de Artíficos

Ou mesmo, tornar-se um Diamante, como na matéria publicada no site G1, na Figura31.

30/06/08 - 10h44 - Atualizado em 30/06/08 - 10h50

Sonho de consumo final: virar um 'diamante humano' depois da morte

Da France Presse

COIRE. Suíça, 30 Jun 2008 (AFP) - Por que passar o descanso final debaixo da terra ou então desperdiçar as cinzas da cremação? Ao custo de alguns milhares de euros e graças a uma sofisticada transformação química uma empresa suíça agora garante que ao falecido reservar seu lugar na eternidade sob a forma de um 'diamante humano'.

Na pequena cidade de Coire, na Suíça, a empresa Algodanza recebe a cada mês entre 40 e 50 urnas funerárias procedentes de todo o mundo. Seu conteúdo será pacientemente transformado em pedra preciosa.

"Quinhentos gramas de cinzas bastam para fazer um diamante, enquanto o corpo humano deixa uma média de 2,5 a 3 kg depois da cremação", explica Rinaldo Willy, um dos co-fundadores do laboratório onde as máquinas funcionam sem interrupção 24 horas por dia.

Os restos humanos são submetidos a várias etapas de transformação. Primeiro, viram carbono, depois grafite. Expostos a temperaturas de 1.700 graus, finalmente se transformam em diamantes artificiais num prazo de quatro a seis semanas. Na natureza, o mesmo processo leva milênios.

"Cada diamante é único. A cor varia do azul escuro até quase branco. É um reflexo da personalidade", comenta Willy.

Uma vez obtido, o diamante bruto é polido e talhado na forma desejada pelos familiares do falecido para depois ser usado num anel ou num cordão.

O preço desta alma translúcida oscila entre 2.800 e 10.600 euros, segundo o PESO da pedra (de 0,25 a um quilate), o que, segundo Willy, vale a pena, já que um enterro completo custa, por exemplo, 12.000 euros na Alemanha.

editorias

- Primeira Página
- Blogs e Colunas
- Brasil
- Carros
- Ciência e Saúde
- Cinema
- Concursos e Emprego
- Economia e Negócios
- Esporte
- Mundo
- Música
- Planeta Bizarro
- Política
- Pop & Arte
- Rio de Janeiro
- São Paulo
- Tecnologia e Games
- VC no G1
- Vestibular e Educação
- Vídeos
- Todas as notícias

G1 especiais

- Carnaval 2011

primeira página

- Liminar da Justiça Federal suspende leilão de Belo Monte
- Se Iã fizer armas nucleares, terá que arcar, diz Lula
- Racing x Corinthians
- Chuva mata dois e deixa 18 cidades

Figura 31: matéria publicada no G1

Se no passado, a sepultura foi a grande ferramenta que a humanidade utilizou para cuidar de seus mortos. Hoje, a tecnologia avançada faz esse papel, e dos exemplos citados acima, pode-se fazer das cinzas até joias, como um pingente de um valor inestimável, mostrado na figura 32. A artista Merry Coor criou incríveis pingentes feitos com cinzas de pessoas e animais amados. Dona da "Talismã Beads", localizada na Califórnia, a artista também recebe encomendas através de sua loja virtual na plataforma Etsy. Além das cinzas, como parte de seu processo criativo, ela também pede para seus clientes enviar fotos, letras e músicas associadas aos falecidos⁵⁵.



Figura 32: O Pingente

Pelo que apresentei até aqui, é clara a relação que o mercado funerário tem se apropriado desse universo midiático para estreitar a comunicação com sua clientela e oferecer à família do morto, artefatos tecnológicos. Conforme Lemos (2003), trata-se de ferramentas apropriadas simbolicamente para construir o espaço social no cotidiano dos atores, gerando práticas que ressignificam seus usos, assunto que trataremos com mais detalhes no próximo capítulo.

*

Diante dos exemplos citados, percebemos o quanto a tecnologia tem sido utilizada para estreitar ainda mais os laços afetivos, de despedidas e homenagens. Hoje, a *web 3.0*, conhecida como a *web* inteligente, garante o acesso à informação

⁵⁵ Disponível: <https://estilo.catracalivre.com.br/acessorios/artista-transforma-cinzas-de-pessoas-amadas-em-lindos-pingentes/>. Acesso: 09/04/2015.

de forma rápida e eficiente e traz mudanças que realmente inovam a Internet, com conteúdo *online* organizado de forma semântica muito mais personalizada para cada internauta. *Sites* e aplicações inteligentes, com publicidade baseada nas pesquisas e nos comportamentos de seus consumidores/usuários.

O Facebook é uma dessas empresas que, para atender às conveniências de seus usuários, fez consideráveis mudanças na sua configuração. Isso ocorreu em função da “imortalização” de perfis de usuários falecidos. “Todo o conteúdo publicado pela pessoa ficará visível de acordo com as definições de privacidade da conta antes da sua morte”. Isto anteriormente não ocorria, pois, o perfil “imortalizado” sofria interferência do Facebook que só permitia que o conteúdo fosse visto por contatos listados entre os membros da comunidade.

A tão sonhada “imortalização” é um [recurso](#) da rede social que permite manter o perfil de alguém falecido, solicitado por um familiar da pessoa via formulário no Facebook. Antes restritas aos amigos, as publicações passarão a ser mostradas a amigos de amigos ou publicamente, conforme as configurações definidas pelo usuário antes de morrer.

Em 2015, a revista *Filosofia: Ciência e vida* publicou a matéria “Perfis póstumos nas Redes Sociais”, exatamente para destacar como a maior rede social do mundo, o Facebook, passaria a lidar com cerca de 10 a 20 milhões de perfis de usuários já falecidos. A matéria reafirma a necessidade de mudança na configuração que permite ao usuário previamente preencher um questionário que possibilitará a transformação dos perfis póstumos em memoriais *online*. A intenção é permitir que as pessoas vejam os perfis imortalizados de maneira condizente com as definições de privacidade da pessoa falecida. Para os diretores da rede, é importante respeitar as escolhas que uma pessoa fez em vida, dando aos familiares e amigos a visibilidade permanente do conteúdo que sempre puderam ver.

No atual momento, a era da informação é caracterizada pela convergência tecnológica e pela informatização total das sociedades contemporâneas (Castells, 1999). Em consonância com Castells (1999), Jenkins (2009, p. 189) confirma que a cultura da convergência reafirma o direito que as pessoas têm em contribuir ativamente com sua cultura. A convergência é baseada no fluxo de conteúdos por múltiplas plataformas de mídia, cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação (Jenkins, 2009, p. 29). Isso tem contribuído para transformação cultural, à medida em que usuários

são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos.

Com o fenômeno da convergência, percebo que certos segmentos sociais - mesmo tendo a morte como tabu ou mesmo como um problema - têm tratado as questões de suas perdas e da própria morte de forma mais complacente, na medida que aceita falar mais do assunto nas redes sociais. Mas isto não significa o aceite! Nas palavras de Bauman, significa que a internet cria a ilusão de que nossos problemas serão resolvidos⁵⁶, de que o morto responderá nossas mensagens e se manifestará em algum momento.

⁵⁶ Disponível em: <http://www.mundosustentavel.com.br/2015/09/a-internet-nos-da-a-falsa-sensacao-de-estarmos-no-controle-das-nossas-vidas/>. Acesso em: 10 jan. 2017.

5

Pixels apagados, backup vital

5.1.

Os caminhos para imortalidade virtual

A tecnologia nos permite ter “cérebros externos” para guardar informações, ao mesmo tempo em que, através da internet, podemos compartilhar esse conhecimento com qualquer um que se interesse.

Amber Case⁵⁷

A antropóloga americana Amber Case estuda as formas pelas quais as pessoas se relacionam com a tecnologia e as classifica como ciborgues. “O termo ciborgue significa literalmente ‘organismo cibernético’ - um ser construído de material mecânico e orgânico”. Isto orienta seus estudos a focar na construção da relação entre homem e máquina. Ter um computador no bolso, poder acessar e-mails, falar com amigos pelas redes sociais e curtir os últimos memes em qualquer lugar tem sido um hábito constante no convívio social.

Case nos considera ciborgues *low-tech*, emocionalmente ligados à nossa tecnologia e redes digitais. No contexto de nossa pesquisa, ressaltamos nos capítulos anteriores a interação presente não somente com os humanos, mas também com os não humanos, os mortos, quando alimentamos os perfis que se tornaram memoriais nas redes sociais. Somos uma montagem dinâmica de lembranças, personalidades, recordações, sentimentos, crenças, atitudes, valores e estamos também em ligação com “novas” vidas que se estabelecem em outros ambientes ou planos que não são necessariamente físicos.

Haraway, no *Manifesto Ciborgue* (2000, p. 33), publicado pela primeira vez em 1985, já conceituava o ciborgue como um híbrido de máquina e organismo, que invoca dois pontos: o primeiro, na ficção que mapeia nossa realidade social e corporal; e o segundo, no recurso imaginativo que pode desencadear uma prática política, através de múltiplos acoplamentos. Para a antropóloga, o ciborgue é uma

⁵⁷ Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI298573-17770,00.html>. Acesso em: 09 abr. 2017.

criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. “Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo” (Haraway, 2000). Embora tradicionalmente confinado aos reinos da ficção científica, a medicina moderna e, em particular, as próteses tornaram o termo aplicável a um número de seres humanos, que precisam da tecnologia para “funcionar”, conforme a denominação de D.T. Max⁵⁸: “suplementos cibernéticos implantados ao corpo biológico”.

Em 2004, Neil Harbisson, um jovem de 29 anos nascido em Belfast, na Irlanda do Norte, tornou-se, legalmente, o primeiro ciborgue do planeta. Portador da acromatopsia⁵⁹, patologia que impede seu portador de identificar cores, Harbisson nunca considerou uma incapacidade o fato de viver em um mundo preto e branco. Mas admitiu que a curiosidade a respeito de como seria a aparência das coisas quando coloridas sempre esteve presente na sua vida. Aos 20 anos conheceu um cirurgião (que preferiu permanecer anônimo) disposto a implantar nele um dispositivo eletrônico.

Hoje, como um ciborgue, Harbisson possui uma antena em cuja extremidade há um sensor de fibra ótica que paira logo acima dos olhos. Ou melhor, porta implantado no crânio um microprocessador que converte as frequências de onda das cores em vibrações na parte posterior da cabeça. “Consigo enxergar bem ao longe. Também memorizo com facilidade as formas, pois as cores não me distraem”⁶⁰. Ele não só corrigiu a deficiência, recuperando as habilidades humanas, como também as superou. “Cada artefato, cada objeto tecnológico fornece, por assim dizer, um procedimento de descoberta para uma fase de natureza humana e para composição dos nossos espíritos e corpos” (Martins, 2012, p. 16).

Com base na história de Harbisson iniciamos o presente capítulo. Nossa proposta é analisar alegados avanços da ciência no controle da morte e conjecturas a respeito de possíveis caminhos para a virtual imortalidade, oferecidos pelo progresso tecnológico e digital. Esperanças de novas formas de vida cada vez mais

⁵⁸ Disponível em: <http://www.nationalgeographicbrasil.com/revista/evolucao>. Acesso em: 14 abr. 2017.

⁵⁹ Refere-se a um transtorno visual da cor, congênito, de caráter autossômico recessivo, caracterizado pela inabilidade de perceber cores e adquirir acuidade visual satisfatória em níveis de luz elevado.

⁶⁰ Revista Oficial da National Geographic Society, abril, 2017.

sofisticadas, possibilitadas pela inteligência artificial, em que a relação contínua e bem-sucedida entre amigos e familiares poderá ser mantida nos momentos felizes ou não da vida ou mesmo no pós-morte.

São “vidas” que se firmam e se desenvolvem agora não somente pela capacidade biológica e física, mas também pela tecnológica e virtual. Muitas pessoas que tecnicamente poderiam ser rotuladas como em parte cibernéticas em parte orgânicas, tornaram-se resultado de procedimentos médicos complexos; outras estão no modo “vida *offline*”, alimentadas pelos *likes* dos internautas que mantêm o culto aos perfis de falecidos. “O ser humano aparece como ser ativo, como senhor do mundo, da natureza e de si mesmo, capaz de se reinventar e determinar os rumos de sua existência por meio de seus aparatos tecnológicos” (Carvalho, 2007, p. 3).

Carvalho (2007, p. 3) sustenta que o ser humano sempre interferiu na natureza (inclusive na sua própria). A tecnologia viria facilitar essa intervenção (até incorporando-se à natureza), refletindo nas barreiras entre o natural e o tecnológico, o orgânico e o maquinao, que passam a ser quebradas ou flexibilizadas.

No contexto da morte, percebemos o quanto o tabu é presente e tem sido fortalecido pelas ações tecnológicas incorporadas nas ações do homem contemporâneo. As buscas pela perfeição e pela vida longa têm apontado para um novo tipo de humano: aperfeiçoado tecnologicamente, capaz de conectar-se em rede a outras subjetividades semelhantes, tirando delas o que lhe falta para alcançar o status de um ser perfeito (Carvalho, 2017, 01). Por isso, a proliferação da morte ainda é fator preocupante no seio social. O propósito é manter distância da mesma e perpetuar a vida ao máximo.

Rodrigues (2006, p. 185), comenta que a onipresença da morte não poderia ser isenta de repercussões sobre os comportamentos. A relativa indiferença com que foi vista em certos tempos da história ocidental, não poderia deixar de implicar certa indiferença no que concerne à valorização da vida. Nesse novo modelo de vida tecnológica, o filósofo Raymond Kurzweil (2005) afirma: “seremos capazes de desenvolver as nossas próprias células, tecidos e até órgãos inteiros e introduzi-los nos nossos corpos sem cirurgia”.

Um dos maiores benefícios desta técnica de ‘clonagem terapêutica’ é que seremos capazes de criar estes novos tecidos e órgãos de versões das nossas células que também já foram tornadas mais jovens – o campo emergente da medicina do rejuvenescimento⁶¹.

Kenski⁶², da corrente transumanista (um movimento intelectual que visa a transformar a condição humana por meio do desenvolvimento de tecnologias amplamente disponíveis para aumentar as capacidades intelectuais, físicas e psicológicas humanas) relata que nenhum dos cientistas que se arriscaram a prever o futuro sabe bem o que acontecerá daqui a algumas décadas. Mas muitos deles já têm uma palavra para descrever o que vem por aí: a “singularidade” - a integração homem-computador, com o surgimento da superinteligência (transumanismo). O conceito de singularidade virou a palavra do momento entre os futurologistas porque muitos acreditam que nosso progresso científico também pode atingir esse grau extraordinário.

Como isso pode impactar na sociedade como um todo? Em oposição à corrente transumanista, o neurocientista Miguel Nicolelis (2011) afirma que nada disso acontecerá: “Não viveremos para sempre em computadores, mas os integraremos a nossos corpos e, através deles, será possível não só estar em outros lugares como, a nossos descendentes, saber em qualquer outra época quem fomos e até mesmo aquilo que pensamos”. Em entrevista no site *Fronteiras do Pensamento*, Nicolelis fala sobre o significado da morte, o futuro dos nossos pensamentos e o processo de inserção tecnológica:

Quando cada um de nós morrer é uma história única da humanidade que se perde. É como se fosse um livro único que jamais foi escrito, foi só pensado. Ele se perde e nunca vai acontecer outro igual. Aquela história individual é perdida do registro da história da humanidade. (...) No futuro muito remoto, ao invés de termos mausoléu para cultuar nosso corpo que já foi, já decompôs, já desapareceu, porque o corpo é fugaz; o que nós vamos ter, na realidade, em memória a essas histórias que jamais serão recontadas novamente? Serão os livros do pensamento, o registro do que foi essa existência pelo *download* de todas as nossas emoções, as coisas únicas que aconteceram na nossa vida, que vão ser, na minha opinião, a forma mais correta, talvez a forma mais justa de homenagear aquela história que acabou. De certa maneira nós vamos atingir o que nós sempre sonhamos ter como espécie: a imortalidade. Mas não vai ser só imortalidade do nosso corpo, esse também vai viver mais do que vivemos hoje, mas eventualmente, não vai conseguir viver para sempre. Os nossos pensamentos poderão ser registrados para sempre. Esse tipo de

⁶¹ Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2017/02/08/longevidade-singularidade-criogenia-e-transumanismo-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso em: 19 abr. 2017.

⁶² Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/singularidade/>. Acesso em: 18 mai. 2017.

imortalidade talvez dê mais um pouco de conforto ao nosso medo essencial de simplesmente terminar o livro⁶³.

Será que já estamos experimentando, através das redes sociais, a imortalidade virtual? Para os transumanistas, a junção humano-máquina tem o objetivo de superar a mortalidade humana, que acreditam ser atingível até 2045. Kurzweil, cientista da vertente transumanista, acredita que em 2029 a fusão entre máquinas e homens estará completa. Segundo seus estudos, teremos computadores mais inteligentes, capazes de conversar tão bem quanto um ser humano.

O choque dessa inovação tecnológica sobre a própria natureza ou condição humana é chamado de *Experimentum humanum*, expressão creditada ao teólogo Karl Rahner – por significar “experimento-sobre-o-homem, pelo próprio homem, sobre seu próprio ser ou natureza” (Martins, 2012, p. 345). As duas fases desse experimento são: os avanços na genética e o desenvolvimento de próteses dos mais variados tipos, cada vez mais sofisticadas, que avançam no caminho da transmutação dos seres humanos em ciborgues.

Em entrevista ao site *Exame.com*, imagina que haverá dispositivos computacionais mil vezes mais poderosos que os atuais: “Poderemos nos tornar imortais e atingir a vida eterna na Terra. A palavra longevidade será substituída pela eternidade. O humano pelo pós-humano ou transumano”⁶⁴.

Com todo o prometido arsenal tecnológico, imagina-se a criação futura de máquinas capazes de superar a capacidade do cérebro humano. Por meio delas, será possível a tão sonhada imortalidade. Para os adeptos deste tipo de esperança, viver é o que importa. Viver individualmente. Biologicamente. Qualquer que seja a vida (Rodrigues, 2006, p. 170).

Interessante observar que em todas as sociedades é da magia e da religião que vem a esperança de uma vida longa ou eterna. Hoje, este devaneio parece ter se transferido para a ciência. Isto é, para a “fé” no progresso da ciência e da tecnologia.

*

⁶³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eRv3lfOJ478>. Acesso em: 20 jun. 2017.

⁶⁴ Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2017/02/08/longevidade-singularidade-criogenia-e-transumanismo-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso em: 21 abr. 2017.

Apresentaremos duas seções no decorrer deste capítulo: na primeira, abordaremos o delírio da transcendência do homem por instrumento da tecnologia - o transumanismo; na segunda, analisaremos a era dos ciborgues, o futuro (pós-) humano, em que nano robôs poderão ser injetados no corpo humano para combater doenças ou para aperfeiçoá-lo.

5.1.1

Delírio da transcendência do homem através da tecnologia: o transumanismo

A ideia de que os artefatos técnicos representam extensões do ser humano, funções do corpo humano (sentidos, membros, sistema nervoso, etc.) é de um dos idealizadores da filosofia da tecnologia, Ernst Kapp, em 1877. Para Martins (2012, p. 15), Kapp, como jovem hegeliano, vê a história humana como a objetivação da essência humana. Kapp entendia que a antropologia era a chave para compreensão da história da tecnologia. Como ideia central de sua teoria, destacava a projeção orgânica (*Organprojektion*): “As ferramentas primitivas são facilmente vistas como projeções de partes do corpo humano e sobretudo da mão humana, cuja versatilidade e maleabilidade a entronizam como parte mais tecnogênica do corpo” (Martins, 2012, p. 15).

Nessa linha de pensamento, a preocupação com a duração da vida implica naturalmente o esforço de postergar o seu final, o que se poderá conseguir por meio da consideração do corpo humano como máquina que se pode conservar e reparar. Mas, para Rodrigues, projetando esta concepção para a esfera coletiva, “o desenho que se forma é o de uma sociedade que, querendo aumentar a vida, está multiplicando o número de velhos, o que não deixa de representar uma frustração, ou um fracasso, para uma sociedade que cultua a juventude e que pretende conservá-la” (2006, p. 192).

Percebemos que o mundo online, além de propiciar uma interatividade de assuntos e acontecimentos, tem demonstrado ser um ambiente favorável para expressar dor e receber mensagens de apoio. Mas nem por isso deixa de reforçar o tabu que a sociedade ocidental tem diante da morte. O Ocidente busca se manter

vivo e por meio da Internet e dos avanços tecnológicos luta para banir a dor, o luto, o sofrimento, a perda. Esse distanciamento é perceptível no comportamento de muitos internautas, que preferem compartilhar o luto pelas redes sociais por ser menos “estranho” do que visitar um cemitério no ambiente físico.

Houve no Ocidente um processo histórico pelo qual o médico se apropriou cada vez mais da vida e da morte (Rodrigues, 2006, p. 197). Com sua visão futurística (ou futuroológica), os transumanistas acreditam que apenas as instituições médicas buscarão combater a finitude da vida: para eles a imortalidade não será fruto de uma única invenção ou descoberta, mas um desenvolvimento contínuo da tecnologia relacionada à saúde e à medicina, fazendo a expectativa de vida tender a subir exponencialmente a ponto de se poder considerar que o ser humano não irá mais morrer por conta de velhice.

Carvalho considera o ciborgue como um pós-humano. “Trata-se de um ser metade homem metade máquina, aperfeiçoado, com capacidades físicas e mentais que um humano “normal” não possui (2007, p. 03). Baseado no pensamento do autor, esse novo homem seria a fusão do orgânico com o cibernético, máquinas que simulam ou até ultrapassam as capacidades humanas.

Podemos pensar o pós-humano como um melhor humano, que, através da utilização das tecnologias, amplia suas capacidades e transcende suas barreiras físicas ou mentais. Ele irá atingir um estágio de superação de suas debilidades e, dentro de uma lógica da evolução, se tornará em um homem maquinico, super-homem, ou a combinação dos dois (Carvalho, 2007, p. 4).

Talvez a tecnologia que mais tenha influenciado a sociedade atual seja a cibernética/informática. Nela podemos encontrar um grande número de inovações espelhadas no ser humano (a área de inteligência artificial), a mais contundente sendo o próprio computador. Ao longo da história, as mãos em concha inspiraram os homens na implementação de utensílios contentores; o punho cerrado teria gerado o martelo e muitas espécies de armas; os sentidos humanos da vista e da audição forneceram modelos para uma diversidade de tecnologias para instrumentos óticos e acústicos; os sistemas de comunicações (telégrafos, telecomunicações, redes de computadores) teriam inspiração no sistema nervoso. Daí emerge a razão que levou alguns estudiosos a considerar o tempo atual como a Era da Informação.

Para Martins, Kapp não considerava sistematicamente a maneira como os modelos tecnomórficos da natureza humana eram reificados. Como se não tivessem sido de fato resultantes de projeções orgânicas inconscientes.

(...) se Kapp desenvolveu uma teoria antropológica da tecnologia, elabora também, no mesmo passo, uma teoria tecnológica da antropologia. O inconsciente produz externalizações técnicas variegadas, projetando vários traços e fases do ser humano. Uma vez produzidos, os artefatos técnicos facultam os meios indispensáveis através dos quais os seres humanos podem alcançar o conhecimento de si próprios (Martins, 2012, p. 16).

A base do pensamento de Kapp é posta em correspondência analógica com o conceito de transumanismo⁶⁵, entendido como uma filosofia emergente que analisa e incentiva o uso da ciência e da tecnologia. “Convergência Tecnológica” é como se autodesignam, pretendendo se referir à combinação sinérgica de quatro grandes áreas do conhecimento que vêm se desenvolvendo com grande velocidade nas últimas décadas: a nanotecnologia, a biotecnologia, as tecnologias de informação/comunicação e as ciências cognitivas (neurociências). A figura 33, mostra as quatro áreas centrais da convergência:

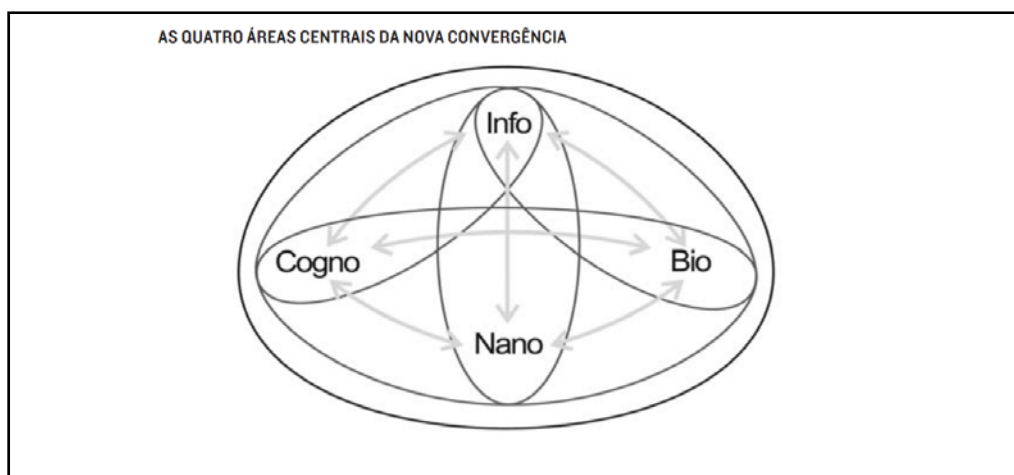


Figura 33: A Convergência Tecnológica
Fonte: Revista Eletrônica Novos Estudos⁶⁶

Identificado como um movimento internacional e intelectual, o transumanismo pretende ser uma filosofia que analisa e transforma a condição humana a partir do uso da ciência e tecnologia para aumentar a capacidade cognitiva

⁶⁵ Disponível em: <http://religiaopura.com.br/transumanismo-e-singularidade-novos-apelidos-para-a-mentira-satanica-do-imortalismo/>. Acesso: 14 abr. 2017.

⁶⁶ Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n78/04.pdf>. Acesso em 19 abr. 2017.

e superar as limitações físicas e psicológicas. Ambiciona também analisar os problemas éticos na relação humano-robô-máquina e cérebro-máquina a partir de uma perspectiva humanística e proclama a liberdade e acessibilidade na escolha destes recursos pós-humanos. Para Carvalho (2007, p. 03) esses recursos tecnológicos são incorporados e assimilados em sua própria estrutura, tornando o homem não mais uma vítima, mas uma parte do próprio processo, apropriando-se da tecnologia para superar seus limites.

Mais que nunca, portanto, o homem aparece como ser ativo, como senhor do mundo, da natureza e de si mesmo, capaz de se reinventar e determinar os rumos de sua existência por meio de seus aparatos tecnológicos. E nesse horizonte, o pós-humano surge como a imagem do homem totalmente ativo, simulacro de Deus para o qual não existem limitações (Carvalho, 2007, p. 03).

Os transumanistas dizem aspirar não só à melhoria da saúde. Esperam além disso alterar as características humanas, por exemplo com a utilização de recursos artificiais para procriação, pois a constituição genética, na previsão deles, será incompatível com a reprodução natural. A pretensão é fazer com que o ser humano venha a ter direito de controlar o destino de seus genes. Não mais depender apenas do direito, que já possui, de se modificar por meio de cirurgias e técnicas. Será que estamos diante de um eugenismo tecnológico?

Transhumanismo (sic) compartilha muitos elementos do humanismo, incluindo o respeito pela razão e pela ciência, um compromisso com o progresso e uma valorização da existência humana (ou transumana) 'terrena', em vez de alguma pós-vida sobrenatural. Transhumanismo difere do humanismo ao reconhecer e antecipar as radicais alterações na natureza e as possibilidades de nossas vidas resultantes de várias ciências e tecnologias, tais como a neurociência e a neurofarmacologia, o prolongamento da vida, nanotecnologia, ultrainteligência artificial, combinado com uma filosofia racional e um sistema de valores (More, 1990).

More (1990) também entende o transumanismo como um processo perpétuo de superação dos limites humanos, com emprego escrupuloso da razão, da ciência, da lógica e do pensamento crítico. A base, para ele, seriam as seguintes: expansão ilimitada, autotransformação, otimismo dinâmico, tecnologia inteligente, inteligência crescente, ordem espontânea, liberdade, prazer e longevidade. O movimento dos transumanistas se preocupa com os benefícios que podem superar as limitações humanas, mas também dizem ter atenção aos perigos desse avanço tecnológico, assim como as implicações éticas envolvidas no desenvolver e usar tais tecnologias.

Assim como More (1990), outros estudiosos se tornaram adeptos do movimento transumanistas. Sandberg (s/d) define-o como uma filosofia segundo a qual podemos e devemos nos desenvolver a níveis mais elevados, física, mental e socialmente, usando métodos racionais. Para Jotterand (2010) é mais do que um projeto tecnocientífico, também é um movimento ideológico, cujos pressupostos estão enraizados na filosofia iluminista. Hughes (2004), por sua vez, compreende-o como uma ideia antiga, de acordo com a qual os humanos podem usar a razão para transcender as limitações de sua condição.

Simon Young, exacerbado entusiasta do transumanismo, afirma igualmente que ele é uma crença na superação das limitações humanas por meio da razão, da ciência e da tecnologia, apoiando as tentativas de eliminar doenças, de melhorar o corpo e a mente, e, no limite, superar até mesmo a morte. Acredita que, assim “como o humanismo nos libertou das cadeias da superstição, o transumanismo nos livrará de nossas cadeias biológicas” (Young, 2006, p. 32).

A despeito de tudo que a sociedade industrial conseguiu realizar no passado recente, ainda presenciamos dificuldades e/ou desconhecimento do uso tecnológico. Os transumanistas reconhecem que hoje a tecnologia realiza quase todas os trabalhos, com maior rapidez, reforçando as habilidades humanas (físicas e mentais), ampliando a capacidade intelectual que nos permite explorar novos ambientes desafiadores. Já dispomos de uma preocupação maior com a saúde e por essa razão buscamos formas e fórmulas medicinais mais eficazes no tratamento de muitas doenças infecciosas, juntamente com aparelhos de última geração programados com o intuito de eliminar a finitude de nossas vidas.

Apesar de todo o avanço na tecnologia médica, sabemos que a única verdade que nos acompanha desde a nascença é que algum dia iremos morrer. No entanto, a consciência da própria mortalidade paralisa seres humanos, reforça o tabu, levando-os a reprimir este lembrete sobre a efemeridade da vida. Talvez resida nesta resistência ao inevitável um aspecto importante dos devaneios transumanistas, mesmo que estes concebam que a imortalidade não seria fruto de uma única invenção ou descoberta, mas um desenvolvimento contínuo da tecnologia relacionada à saúde e à medicina, fazendo a expectativa de vida tender a subir exponencialmente.

Para Aubrey de Grey⁶⁷, “o envelhecimento é uma doença que pode ser vencida pela ciência”. Em entrevista concedida ao site da revista *Isto É*⁶⁸, destaca dois pontos de maior relevância: o primeiro diz respeito ao fato de o envelhecimento ser uma condição evitável pela intervenção médica; o segundo são as causas que combatem o envelhecimento, pois sua convicção é de que podemos viver pelo menos mil anos. As perguntas que faço são: será que a vontade de viver eternamente pode ser algo próximo de nossa realidade? Quantos filhos poderá ter quem viva mais de mil anos? Que planeta vai manter estes filhos? Quantos bilhões de seres humanos poderão ter vidas individuais de mil anos?

Ninguém pode realmente dizer, neste momento, se o sonho de viver para sempre pode se tornar uma realidade, mas muitos afirmam que a meta está “dentro do alcance”. Em sua entrevista de 2009 à revista *Isto É*⁶⁹, Grey declarou: “existem 80% de chance de isso ser verdade. Creio que há 50% de possibilidade de as terapias necessárias para atingir tal longevidade estarem disponíveis dentro de 25 anos”. Faltam então 16 anos para atingirmos a imortalidade? Estará acessível a todos ou só a quem tiver condições de pagar pela mesma?

Na fronteira entre o possível e o impossível, artefatos tecnológicos são concebidos com pretensa capacidade para fazer cópias de mentes humanas, de memórias, no intuito de garantir a sua permanência em “vida”. Essa proclamada evolução tecnológica não deixa de causar questionamentos a respeito das novas formas de vidas artificiais, como o desejo pela criação de mentes digitais, *software* programado por um composto de lembranças e acontecimentos de uma mente humana.

A continuidade emocional e intelectual, ou imortalidade, vem se tornando possível por meio do desenvolvimento de clones digitais. “Versões em *software* de nossas mentes, alter *egos* baseados em *software*, *doppelgangers*, gêmeos mentais” (Rothblatt, 2016, p. 26). Sites como Instagram, Youtube, Twitter, Google e o Facebook já fazem o serviço de guardar os registros dos eventos importantes dos internautas, além das imagens e correspondências que são trocadas entre os usuários

⁶⁷ Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2017/02/08/longevidade-singularidade-criogenia-e-transumanismo-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso em: 21 abr. 2017.

⁶⁸ Disponível em: http://istoe.com.br/11876_O+PROFETA+DA+IMORTALIDADE/. Acesso em: 23 abr. 2017.

⁶⁹ Id.

das respectivas redes. Com esse avanço, podemos coletar nossas memórias com um grau de detalhamento nunca antes alcançado.

Assim como Rothblatt, Bruce Duncan⁷⁰, diretor da Terasem Movement Foundation, acredita que por meio da inteligência artificial parentes mortos serão substituídos por clones robóticos, com uma cópia digital do cérebro do falecido. “É como quando empalham um cão ou gato. Não empalhamos seres humanos, mas esta é uma forma de 'empalhar' suas informações, personalidade e maneirismos” (...) "transferir consciência humana para computadores e robôs", afirma.

Na obra *Virtualmente Humanos*, Rothblatt (2016) argumenta em defesa da criação de clones mentais e afirma que dentro de poucas décadas estaremos convivendo com humanos virtuais:

Clones mentais são arquivos mentais usados e atualizados por um *software* mental criado para ser uma réplica funcionalmente igual à mente de uma pessoa. Um clone mental é criado a partir de pensamentos, lembranças, sentimentos, crenças, atitudes, preferências e valores que você introduziu nele. Os clones mentais irão vivenciar a realidade a partir do ponto de vista de qualquer máquina que processe seu *software* mental (Rothblatt, 2016, p. 26).

Quando alguém morre, seu clone mental não sentirá que ambos morreram fisicamente, embora a ausência do corpo venha a ser sentida da mesma maneira que ao sofrer algum tipo de amputação, mas habitua-se ao receber um substituto artificial (Rothblatt, 2016, p. 26). A obra de Rothblatt parece dialogar com o pensamento de Kurzweill, ao dizer que vamos transcender todas as nossas limitações biológicas. “É um período futuro durante o qual o passo de mudança tecnológica será tão acelerado e de alcance tão longínquo, que a existência humana sobre esse planeta será irreversivelmente alterada” (Kurzweill, 2006).

Kurzweill denominou “singularidade” às tecnologias que conduziram o início desse período de transformações. Acredita que no futuro próximo, a inteligência artificial superará a inteligência humana. Ao compreendermos os processos de informações que fundamentam a vida, estaremos aprendendo a reprogramar a biologia para conquistar a extinção de doenças, expansão de potências e extensão radical da duração da vida.

⁷⁰ Disponível em: <http://exame.abril.com.br/ciencia/empresa-guarda-dna-memoria-pessoas-recria-las-futuro-568466/>. Acesso em: 15 abr. 2017.

Singularidade é um termo utilizado para definir um período futuro durante o qual a vida humana será irreversivelmente transformada e representará o culminar da fusão do pensamento biológico e da nossa existência com a tecnologia, resultando em um mundo que ainda é humano, mas transcenderá as nossas raízes biológicas. Não haverá distinção, pós-Singularidade, entre homem e máquina ou entre o físico e o virtual (Kurzweil, 2006).

Para o Kurzweil dificilmente conseguiríamos hoje sequer contemplar a combinação entre a capacidade cerebral (conhecimentos e habilidades que nos tornam humanos) e o poder computacional (computadores pessoais), que utilizamos para pensar, raciocinar, comunicar e criar. Para ele, no artigo em questão, “A evolução deixou de ser apenas o lento processo da seleção natural propagando os genes desejáveis, e passou a incluir tudo o que podemos fazer para ampliar a nossa capacidade biológica natural”.

A fusão do homem e a máquina, aliada à repentina explosão na inteligência das máquinas e à velocidade de inovação na pesquisa genética e na nanotecnologia, resultarão em um mundo onde não há distinção entre o biológico e o mecânico, ou entre a realidade física e a virtual. Essas revoluções nos permitirão transcender nossos frágeis corpos em todas as suas limitações (Kurzweil, 2006).

Nesse ponto, voltamos a reforçar o que já foi observado por Rodrigues (2006) sobre a existência do tabu da morte na sociedade ocidental. Nega-se a morte, buscam-se os caminhos para imortalidade. “Conservar a vida, banir a morte, parar o tempo, apagar a história, exaltar a permanência, divinizar o poder” (Rodrigues, 2006, p. 170). A criogenização, por exemplo, é uma técnica de manter cadáveres congelados por muitos anos para ressuscitá-los quando a ciência dispuser dos meios de o fazer. Como técnica de conservação, consiste em substituir o sangue do indivíduo logo após ter sido diagnosticado como morto, por uma solução capaz de preservar os tecidos contra a decomposição. Atualmente, a criogenização é utilizada em embriões: óvulos fecundados podem ficar na “geladeira” com chances de sobreviver a um descongelamento.

Para os cientistas, o problema não está no congelamento do corpo, mas em como fazer o degelo desse corpo. De acordo com o pai do método criônico, Robert Ettinger⁷¹ “os próprios métodos usados para congelar uma pessoa causam danos às células que só poderiam ser reparados por tecnologias que ainda não existem”. A

⁷¹ Disponível em: http://www.dhnet.org.br/desejos/sonhos/futuro_morte.htm. Acesso em: 21 abr. 2017.

previsão de Kurzweill (2006) é que a primeira metade do século XXI seja marcada por três revoluções sobrepostas que denominou “GNR”: genética, nanotecnologia e robótica. Cada uma delas propiciando, segundo ele, um aumento dramático da longevidade humana, entre outros impactos significativos.

Kurzweill acredita que estamos na primeira fase da revolução genética, também chamada biotecnologia. A biotecnologia oferece os meios para alterar os genes: não apenas bebês programados, mas natalidades programadas. “Seremos igualmente capazes de rejuvenescer todos os tecidos e órgãos do nosso corpo transformando as células da pele em versões jovens de qualquer outro tipo de célula” (Kurzweil, 2010). Neste momento, novos desenvolvimentos farmacológicos têm como objetivo o combate a etapas importantes da arteriosclerose (a causa das doenças de coração), a formação de tumores cancerígenos e os processos metabólicos que estão na base das doenças mais importantes e do processo de envelhecimento. Kurzweil afirma que em 3 anos alcançaremos o objetivo de combater doenças e retardar o processo de envelhecimento:

A revolução biotecnológica já está na sua fase inicial e atingirá o seu pico na segunda década deste século (2010-2020), um ponto a partir do qual seremos capazes de ultrapassar a maior parte das doenças e retardar dramaticamente o processo de envelhecimento. Seguir-se-á a revolução da nanotecnologia, que atingirá a sua maturidade durante os anos vinte (2020s). Com a nanotecnologia, seremos capazes de ir além dos limites da biologia, e substituir o nosso atual ‘corpo humano versão 1.0’ com um substancial aperfeiçoamento versão 2.0 fornecendo um aumento radical dos anos de vida⁷².

A segunda revolução seria a da nanotecnologia, processo pelo qual os cientistas manipulam a matéria em nível molecular. “Os ‘nanobots’ são robots do tamanho de células sanguíneas que podem viajar pela corrente destruindo os elementos patogênicos (causadores de doenças), removendo detritos, corrigindo os erros do DNA”⁷³.

⁷² Disponível em: <http://citadino.blogspot.com.br/2010/04/imortalidade-esta-duas-decadas-de.html>. Acesso em: 20 abr. 2017.

⁷³ Disponível em: <http://citadino.blogspot.com.br/search?q=Kurzweil+>. Acesso em: 20 abr. 2017.

Eric Drexler⁷⁴ popularizou a palavra "nanotecnologia" nos anos 80. Ao conceituar nanotecnologia, o cientista alega conter uma série de inovações que resultam trabalhar diretamente com materiais na escala de menos de 100 nanômetros. Isso equivale, aproximadamente, ao tamanho de moléculas complexas: motores, braços de robô, inclusive computadores inteiros, muito mais menores do que uma célula.

Nick Bostrom faz parte da corrente transumanista contemporânea e é diretor do Instituto para o Futuro da Humanidade, na Universidade de Oxford. Acredita que a nanotecnologia oferece potencial para aliviar o sofrimento humano (Teixeira, 2015). Ele enfatiza que o Instituto ainda está longe de oferecer uma saída para a maior de todas as questões humanas: a do sentido da vida, o que resume numa só palavra: "reprodução". Por este motivo a morte continua sendo um problema. "Quando alguém morre, um bom bocado de conhecimento se perde. Seria como se uma biblioteca se deteriorasse por causa de um prazo de validade"⁷⁵. Como solução, a inteligência artificial visaria a melhorar a condição humana, mas é preciso ter cuidado com seu desenvolvimento.

A terceira revolução seria a da robótica, a "poderosa" inteligência artificial, considerada como tão marcante como a informática a partir dos anos de 1980. Com a acelerada renovação tecnológica "seremos capazes de viver o quanto escolhermos, capazes de aperfeiçoar estes métodos e aproveitar a velocidade, a capacidade de memória e a aptidão de partilha de conhecimento destas máquinas" (Kurzweill, 2006).

A corrente transumanista acredita que a morte será extinta para os que puderem arcar com os custos. Os mais entusiastas apostam ainda que a imortalidade estará disponível para todos na Terra. Se isso acontecer de fato, como o planeta suportará tantas pessoas? Se a imortalidade se concretizar, quais serão as consequências para o mundo de um mundo sem morte? O que acontecerá com a humanidade? Seremos todos ciborgues? Como o planeta suportará tantas pessoas? Quem não puder pagar pela imortalidade continuará morrendo? E esse será o novo

⁷⁴

Disponível

em:

https://www.euroresidentes.com/futuro/nanotecnologia/nanotecnologia_responsavel/introducao_nanotecnologia.htm. Acesso em: 20 abr. 2017.⁷⁵ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/04/1761289-quando-ira-a-maquina-superar-os-humanos.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2017.

parâmetro da exclusão? Dado que a morte dos indivíduos propicia a vida das espécies, é possível uma espécie cujos indivíduos não morram?

Os idealizadores da imortalidade afirmam estarmos próximos das condições de substituir nossos cérebros pensantes por *softwares*. “Dado que a mente é essencialmente computacional, os seus laços com um corpo orgânico são essencialmente contingentes” (Martins, 2012, p.19). Rothblatt (2016, p.19) reforça essa concepção ao argumentar que a tecnologia da informação vem se tornando cada vez mais capaz de replicar e criar seus mais altos níveis: emoções e *insights*. Define ciberconsciência como um *continuum* de autonomia e empatia de nível humano, baseado em *softwares* (Rothblatt, 2016, p. 33).

*

Durante todo esse trabalho acompanhamos as formas por que a sociedade ocidental tem buscado meios de não aceitar que todo indivíduo – e mesmo a espécie - desaparecerá. Os avanços tecnológicos têm levado adiante o projeto já antigo de medicalização da morte, visando a adiá-la e a prolongar a vida, ainda que artificialmente. Rigorosamente, nessas inovações e avanços, pouco há de efetivamente novo: encontramos apenas reiterado o sonho de imortalidade - cada vez mais presente e formulado em discursos cada vez mais afinados com devaneios científicos e tecnológicos, pelo menos desde o século 18.

5.1.2

O homem “imortal”: a era dos Ciborgues

Em janeiro de 2008, uma macaca americana, um robô japonês e um cientista brasileiro causaram sensação mundial. A proeza foi fazer o cérebro da pequena primata guiar os passos de um androide do outro lado do mundo via internet. Cinco anos antes, o mentor do experimento, Miguel Nicolelis, da Universidade Duke (EUA), fizera duas outras macacas mover um braço robótico só com o pensamento. Nicolelis não é o único neurocientista dedicado às chamadas interfaces cérebro-máquina, mas é certamente um dos expoentes dessa área, que pretende dar vida ao que antes só era possível na ficção – os ciborgues⁷⁶.

Curioso saber que em um futuro próximo teremos no convívio social tipos humanos cada vez mais “aprimorados”: os ciborgues - pessoas que são (re)constituídas pela tecnologia para superar suas limitações e deficiências físicas

⁷⁶ Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/ciborgues/>. Acesso em 18 abr. 2017.

ou mentais. Para lembrar, a palavra ciborgue (*cyborg*, em inglês) deriva da junção de “cyber” e “organismo”, que significa “organismo cibernético”, fusão entre o organismo e máquina.

Haraway (2000, 40) observa que a ficção científica contemporânea está cheia de ciborgues, isto é, de criaturas que são ao mesmo tempo animais e máquinas, que habitam mundos ambíguos, tanto naturais como fabricados. É a incorporação das tecnologias em seus modos de vida e existência, trata-se então da valorização da permanência humana e o banimento da morte. Rodrigues (2006, p. 238), por outro lado, ressalta o que chama de “mito da vida”, aquele que sustenta ser a sociedade ocidental o terreno propício ao florescimento da vida.

Este mito contém o pensamento de que podemos produzir vida, graças à nossa ciência médica, à nossa agricultura, à nossa zootecnia – enfim, graças à nossa capacidade produtiva, à nossa riqueza e a nosso progresso. Este mito é o banimento da ideia de morte, a postulação da amortalidade e da imortalidade humana. É o mito fundamental, a síntese de todos os outros, o caminho que leva à compreensão do tabu com que envolvemos a morte e ao entendimento das estratégias pelas quais escondemos nossas dimensões de Morte (Rodrigues, 2006, p. 239).

Segundo Rodrigues (2006, p. 228) a sociedade industrial e de consumo, poderosa e agressiva, mais do que a *prolongar, otimiza* a vida e a valoriza como energia e consumo.

Ela tem necessidade de vidas para poder se estender, para encontrar força de trabalho e mercado consumidor. Ela é essencialmente conquistadora, precisa que homens vivos existam para serem conquistados. Por isso está mais interessada em destruir as relações humanas que prevalecem entre os indivíduos do que em destruir em si mesmos estes indivíduos. Seu objetivo sendo a introdução de bens industriais produzidos em escala maciça, homogênea e estandardizada, seu inimigo só pode ser a diferença, não necessariamente os indivíduos portadores de diferença (Rodrigues, 2006, p. 229).

O corpo na sociedade industrial se transformou em mecanismo que deve ser mantido em bom estado de funcionamento para poder produzir. Vem a ser uma ferramenta que faz com que outras ferramentas produzam (Rodrigues, 2006, p. 187). A existência dos ciborgues traz a discussão sobre a natureza das máquinas e a subjetividade do ser humano. Conforme Tadeu (2009):

Os ciborgues vivem de um lado e do outro da fronteira que separa (ainda) a máquina do organismo. Do lado do organismo: seres humanos que se tornam, em variados graus, “artificiais”. Do lado da máquina: seres artificiais que não apenas simulam

características dos humanos, mas que se apresentam melhorados relativamente a esses últimos (Tadeu, 2009, p. 11).

Para melhor explicar essa tendência, Tadeu (2009, p. 12) expõe a classificação das tecnologias ciborguianas propostas por Gray, Mentor e Figueroa-Sarriera, na obra *The Cyborg Handbook* (1995):

- 1) restauradoras: permitem restaurar funções e substituir órgãos e membros perdidos;
- 2) normalizadoras: retornam as criaturas a uma indiferente normalidade;
- 3) reconfiguradoras: criam criaturas pós- humanas que são iguais aos seres humanos e, ao mesmo tempo, diferentes deles;
- 4) melhoradoras: criam criaturas melhoradas, relativamente ao ser humano.

As “intervenções” que vêm afetando os dois tipos de “seres”, contribuindo para confundir suas respectivas ontologias são: a mecanização e a eletrificação do humano, por um lado; a humanização e a subjetivação da máquina, por outro.

O inglês Kevin Warwick se tornou um robô em 1998. Implantou um chip no braço para controlar mecanismos em seu laboratório e, com o aparato instalado debaixo da pele, conseguiu, por exemplo, abrir portas apenas ao se aproximar. “Não há nada de errado no ser humano. Até gosto de muitos aspectos. Mas ser um ciborgue é bem mais interessante”⁷⁷. Convicto de que se trata de uma evolução tecnológica na vida humana, Warwick estima que até a metade do século XXI, qualquer pessoa poderá possuir uma parte robótica: “buscamos sempre melhorar nossos corpos” - ou seria melhor dizer buscamos a imortalidade de nossa espécie?

Na visão de Gray (2002, p. 02), ciborgue é qualquer tipo de organismo animado que se mescla a um elemento inanimado conformando um sistema. Deste modo, podem existir ciborgues humanos ou não humanos, sendo necessário para isso possuírem parte natural e parte construída através de um direcionamento humano. Esta concepção de ciborgue está relacionada ao processo de “ciborgização”(cyborgization), ou melhor, de transformação de determinados elementos “naturais”, mesclado com tecnologias. A tecnologia passa a ter o

⁷⁷ Depoimento do professor Kevin Warwick extraído da revista oficial da National Geographic Society, 2017.

domínio dos processos naturais da vida, adotando novas maneiras de viver, novas palavras, novos hábitos, novos conceitos e significados.

As tecnologias permitem a constituição de ciborgue nas mais diversas áreas. O aparelho de cirurgia denominado *Da Vinci* é um robô cirurgião que possibilita ao médico fazer cirurgias de alta precisão, controlando um sistema de pinças a distância através de uma tela. Os cirurgiões usam esse dispositivo para serem capazes de trabalhar de forma eficaz dentro do corpo do paciente e essa operação é toda acompanhada e visualizada por câmeras. Outro exemplo marcante de transformações da convergência tecnológica são os cérebros externos que guardam informações pessoais em tempo real e através da internet e que permitem compartilhar conhecimentos.

Não apenas estamos mudando radicalmente, de corpo e mente, mas também estamos nos tornando ativamente envolvidos em nossa própria transformação. [...] É uma questão de consciência. Estamos adquirindo novas faculdades e uma nova compreensão da presença humana. Habitar tanto o mundo real quanto o virtual simultaneamente, e estar aqui, bem como potencialmente em qualquer outro lugar ao mesmo tempo, está nos dando um novo senso do self, novas maneiras de pensar e de perceber que ampliam aquilo que acreditamos ser as nossas capacidades genéticas naturais. [...] somos agora, cada um de nós, feitos de muitos indivíduos, um conjunto de selfs. Na realidade, o sentido do individual está dando lugar ao sentido de interface. [...] Somos mediados pelo computador e possibilitados pelo computador. Esses novos modos de conceptualização e de percepção da realidade envolvem mais do que um simples tipo de mudanças quantitativas na maneira pela qual vemos, pensamos e agimos no mundo. Constituem uma mudança qualitativa em nosso ser, uma faculdade completamente nova, a faculdade de “ciberpercepção” pós-biológica (Ascott, 2002, p. 31).

No início deste capítulo, citamos os desenvolvimentos da *biotecnologia*, a *revolução genética*, os quais possibilitaram manipulações em todas as áreas da vida humana, inclusive com implantes de tecnologias no corpo humano, “formatando” não apenas o corpo físico, mas também as maneiras de pensar, sentir e imaginar. “Na era das revoluções informáticas, do surgimento das biotecnologias, da criação acelerada, de novos materiais e de uma ‘maquinização’ cada vez mais fina do tempo, novas modalidades de subjetivação estão prestes a surgir” (Guattari, 1990, p. 48).

Alan Turing foi o primeiro a difundir a ideia de que um programa de *software* poderia ser humanamente consciente desde que conseguisse demonstrar um comportamento semelhante ao dos humanos (Rothblatt, 2016, p. 34). Algumas

empresas estão voltadas para esse novo humano, dotado da biotecnologia, possibilitando a imortalidade digital de seus dados (lembranças, imagens, códigos, et.).

Por exemplo, empresa britânica Ocumetics oferece a lente biônica (a BionicLens) no mercado da medicina ocular, com capacidade de aumento de distância três vezes maior que o habitual. O produto é instalado cirurgicamente no olho, com o propósito de ajustar, automaticamente, diferentes distâncias de foco. Apesar dos estudos recentes, o doutor Garth Webb, idealizador da lente, iniciou sua pesquisa em 2009 e em maio deste ano (2017) essa tecnologia foi encaminhada para comercialização. Entre as novidades tecnológicas, a Samsung e o Google desenvolveram uma lente de contato inteligente que fotografa com apenas um piscar de olhos. Ambos os projetos estão em fase inicial e ainda não foram popularizados. A figura 34 mostra a BionicLens.

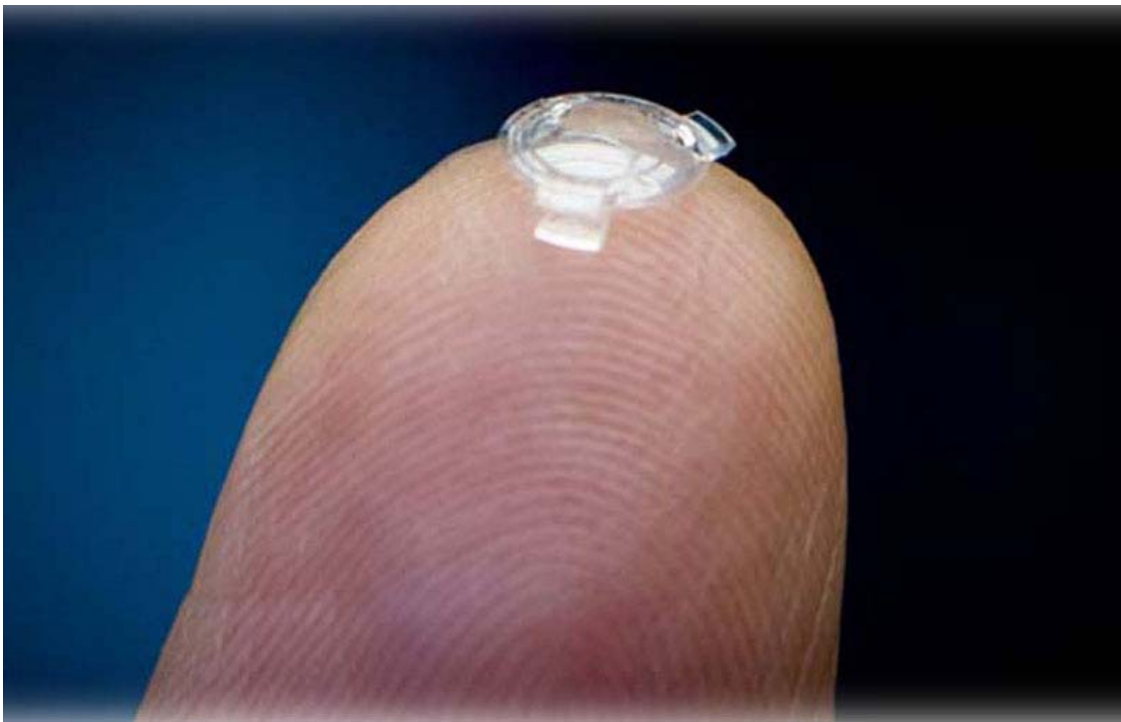


Figura 34: Bionic Lens

Fonte: <https://pplware.sapo.pt/gadgets/high-tech/lente-ocular-bionica-promete-visao-perfeita-para-sempre/>

A 23 and Me⁷⁸ é uma empresa privada de genômica e de biotecnologia nos EUA. Realiza trabalhos genéticos, que vão desde mapear a árvore genealógica até

⁷⁸ Disponível em: <https://www.23andme.com/>. Acesso em 18 abr. 2017.

a montagem de um bebê. Mulheres que buscam engravidar por inseminação artificial, encontraram uma chance: a empresa faz o mapeamento do seu genoma e cruza os resultados com os dados de um potencial doador. A cliente pode decidir os traços que a criança terá. Nesse processo, é possível escolher qual o risco de doenças cardiovasculares, de intolerância a lactose e de câncer intestinal, por exemplo. É também factível escolher, além da cor dos olhos, a aptidão física da criança (que poderá se tornar um atleta melhor em explosão ou resistência) e mesmo o quanto ela ficará ruborizada ao ingerir álcool.

Busca-se a superinteligência com o uso de estimulação magnética transcraniana ou mesmo a ciberconsciência humana, composta por um *software* com capacidade de prover uma fração mínima de concepções, motivações e decisões inconscientes para produzir uma mente de nível humano (Rothblatt, 2016, p. 34); a superlongevidade através de múltiplos mecanismos e tantas outras tentativas tecnológicas que já são capazes de nos transformar.

No artigo “Corpos Híbridos”, Ramos (2008) faz uma discussão sobre a interferência da tecnologia na vida do nosso planeta e em nossa existência. É importante advertir que não somente os humanos estão expostos aos incontáveis experimentos e práticas da biocibernética, mas toda a natureza, incluindo o sistema solar. Esse cenário não é uma conquista dos últimos tempos, mas é na verdade uma consequência da nossa inquietude, da procura incessante pelo desconhecido: tentativa de superar a morte, a nós próprios.

Não costumamos perceber que negar tais relações corresponde a negar a nós mesmos: a ruptura que nossa sociedade impõe entre o homem e o mundo é manifestação extrema da contradição do nós com o outro e da identificação da natureza com o outro a negar e a destruir, seja pela violência, seja pela assimilação (Rodrigues, 2006, p. 231)

Falamos que o ciborgue é uma mistura de homem e máquina, um ser híbrido. No mundo contemporâneo nosso corpo é, cada vez mais, dependente de todos os aparelhos tecnológicos que nos circundam em diferentes graus de intensidade, logicamente, mas, de uma maneira irreversível. Nesse sentido, podemos fazer uma analogia baseada em dois episódios da série *Black Mirror*, criada por Charlie Brooker - “Volto já” e “Toda sua história” - e apresentar as mudanças efetuadas nas configurações de redes sociais, como Google e Facebook, que têm suas próprias políticas para lidar com o morto e com a morte de um usuário.

Os episódios tratam de serviços avançados de *hardware* em um cenário utópico da nossa realidade, mas é interessante evidenciar alguns pontos. O primeiro episódio trata da relação entre um robô idêntico à pessoa falecida e o enlutado. No velório de seu marido, a personagem Martha é informada sobre o sistema de inteligência artificial que, estudando o registro da pessoa por suas mídias sociais, em seguida produz a sua cópia. Este episódio trata de um dos temas mais humanos e sensíveis: a aceitação da morte e o processo de aceitação da perda. O objetivo do *software* é facilitar a superação da perda. Ao perceber a dificuldade de Martha em superar a perda do marido, o sistema de simulação sugere o uso de um nível mais avançado do programa. Além do contato por mensagens e voz, agora a protagonista poderia ter um corpo robótico que simula perfeitamente as características físicas do falecido companheiro.

No segundo episódio, as pessoas andam com um *hardware* de memória implantado no corpo que grava tudo o que se vê e se ouve. Ainda é possível assistir novamente às cenas vividas durante o dia e apagar as memórias indesejáveis. Quando alguém que amamos morre, tudo o que queremos é falar mais uma vez com ele, ou falar com ele para sempre. Queremos estar com ele mesmo depois de morto, assim como no episódio “Volto já”.

Os episódios relatam um campo simulacro da realidade social e apesar das visões otimistas diante do alcance desses fatos relatados, ainda não podemos afirmar a sua concretização, principalmente com relação ao fim da vida. Em contrapartida, as redes sociais já oferecem serviços que possibilitam manter a interação com os nossos amigos e entes queridos falecidos.

O Google⁷⁹ foi a primeira empresa a controlar informações de seus usuários. As contas inativas tiveram certa atenção. A mudança na sua configuração aconteceu com a finalidade de trabalhar com os membros imediatos da família e com representantes para ajudar a fechar a conta do falecido ou fornecer, em certas circunstâncias, conteúdos que alimentem a página do mesmo para continuar interagindo com seus amigos na rede. O gerenciador de contas inativas permite que os usuários cadastrem um contato de confiança para garantir que alguém faça *download* dos dados automaticamente. Estes representantes, os administradores, só

⁷⁹ Disponível em: <https://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2017/04/18/o-que-acontece-com-os-dados-e-as-contas-da-internet-depois-que-alguem-morre.htm>. Acesso em: 27/05/2017.

receberão a notificação referente à nova função após a conta do morto ficar inativa. Enquanto isso não ocorrer, seus dados são sigilosos.

Um e-mail será enviado com uma linha de assunto e uma mensagem que o usuário escrever durante a configuração. Além disso, será adicionada uma nota de rodapé a esse e-mail, explicando que o Google foi instruído a enviá-lo em seu nome depois que tivesse parado de usar a conta⁸⁰.

No Facebook, o usuário pode decidir em vida se deseja transformar a conta em memorial após a morte ou se prefere apagá-la. O intuito do memorial é manter o perfil ativo para sempre, de modo que o “morto” possa receber mensagens de seus amigos vivos. É possível deixar um “herdeiro” da conta, com a finalidade de dar continuidade da mesma após o falecimento. Esse herdeiro tem poder para escrever um post e exibi-lo na *timeline* memorializada. Caso o usuário da conta não deixe herdeiro, a alternativa é avisar a rede, por meio de uma pessoa próxima ao falecido. O perfil receberá o termo “Em memória de”, exibido ao lado do nome. Assim, o Facebook manterá a visibilidade do conteúdo daquela pessoa tal como está, com as respectivas configurações de privacidade.

A inexistência de um corpo não impede que alguma vida exista após a morte.

⁸⁰ Idem.

Conclusão

Surpreendemo-nos com a morte como se ela não fosse o único fenômeno absolutamente previsível.

Carlos Drummond de Andrade

No decorrer dessa pesquisa, percebemos mudanças gradativas ao longo da história no distanciamento da sociedade ocidental diante da morte. Na certeza de que “os homens nascem e os homens morrem”, o antropólogo José Carlos Rodrigues (2006), sustenta que, apesar de ser uma afirmação aparentemente simples, não o é de fato. As filosofias, as mitologias, as práticas, os rituais sempre se colocaram como urgentes e de fundamental valor na busca por soluções simbólicas para a mesma.

Apesar de a morte ser constituída como um evento natural na vida humana, as pessoas de nosso tempo no Ocidente preferem evitar falar sobre ela. É certo que estamos longe de compreender o sentido natural da sua chegada e, quanto mais o tempo passa, mais buscamos caminhos para fugir dela. No Ocidente, a morte tem um peso e permanece como um tabu, que passou a ser reforçado em tempos de cultura do digital e de avanços da tecnologia e da ciência.

No primeiro capítulo, iniciamos com a trajetória da morte no transcorrer da história ocidental e mostramos que esta não é uma discussão atual, pois foram muitos os filósofos, historiadores, sociólogos, biólogos, antropólogos e psicólogos que discutiram o assunto no decorrer da história. Philippe Áries (1990) aponta que nós aprendemos na nossa cultura, evitar a dor e a perda fugindo da morte, criando lacunas onde pensamos estar fugindo dela, deixando de crer na nossa própria finitude. Mas a postura do homem perante a morte nem sempre foi assim.

Na Idade Média, a morte era uma cerimônia pública e organizada pelo próprio moribundo, que reunia seus familiares e amigos na simplicidade com que o rito era realizado. Na visão de Rodrigues (2006) era um fenômeno comum, costumeiro, que

causava uma dor tolerável, pois os ritos eram comunitários e a morte não era entendida como se fosse uma ruptura entre o aqui e o além e. uma relação de proximidade entre vivos e mortos, um período que Ariès o chamou de “Morte Domada”. Como explica este autor (2012), referindo-se aos séculos mais recentes, “o homem das sociedades ocidentais tende a dar à morte um sentido novo. Exalta-a, dramatiza-a, deseja-a impressionante e arrebatadora”. Na concepção de Reis (1991), era a “morte romântica” em sua dimensão literária, mas que no cotidiano doméstico desejava-se privada, recôndita.

No segundo capítulo apresentamos a metodologia aplicada, com o intuito de mostrar os caminhos que nos ajudaram a formalizar a justificativa do tema e a exposição dos dados mais relevantes da pesquisa. Notamos que muitos entrevistados, em suas atitudes referentes à morte através nos meios digitais, reforçaram a existência do tabu na sociedade ocidental. Escrever ao falecido, fazer visitas a um cemitério virtual ou mesmo acompanhar um velório *online* são tendências cada vez mais utilizadas por usuários que preferem manter a distância para não serem “contagiados” pela morte. Por muito tempo, a notícia de falecimento se restringia aos familiares e amigos mais próximos. Hoje esses informes são compartilhados para uma multiplicidade de pessoas distribuídas em espaços geograficamente distintos. Muitas vezes nunca se viram ou se falaram, mas pretendem compartilhar sentimentos solidários. Essas atitudes chamam atenção e chegam a ser contraditórias. Evitam a presença no físico, mas a notícia de falecimento é propagada nas redes sociais e ganha “vida” no ciberespaço.

Essa interconexão e o entrelaçado têm sido permitidos pela rede. Conforme Rezende (2009), as pessoas se cruzam, se misturam em função de um acontecimento em comum. Como bem observou Rodrigues (2006, p. 29) a consciência não consegue pensar o morto como morto e por isso não pode se furtar a lhe atribuir certa “vida”. Vida esta que se recria também no virtual, materializando a “imortalidade” do ser humano.

No terceiro capítulo – “Morte *Online*”, mostramos os processos de mudanças de comportamento que chegam à atualidade e denunciam o fenômeno do “desaparecimento da morte”, na medida que os mortos continuam vivos tendo suas páginas alimentadas pelos *likes* dos usuários. As pessoas encontram uma nova maneira de lidar com suas perdas. Os espaços digitais estão propagando expressões

de sentimentos de dor, angústia e sofrimentos que, visibilizados, passam a ser curtidos, comentados e compartilhados. Mudanças ocasionadas pelo avanço tecnológico, pelas redes sociais que se estabeleceram no ciberespaço, proporcionando a continuação da “vida” aos mortos, através das comunidades virtuais (*Falecidos do Face* e *Profile de Gente Morta*), memoriais *online* e blogs. Esses espaços abrangem manifestações emotivas após a morte e como os usuários buscam formas para homenagear seus amigos e parentes falecidos, como uma maneira de “eternizá-los”, tornando-os mais vivos na memória.

Em pleno século XXI, o avanço tecnológico e as facilidades da interligação entre as pessoas têm proporcionado discussões em ambientes virtuais sobre temas até então considerados tabus pela sociedade ocidental. Se no passado lidar com a morte e com o morto era comum, natural e público, por que não pensar numa nova esfera de interação e socialização por meio do ciberespaço?

No quarto capítulo abordamos a sobrevida, pretendendo mostrar como as tecnologias estão sendo aplicadas para manter “vivo” o morto. Percebemos que o medo, a insegurança da partida faz do homem ocidental um ser obcecado por se manter vivo mesmo após a morte. A partir da mediação das imagens e mensagens veiculadas nas redes sociais, os indivíduos passaram a viver em um mundo movido pela interligação permanente de fatos, notícias, produtos e mercadorias. E seu legado digital ganha um papel fundamental no cenário cibernético.

Outro ponto relevante que trabalhamos na pesquisa foi o crescimento do mercado funerário que, para atender novas tendências de funerais, propõe mudanças significativas nas ofertas de produtos e serviços. Hoje essas empresas estão no ciberespaço divulgando suas marcas e possibilitam novas formas de comunicação com seus clientes. É o mercado fúnebre com seus cemitérios *online*, as comunidades virtuais, os produtos feitos das cinzas e a personalização dos funerais cada vez mais sofisticados para atender o último desejo do morto.

Nesse capítulo registramos o contato que estabelecemos com empresas funerárias, com a finalidade de entender as tendências recentes que têm se firmado nos procedimentos funerários. Os velórios virtuais foram um dos pontos tratados nessa coleta de informações que nos chamaram atenção em virtude de seu alto investimentos. Observamos que a maioria das empresas que já oferecem esse

serviço tem feito altos investimentos em recursos técnicos e pessoais para oferecer um serviço de qualidade. Tornou-se um diferencial na tentativa de reaproximação da morte e dos demais ritos funerários através da transmissão ao vivo na Internet. Com os clientes que já usaram o serviço, pudemos compreender melhor como essas pessoas enxergam a morte e como lidam com as novas tendências fúnebres.

Definimos que o quinto capítulo seguiria a análise sobre os caminhos da “imortalidade” e decidimos trabalhar com os pretensos avanços da tecnologia e da ciência no que respeita ao controle da morte. Investigamos estudos que estão em desenvolvimento acerca do domínio sobre a natureza, conforme a visão de Martins (2012) ao enfatizar os “tipos humanos cada vez mais superiores e a emergência de seres coletivizados imortais”. Nessa busca, apresentamos duas seções: o delírio da transcendência do homem por instrumento da tecnologia, o transumanismo, e a era dos ciborgues, o futuro (pós-) humano. Os dados reafirmam o apego extremo que o homem do Ocidente tem à vida. Mas, em que pesem os avanços da ciência e da tecnologia, a morte não foi abolida.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. **Homo Sacer: o Poder Soberano e a Vida Nua I**. Belo Horizonte: Editora: Ufmg, 2010.

ALVES, R. Sobre a Morte e o Morrer. **Releituras**. Disponível em: http://www.releituras.com/rubemalves_morte.asp. Acesso em: 16 jan. 2016.

ALVES, J. E. Longevidade, singularidade, criogenia e transumanismo. **Ecodebate (site)**. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2017/02/08/longevidade-singularidade-criogenia-e-transumanismo-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso: 21 abr. 2017.

AMORIM, C. “A morte, a arte e a medusa”. In: AMORIM, C; GREINER, C. (orgs.). **Leituras da Morte**. São Paulo: Annablume, 2007.

ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ASCOTT, Roy. A arquitetura da cibercepção In: Lucia Leao (org.). **Interlab: labirintos do pensamento contemporâneo**. São Paulo: Iluminuras-FAPESP, 2002, p. 31-7.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE INTERNET. **ABRANET**. São Paulo, 1996.

BARBOSA, G. F. Política da lava jato na morte de Marisa Letícia. Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/02/06/politica-da-lava-jato-na-morte-de-marisa-leticia/>. Acesso em: 27 mar. 2017.

BARROS, A; LEHFELD, N. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BECKER, E. **A Negação da Morte**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BIANCHINI, A; OIKAWA, E. “Dos Velórios Online aos Diamantes de Cinzas: a Ressignificação dos Rituais Fúnebres a partir das Tecnologias Digitais”. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2013, Manaus. **Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Manaus: Intercom, 2013.

BOFF, L. Dona Marisa ao ódio respondeu doando seus órgãos. Disponível em: <http://www.jb.com.br/leonardo-boff/noticias/2017/02/05/dona-marisa-ao-odio-respondeu-doando-seus-orgaos/>. Acesso em: 04 abr 2017.

BOSTROM, N. **A history of transhumanist thought**. Journal of Evolution and Technology, v.14, n. 1, p. 1-25, 2005a.

BOYD, D. "Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications." In **Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites** (ed. Zizi Papacharissi), 2010.

BRAGA, J. L. **A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões**. In: E-Compós, 2011.

_____. O problema de pesquisa – como começar. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewArticle/5155>. Acesso em: 03 abr. 2017.

CAVALHEIRO, E. A Nova Convergência da Ciência e da Tecnologia. **Parcerias Estratégicas**. V. 13, n. 26, 2008.

CARVALHO, M. S. Pós-Humano Demasiado Pós-Humano. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2007, Santos. **Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Santos: Intercom, 2007.

CASTELLS, M. “A cultura da Virtualidade real”. In: **A Sociedade em Rede** – A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

_____. “A era da informação: Economia, sociedade e cultura”. In: **A sociedade em rede: A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

_____. “Conclusão: a sociedade em rede”. In: **A Sociedade em Rede** – A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

_____. “O poder da identidade”. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra. In: A era da informação: economia, sociedade e cultura, vol. 2, 2000.

CHATFIELD, T. **Como Viver na Era Digital**. Editora Objetiva. 2012.

DAMATTA, R. “Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade”. In: **Mana**, Rio de Janeiro, abr. 2000, vol 06, no. 1, p.7-29. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v6n1/1969.pdf>. Acesso em 25 jun 2015.

DIAS, P. Ritos e Rituais – Vida, morte e marcas corporais: a importância desses símbolos para a sociedade. In.: **VIDYA**, v. 29, n. 2, p. 71-86, jul./dez., 2009 - Santa Maria, 2010. ISSN 2176-4603X. Disponível em: http://sites.unifra.br/Portals/35/Artigos/2009/vol_2/ritos.pdf. Acesso em 25 out. 2014

DIZARD, W. **A Nova Mídia: a comunicação de massa na era da informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DUPUY, J-P. O transumanismo e a obsolescência do homem. In: NOVAES, A. (Org.). **A condição humana: as aventuras do homem em tempos de mutações**. São Paulo: Agir, 2009.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade:** (a Meneceu) / Epicuro: tradução e apresentação de Álvaro Lorencine e Enzo Del Carrote. São Paulo: Unesp, 2002.

ELIAS, N. **A Solidão dos Moribundos.** Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 2001.

FERNKISS, V. **O Homem Tecnológico:** Mito e Realidade. Editores Zahar. 1976.

FONTELES FILHO, P. Discurso do ódio: o martírio de dona. Disponível em: <http://paulofontelesfilho.blogspot.com.br/2017/02/o-discurso-do-odio-o-martirio-de-dona.html>. Acesso em: 18 mar. 2017.

FOUCAULT. M. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro, Ed. Graal. 1979.

FRANÇA, V. Do Telégrafo à Rede: o trabalho dos modelos e a apreensão da Comunicação. In: PRADO A. (org) **Crítica das Práticas Midiáticas.** São Paulo, Hacker Ed, 2002.

FREIRE, M. C. B. **O som do silêncio:** isolamento e sociabilidade no trabalho do luto. Natal: EDUFRN, 2006.

Fronteiras do Pensamento. O Significado da morte e o futuro do pensamento. **YOUTUBE.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eRv3lfOJ478>. Acesso em: 20 jun. 2017.

GALILEU. Todos nós viramos ciborgues. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI298573-17770,00.html>. Acesso em: 09 abr. 2017.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** Campinas, São Paulo: Papyrus, 1990.

GOMES, W. **A política na timeline**. Edufba, 2014.

GRAY, C. H. **Cyborg Citizen**: politics in the posthuman age. New York: Routledge, 2002.

GUZZONI, Ute. Do we still want to be subjects? In: CRITCHLEY, S; DEWS, P. (Orgs.). **Deconstructive subjectivities**. Nova York: State University of New York Press, 1996.

HARAWAY, D. J. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, T. T. (Org.). **Antropologia do ciborgue**: As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HUGHES, J. **Citizen cyborg**: why democratic societies must respond to the redesigned human of the future. Cambridge, MA: Westview, 2004.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JOHNSON, S. **A cultura da interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

JOTTERAND, F. At the roots of transhumanism: from the Enlightenment to a posthuman future. *Journal of Medicine and Philosophy*, v. 35, n. 6, 2010.

KENSKI, R. Singularidade. In: Revista Superinteressante. Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/singularidade/>. Acesso em: 18 mai 2017.

KURZWEILL, R. Reiventando a Humanidade. Disponível em: <http://singularidadetecnologica.blogspot.com.br/2006/04/reinventando-humanidade.html>. Acesso em: 21 abr. 2017.

_____. *The Singularity Is Near: When Humans Transcend Biology*, Penguin Books, 2005.

LEMOS, A. **Cibercultura**: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 5ª ed. Porto Alegre, Sulina, 2015.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009.

LIRA, C. O luto e um processo particular singular e público. Disponível em: <http://delas.ig.com.br/comportamento/o-luto-e-um-processo-particular-singular-e-publico/n1237731702123.html>. Acesso em 22 mar 017.

MAIA, R. MARQUES, F. GOMES, W. **Internet e Participação Política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MANOVICH, L. **El lenguaje de los nuevos medios de comunicación**: La imagen em La era digital. Buenos Aires: Paidós, 2006.

MARINHO, A. Neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis lança livro e fala sobre o poder ilimitado do cérebro. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/neurocientista-brasileiro-miguel-nicolelis-lanca-livro-fala-sobre-poder-ilimitado-do-cerebro-2875906#ixzz4hIPCIQCX>. Acesso em: 19 abr. 2017

MARTINS, H. **Experimentum Humanum**: Civilização tecnológica e condição humana. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

MATOS-SILVA, Mariana Santiago de. “Teclando com os Mortos”: um estudo sobre o uso do Orkut por pessoas em luto. 2011. 152. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

MELLO, C. A. “Finitude, tecnologias e ritos digitais: uma análise sobre a morte e o luto no Facebook” (dissertação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro,

Mito & Realidade. A imortalidade está a duas décadas de distância?, abril 28, 2010.

MORE, M. Transhumanism: toward a futurist Philosophy, 1990. Disponível em: <http://fennetic.net/irc/extropy/ext6.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2017.

MORIN, Edgar. **O homem e a Morte**. Rio de Janeiro: Europa-América, 1997.

NEGRINI, M. A morte no ciberespaço: um estudo etnográfico da comunidade do Orkut “Profile de Gente Morta”. In: **Discursos Fotográficos**. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/3468/5171>. Acesso em 01 abr. 2017.

NICOLELIS, M. **Muito Além do nosso eu**: a nova neurociência que une cérebros e máquinas – e como ela pode mudar nossas vidas. São Paulo: Companhias das Letras, 2011.

NOYS, B. **The Culture of Death**. Oxford: Berg, 2005.

OLIVA, L. C. G. **A existência e a morte**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

OLIVEIRA, M. Olhando a morte dos outros. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-madalena-olhando-morte-outros.pdf>. Acesso em 02 abr. 2017.

PELBART, P. P. “A vida desnudada”. In: AMORIM, C; GREINER, C. (orgs.). **Leituras da Morte**. São Paulo: Annablume, 2007.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. Normas para apresentação de teses e dissertações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2015.

PRAGMATISMO. Pessoas torcem pela morte de dona Maria após AVC. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/01/pessoas-torcem-pela-morte-de-dona-marisa-apos-avc.html>. Acesso em: 21 mar. 2107.

RAMOS, G. Corpos Híbridos. In: XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2008/artigos/174.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2017.

RECUERO, R. “Comunidades Virtuais: Uma abordagem teórica”. Trabalho apresentado no V Seminário Internacional de Comunicação, no GT de Comunicação e Tecnologia das Mídias, promovido pela PUC/RS, 2001. Disponível: <http://www.raquelrecuero.com/teorica.pdf>. Acesso: 07 set. 2015.

_____. Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo. Trabalho apresentado na Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2005.

_____. Comunidades em Redes Sociais na Internet: Proposta de Tipologia baseada no Fotolog.com. Tese de Doutorado. Porto Alegre. UFRGS. 2006.

REIS, J. **A morte é uma festa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REZENDE, R. “A multiplicação dos mortos”: comemoração e constituição da memória nas comunidades virtuais. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2009, Curitiba. **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba: Intercom, 2009.

_____. Fragmentos de um corpo: as tecnologias da comunicação e as narrativas na Idade Média e na Idade Mídia [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: UFF, 2009.

_____ ; BARBOSA, M. “Fragmentos de um corpo: as novas tecnologias da comunicação e a construção da morte contemporânea”. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2007, Santos. **Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Manaus: Intercom, 2007.

RFI: As vozes do Mundo. Estresse e tensão política provocaram morte de Marisa Letícia diz biografia de Lula. Disponível em: <http://br.rfi.fr/brasil/20170202-estresse-e-tensao-politica-provocaram-morte-de-marisa-leticia-diz-biografa-de-lula-0>. Acesso em: 27 mar. 2017.

RIBEIRO, R. R. **A Morte Mdiatizada**: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida. Icarai: Eduff, 2015.

RHEINGOLD, H. **La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras**. Gedisa Editorial. Colección Limites de La Ciencia. Barcelona, 1994.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

_____. Silêncio e espetacularização. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura do XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2001.

_____. Publicidade, silêncio, personalização, espetáculo: representações da morte no Ocidente. In: Alceu, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, jan/jun. 2013. Disponível: <http://revistaalceu.com.pucRio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=38>. Acesso: 04 abr. 2015.

ROTHBLATT, M. **Virtualmente Humanos**: as promessas e os perigos da imortalidade digital. Tradução Jeferson Luiz Camargo; prefácio de Ray Kurzweil. São Paulo: Cultrix, 2016.

SILVA, A. & LUDORF, S. VAN GENNEP, A. V. Os ritos de passagem. 2ª ed. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011. In.: **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 4, p. 8211113, out./dez. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/viewFile/19501/13124>. 04/04/2015. Acesso: 02 abr. 2015.

Super Interessante. E depois de nós? O avanço imparável do transumanismo, SUPER 155, Março 2011.

ROSA, G. A; SANTOS, B. R. **Facebook e as novas identidades virtuais**. Brasília: Thesaurus, 2013.

SANDBERG, A. Definitions of transhumanism. In: _____. **Introductory texts about transhumanism**, s/d. Disponível em: <http://www.aleph.se/Trans/Intro/definitions.html>. Acesso em: 19 abr. 2017

SÊNECA, L. A. **Sobre a brevidade da vida**. Coleção L&PM Pocket, 2006

SIMMEL, Georg. A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal. In: _____. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SODRÉ, M. Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TADEU, T (org.); HARAWAY, D; KUNZRU, H. **Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TEIXEIRA, J. F. **O cérebro e o robô: Inteligência artificial, biotecnologia e a nova ética**. São Paulo: Paulus, 2015.

VAN GENNEP. A. V. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.

VERNON, V. Technological singularity. Disponível em: <<http://mindstalk.net/vinge/vinge-sing.html>>. Acesso em: 2 abr. 2017.

YIN, R K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.

YOUNG, S. **Designer evolution**: a transhumanist manifesto. New York: Prometheus Books, 2006.